



ESTG

O PROCESSO CRIATIVO ENTRE O DESIGN E A MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DE UMA  
EXPERIÊNCIAS VEICULADORA DE CULTURA

2020



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

# O PROCESSO CRIATIVO ENTRE O DESIGN E A MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DE UMA EXPERIÊNCIA VEICULADORA DE CULTURA

Rita Martins Novo



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE VIANA DO CASTELO

Rita Martins Novo

O PROCESSO CRIATIVO ENTRE O DESIGN E A MÚSICA  
NO DESENVOLVIMENTO DE UMA EXPERIÊNCIA  
VEICULADORA DE CULTURA

Nome do Curso de Mestrado  
Design Integrado

Trabalho efectuado sob a orientação do  
Professor Doutor Ermanno Aparo  
E coorientação da  
Professora Doutora Liliana Soares

agosto de 2020

**Presidente:**

Doutor João Carlos Monteiro Martins

Professor Adjunto do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

**Vogal/Arguente:**

Doutor Fernando José Carneiro Moreira da Silva

Professor Catedrático da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

**Vogal/Orientador:**

Doutora Liliana C. Marques Soares e Aparo

Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Co - orientadora

## Agradecimentos

Chega a hora de escrever neste espaço, que é o único em branco, com o propósito de reviver este que foi um momento tão intenso e de entrega ao projeto. Como bem sei, nunca ninguém contruiu uma casa sozinho e esta “casa”, não foi exceção a regra.

Em primeiro lugar, gostaria de expressar os meus mais sinceros agradecimentos aos meus orientador e coorientadora, Professor Doutor Ermanno Aparo e Professora Doutora Liliana Soares, pela persistência, pela paciência, pela dedicação, pelas palavras que foram ditas sempre com sabores tão elucidativos nas horas mais difíceis, mas acima de tudo, pela oportunidade que me deram de juntar-me a esta família. Aos dois, o meu mais sincero obrigada, pois sem eles não seria possível.

A Professora Mestre Rosa Venâncio, quem não poderia deixar de referir, pela incansável dedicação e tempo despendido durante este processo, por ser um ser-humano que dá sem esperar receber nada em troca, de quem levo os melhores ensinamentos, o meu carinho e agradecimento muito especial.

Às duas pessoas que estão na origem de qualquer vitória que eu conquiste ao longo da vida, os meus pais, Luciano e Cidália, por todas as vezes que me puseram à prova em frente à vida e me deixaram cair para que eu aprendesse a levantar-me sempre, com esforço, com garra e com ambição, um obrigada a estas duas eternas referências.

Ao meu irmão, Luciano e a minha cunhada Luz, agradeço-lhes pela sinceridade nas palavras, pelo amor nas ações, pela lealdade que me demonstram sempre e por acreditarem em mim, até quando eu mesma duvido.

Impossível esquecer, o que me encontrou na fase de maior dificuldade, o meu amigo, meu confidente e namorado, João, por todo o apoio incondicional durante esta fase, por ver em mim um mundo e nunca me deixar desistir, por ter sido o meu porto de abrigo, um obrigada eterno, porque sem ti não tinha o mesmo sabor.

A minha melhor amiga, Andreia, a quem não poderia ficar, de forma alguma, a dever estas palavras, distingo um agradecimento, por estar ao meu lado nesta conquista, por todos os conselhos facultados, por toda a sua sapiência e assertividade, a esta mulher, reconheço um mundo.



A todas as entidades e pessoas envolvidas neste projeto, desde todas as empresas enumeradas ao longo do texto a todos os profissionais que participaram com as suas habilidades, fica o meu sincero agradecimento, pois sem eles, este projeto, não se concretizaria.

Por fim, sem me poder alongar, agradeço de um modo geral, a todos os meus familiares e amigos que participaram nesta conquista de forma mais ou menos direta, com palavras de força e coragem, são também eles merecedores desta vitória.

## Resumo

Este estudo tinha como propósito averiguar em que medida o processo criativo entre o design e a música poderiam ser determinantes para a produção de uma experiência veiculadora de cultura. Num momento histórico caracterizado por comportamentos sociais associados à descontinuidade, à interrupção, à velocidade, à contradição e ao vazio existencial (Bauman, 2000) parece pertinente levantar a hipótese que considera o Design de Experiência (Brown, 2009) como uma oportunidade para gerar produtos com significado.

Uma ação criativa e aberta que juntou designers e músicos numa ação metodológica orientada para o processo e que incluiu o ato de improvisação que caracteriza as artes do espetáculo como a música. Em termos objetivos, esta investigação tirou partido de uma parceria com a Associação Cultural Hinoportuna e a Câmara Municipal de Viana do Castelo, que cedeu o Centro Cultural de Viana do Castelo para que se pudesse desdobrar esta experiência.

No decorrer do processo, estiveram também envolvidas outras entidades, gerando-se desta forma uma rede-territorial. Em termos metodológicos utilizou-se uma metodologia mista, intervencionista e não intervencionista. A fase intervencionista assentou no método participativo do Co-Design (Aparo, Soares, Moreira da Silva, 2017), caracterizado pela sua vertente cooperativa e colaborativa no desenvolvimento de projetos. O que significa que na conceção e no desenvolvimento da experiência todos os envolvidos se entreajudaram na procura de respostas às questões colocadas. Esta fase prática foi validada através de entrevistas, feitas a membros da Tuna Académica do IPVC-Hinoportuna – e a espectadores assíduos de edições anteriores do evento, porém, com ligação pessoal e/ou associativa a Hinoportuna.

Este processo criativo envolveu uma designer e um evento – Festival de Tunas de Viana do Castelo, *Lethes* - que contaria com a participação da Tuna Académica do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, a Hinoportuna – tuna anfitriã – e com a participação de um total de seis tunas convidadas a concurso, bem como outros grupos musicais convidados, unicamente para participação. É importante que, durante e após o desenvolvimento desta investigação, se compreenda a importância do Associativismo no percurso académico e

consequentemente no desenvolvimento e enriquecimento de experiências culturais.

No final, o resultado deste processo provocou o desenvolvimento do design de uma experiência, através da aplicação da metodologia do *Co-Design*. Por um lado, desenvolveu-se um projeto composto por um adereço de cena, os prêmios de distinção e de participação e o cenário, que complementaram fisicamente o design da experiência no decorrer do espetáculo. Por outro lado, o encadeamento de acontecimentos, antes, após e durante o processo, contribuiu para a criação de vínculos entre os músicos e o designer.

Neste estudo a disciplina do design assume a responsabilidade de mediar as expressões artística, cultural, técnica e social de um povo. Trata-se de uma escolha holística, onde o objetivo seria compreender os fenômenos do design da experiência na sua totalidade. Sendo este um processo, claramente aberto a novas influências de áreas diversificadas esperava-se, igualmente, demonstrar que a criação de um sistema de rede-territorial pode ser uma oportunidade para o desenvolvimento de afinidades entre disciplinas, contribuindo para a sustentabilidade.

**Palavras-chave:** Design de Experiência; Design e Música; Rede-Territorial; Co-Design; Design em Contexto

## Abstract

This study aims to ascertain the extent to which the creative process between design and music determines the production of a culture-serving experience.

In a historical moment characterized by social behaviors associated with discontinuity, interruption, speed, contradiction and existential emptiness (Bauman, 2000) it seems pertinent to raise the hypothesis that considers The Design of Experience (Brown, 2009) as an opportunity to generate meaningful products. A creative and open action that combined designers and musicians alike, in a methodological action catered towards the process, which included the action of improvisation characteristic of showbiz arts like music.

Most objectively, this research took advantage of a partnership between the Hinoportuna Cultural Association and the Municipality of Viana do Castelo, which lent the Viana do Castelo Cultural Centre as a stage for the unfolding of this experience. During the process, other entities were also involved, thus generating a territorial network.

In methodological terms, a mixed, interventionist and non-interventionist methodologies are used. The interventionist phase was based on the participatory method of Co-Design (Aparo, Soares, Moreira da Silva, 2017), characterized by its cooperative and collaborative aspect in the development of projects. This means that during the experimental design and development of this experience, all parties involved helped each other in the search for answers the questions presented. This practical phase was validated through interviews, made to member of the Academic Tuna of IPVC- Hinoportuna - and to assiduous spectators of previous editions of the event, however, with personal and/or associative connection to Hinoportuna.

This creative process involved a designer and an event – Festival de Tunas de Viana do Castelo, *Lethes* - which would count with the participation of the Academic Tuna of the Polytechnic Institute of Viana do Castelo, Hinoportuna – host tuna – and with the participation of a total of six tunas invited to the competition, as well as other invited musical groups, solely for participation. It is important that, both during and after the development of this investigation, the

significance of associativism in the academic path, and consequently, in the development and enrichment of cultural experiences is understood.

In the end, the result of this process gave rise to the development of experimental design, through the implementation of the Co-Design methodology. On the one hand, a project consisting of a scene prop, distinction and participation awards, and the scenery, which physically complement the design of the experience during the show, is developed. On the other hand, the chaining of events, before, after and during the process, contributes to the bonding between the musicians and the designer.

In this study the subject of design assumes the responsibility of mediating the artistic, cultural, technical and social expressions of a people. This is a holistic choice, where the goal would be to understand the design phenomenon of the experience in its entirety. This being a process that is clearly open clearly open to new influences from multiple areas, it was also expected for it to demonstrate that the creation of a territorial network system can be an opportunity for the development of affinities between subjects, contributing to sustainability.”

**Keywords:** Experience Design; Design and Music; Territorial Network; Co-Design; Design in Context

## Índice Geral

Agradecimentos .....	3
Resumo .....	5
Abstract .....	7
Índice de Figuras .....	12
1. Introdução .....	16
I. Objeto de Estudo .....	16
II . Questão de Investigação .....	17
III. Hipótese de Investigação.....	17
IV. Limitações do Estudo .....	17
V. Motivações de Interesse.....	18
VI. Objetivos .....	19
VII. Metodologia.....	19
Primeiro momento: A procura, o conhecimento e o significado .....	20
Segundo momento: Provocação de reflexões.....	20
Terceiro momento: Projeção de ideias futuras.....	21
Quarto momento: Prototipagem de ideias e conceitos.....	21
2. Primeiro momento: procura, conhecimento e significado .....	23
2.1. Design em Contexto (DA COSTA, 1998) como processo criativo portador de inovação .....	23
2.2. Caso de Estudo de Design para o Contexto: o caso “Alice na Viana das Maravilhas” (Viana do Castelo, 2016).....	26
3. Segundo momento: provocação de reflexões .....	34
3.1. O Espetáculo “Revista ao Sá de Miranda” .....	34
3.2. Trabalho de Campo: Entrevistas .....	35
3.2.1. Escolha dos entrevistados .....	35
3.2.2. Apresentação dos Entrevistados.....	36

3.2.3. Análise das entrevistas realizadas aos seis inquiridos - Questões colocadas aos inquiridos no âmbito do festival Lethes, e à importância do associativismo.....	39
3.2.4. Considerações intercalares.....	61
3.2.5. Criação de premissas de Projeto em tempos de Pandemia.....	64
4. Terceiro momento: Projeção de ideias futuras .....	65
4.1. Desenvolvimento do Projeto para o XX Festival Lethes .....	65
4.2. Apresentação e fundamentação do tema .....	65
4.3. Criação do sistema de Rede de Empresas.....	69
4.4. Criação de hipóteses satisfatórias de projeto .....	72
4.5. Fase Experimental e de discussão de ideias .....	72
4.5.1. Fase de Experimentação do prémio nos laboratórios de cerâmica. ....	75
5. Quarto momento: Prototipagem de ideias e conceitos.....	78
5.1. Projeto de Cenário Lethes: prémio, adereço de cena e cenário .....	78
5.1.1. Parte 1: Desenvolvimento do Prémio de Distinção .....	79
5.1.2. Parte 2: Desenvolvimento do Adereço de Cena .....	88
5.1.3. Parte 3: Desenvolvimento do Cenário.....	96
5.2. Considerações de Projeto.....	96
6. Conclusão .....	99
7. Referências Bibliográficas.....	104
8. Apêndices.....	107
8.1. Apêndice 1 – Questões colocadas aos entrevistados .....	107
8.1.1. As questões colocadas a Ricardo Sá.....	107
8.1.2. As questões colocadas a Nuno Barbosa.....	107
8.1.3. As questões colocadas a João Teixeira .....	108
8.1.4. As questões colocadas a Paula Chaves .....	109
8.1.5. As questões colocadas a Pedro Magalhães .....	109
8.1.6. As questões colocadas a Vítor Monteiro .....	110
8.2. Apêndice 2 - Entrevistas .....	111

8.2.1. Entrevista com Ricardo Sá – Designer e atual Presidente da Hinoportuna.....	111
8.2.2. Entrevista com Nuno Barbosa – Gestor da empresa Vivexperiência no Posto de Turismo de Viana do Castelo e Docente no Instituto Politécnico de Viana do Castelo.....	118
8.2.3. Entrevista com João Teixeira – Designer na empresa Cadeinor, Braga .....	124
8.2.4. Entrevista com Paula Chaves– Designer e Gerente da empresa O <i>Merceneiro</i> , responsável pelo departamento criativo .....	129
8.2.5. Entrevista com Pedro Magalhães– Gestor e Diretor de Operações na empresa Cadeinor, Braga .....	133
8.2.6. Entrevista com Vitor Monteiro– funcionário dos Serviços de Ação Social – SAS IPVC, Responsável pela Produção da Oficina Cultura.....	138
8.3. Apêndice 3 - Diário de Bordo .....	142
8.4. Apêndice 4 - Ficha Técnica do material utilizado na produção dos prémios .....	155



## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> Fluxograma da metodologia inicial a aplicar na investigação. Fonte: Rita NOVO.....	22
<b>Figura 2</b> Fluxograma da aplicação do Design em Contexto como processo criativo portador de inovação. Fonte: Rita NOVO .....	25
<b>Figura 3</b> – Apresentação do projeto “Alice na Viana das Maravilhas” Fonte: <a href="https://alicenavianadasmaravilhasblog.wordpress.com">https://alicenavianadasmaravilhasblog.wordpress.com</a> [acedido a 27/06/2016] .....	26
<b>Figura 4</b> Espetáculo “Alice na Viana das Maravilhas” realizado em diferentes espaços do Inauguro no dia 8 de julho de 2016. Tratamento de imagem Ermanno Aparo.....	27
<b>Figura 5</b> Sistema de Produto “OLÉ!” Fonte: João Pontes. ....	28
<b>Figura 6</b> Conjunto de chá “Cortem-lhe a cabeça” resultantes do Projeto “Alice na Viana das Maravilhas”. Fonte: João Pontes. ....	29
<b>Figura 7</b> Sistema de produto “ILLUSION” resultante do Projeto “Alice na Viana das Maravilhas”. Fonte: IPVC.....	30
<b>Figura 8</b> Projeto “UpsideDown” resultantes do Projeto “Alice na Viana das Maravilhas”. Fonte: IPVC. ....	30
<b>Figura 9</b> Linha de objetos “PURGA” resultante do Projeto “Alice na Viana das Maravilhas”. Fonte: IPVC. ....	31
<b>Figura 10</b> Sistema de produto “LUCHOC” resultantes do Projeto “Alice na Viana das Maravilhas”. Fonte: IPVC.....	32
<b>Figura 11</b> Folheto informativo do espetáculo "Revista ao Sá de Miranda" da Associação Musical Zé Pedro. Fonte: Rita NOVO .....	34
<b>Figura 12</b> Registo fotográfico da entrevista ao inquirido Ricardo Sá. Fonte: Rita NOVO.....	36
<b>Figura 13</b> Quadro síntese da informação básica dos entrevistados. Fonte: Rita NOVO.....	38
<b>Figura 14</b> Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre o início do interesse pelo Associativismo. Fonte: Rita NOVO .....	40
<b>Figura 15</b> Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre a sua ligação com a Hinoportuna. Fonte: Rita NOVO.....	42

<b>Figura 16</b> Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre os pontos fracos do festival. Fonte: Rita NOVO .....	47
<b>Figura 17</b> Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre os pontos fortes do festival. Fonte: Rita NOVO .....	48
<b>Figura 18</b> Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre a comparação do festival a outros eventos do mesmo carater. Fonte: Rita NOVO .....	49
<b>Figura 19</b> Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre a oferta do Lethes à cidade. Fonte: Rita NOVO .....	59
<b>Figura 20</b> Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre o público-alvo do festival. Fonte: Rita NOVO.....	60
<b>Figura 21</b> Da esquerda para a direita: 14ª Edição do Lethes " XIV Lethes", Teatro Sá de Miranda. 15ª Edição do Lethes " XV Lethes", Teatro Sá de Miranda. Fonte: <a href="https://www.facebook.com/hinoportunaipvc">https://www.facebook.com/hinoportunaipvc</a> , [acedido a 16 de julho de 2020].	66
<b>Figura 22</b> Da esquerda para a direita: 17ª Edição do Lethes " XVII Lethes", Centro Cultural de Viana do Castelo. 19ª Edição do Lethes " XIX Lethes", Centro Cultural de Viana do Castelo. Fonte: <a href="https://www.facebook.com/hinoportunaipvc">https://www.facebook.com/hinoportunaipvc</a> , [acedido a 16 de julho de 2020] .....	67
<b>Figura 23</b> Da esquerda para a direita: Atuação da Hinoportuna na 17ª edição do Lethes "XVII Lethes", 2017, Centro Cultural de Viana do Castelo. Fonte: <a href="https://www.facebook.com/hinoportunaipvc">https://www.facebook.com/hinoportunaipvc</a> [acedido a 11 de junho de 2020]. Cartaz do "XX Lethes" da autoria do designer João Teixeira. Fonte: Associação Cultural HINOPORTUNA.....	69
<b>Figura 24</b> Fluxograma do Sistema de Rede-Territorial criado durante o desenvolvimento do projeto . Fonte: Rita NOVO.....	71
<b>Figura 25</b> Croquis de estudo para o prémio de distinção. Fonte: Rita NOVO .	72
<b>Figura 26</b> Primeiro modelo à escala 1:5 do prémio em impressão 3D. Fonte: Rita NOVO.....	73
<b>Figura 27</b> Segundo modelo à escala 1:5 do prémio em impressão 3D. Fonte: Rita NOVO .....	74
<b>Figura 28</b> Terceiro modelo do prémio impresso á escala 1:1, em 3D. Fonte: Rita NOVO.....	74
<b>Figura 29</b> Reunião com a responsável das oficinas e aluna da academia sénior do IPVC. Fonte: Rita NOVO .....	75

<b>Figura 30</b> Da esquerda para a direita: Modelo final do prémio impresso em 3D; Print Screen da modelação do modelo final. Fonte: Rita NOVO .....	76
<b>Figura 31</b> Primeiro protótipo do prémio, com escala reduzida e teste de acabamento, produzido nas oficinas de cerâmica do IPVC. Fonte: Rita NOVO .....	76
<b>Figura 32</b> Esquema do palco e cenário do festival XX Lethes. Fonte: Rita NOVO .....	78
<b>Figura 33</b> Segundos protótipos dos prémios com inscrição manual, produzidos nas oficinas de cerâmica .....	79
<b>Figura 34</b> Pormenor de rotura dos segundos protótipos dos prémios com inscrição manual, produzidos nas oficinas de cerâmica do IPVC. Fonte: Rita NOVO .....	80
<b>Figura 35</b> Terceiros protótipos dos prémios sem inscrição com base recortada pós-cozedura, produzidos nas oficinas de cerâmica do IPVC. Fonte: Rita NOVO. ....	80
<b>Figura 36</b> Enchimento das formas com a pasta de grés, na fábrica de Cerâmica Artística Vale do Neiva. Fonte: Rita NOVO .....	82
<b>Figura 37</b> Abertura dos moldes das peças. na fábrica de Cerâmica Artística Vale do Neiva. Fonte: Rita NOVO .....	82
<b>Figura 38</b> Peças em período de secagem natural, na fábrica de Cerâmica Artística Vale do Neiva. Fonte: Rita NOVO .....	83
<b>Figura 39</b> Fase de vidragem, acabamento e cozedura, na fábrica de Cerâmica Artística Vale do Neiva. Fonte: Rita NOVO .....	84
<b>Figura 40</b> Aplicação das inscrições dos prémios através da técnica de serigrafia, na Marcuper - Decoração em Louça, Lda. Fonte: Rita NOVO .....	84
<b>Figura 41</b> Aplicação das fitas nos prémios para registo fotográfico. Fonte: Rita NOVO .....	85
<b>Figura 42</b> Prémios Finais Fonte: Rita NOVO .....	86
<b>Figura 43</b> Fluxograma de produção dos prémios. Fonte: Rita NOVO .....	87
<b>Figura 44</b> Esquços do adereço de cena. Fonte: Rita NOVO .....	88
<b>Figura 45</b> Material utilizado no esqueleto do adereço de cena, Aço, 12x12. Fonte: Rita NOVO .....	89
<b>Figura 46</b> Curvamento dos tubos de aço, com recurso de uma calandra na Ferrolimiana. Fonte: Rita NOVO .....	90

<b>Figura 47</b> Arcos de aço com 2000 mm de diâmetro antes de serem soldados. Fonte: Rita NOVO .....	90
<b>Figura 48</b> Máquina de corte de aço. Fonte: Rita NOVO .....	91
<b>Figura 49</b> Soldagem da estrutura do adereço de cena na Serralharia Miranda. Fonte: Rita NOVO .....	92
<b>Figura 50</b> Estrutura do adereço de cena, soldada na Serralharia Miranda. Fonte: Rita NOVO .....	92
<b>Figura 51</b> Material utilizado no revestimento das laterais do adereço de cena, Platex. Fonte: Rita NOVO .....	93
<b>Figura 52</b> Acabamentos do adereço de cena. Fonte: Rita NOVO .....	94
<b>Figura 53</b> Adereço de Cena final. Fonte: Rita NOVO .....	94
<b>Figura 54</b> Interação Homem-Objeto, com adereço de cena final. Fonte: Rita NOVO.....	95
<b>Figura 55</b> Testes de Luz/Sombra com o adereço de cena. Fonte: Rita NOVO	95
<b>Figura 56</b> Testes de Luz/Sombra com o adereço de cena. Fonte: Rita NOVO	96

## 1. Introdução

### I. Objeto de Estudo

Com esta pretende-se demonstrar de que forma o processo criativo entre o design e a música, será determinante na produção de uma experiência veiculadora de cultura, assentando-a sobre a base do Design de Experiência (Brown, 2009)<sup>1</sup>.

Esta será uma ação criativa e aberta, que junta designers e músicos numa ação metodológica orientada para o processo, que inclui, o ato de improvisação característico das artes do espetáculo, como a música, que originará o cenário para o festival Lethes, com o objetivo de refletir o processo criativo em torno do desenvolvimento desta experiência.

A criação de uma Rede-Territorial, vista como uma oportunidade, será um resultado da parceria com a Associação Cultural Hinoportuna e o Mestrado em Design Integrado no desenvolvimento deste projeto, envolvendo no seu percurso várias entidades, entre elas empresas da região de Viana do Castelo.

Neste estudo, o âmbito do Design de Experiência (Brown, 2009), é fundamentado na escolha do evento, sendo ele um evento com várias edições e com valências que assegurarão a ligação entre o projeto e as pessoas envolvidas. Os espetáculos interativos são cada vez mais requisitados pelo público e esta será uma oportunidade de trazer ao público, através do espetáculo, algo da disciplina do design.

É pertinente que se assuma o design como algo resultante de uma expressão artística, cultural, filosófica, técnica e social, ou a junção de todas elas, essencialmente pela necessidade que existe em demonstrar o design como um “campo fértil”, onde é permitido a profissionais de outras áreas a atuação direta ou indireta no processo do mesmo (De Moraes, 1997)<sup>2</sup> transmitindo para o design novos vínculos, aclarando a perspetiva de quem lida diretamente com as questões do design.

---

<sup>1</sup> (Brown, 2009)

<sup>2</sup> (De Moraes, 1997)

## **II. Questão de Investigação**

Em que medida o processo criativo entre o design e a música determina a produção de uma experiência transmissora de emoções e de cultura?

## **III. Hipótese de Investigação**

O desenvolvimento de produtos através do co-design, pode ser um ocasião para criar uma rede territorial, valorizando os diversos parceiros envolvidos e contribuindo para o conhecimento.

## **IV. Limitações do Estudo**

- O Design da Experiência dependerá do envolvimento do público, dos músicos da tuna e da própria designer.
- A elaboração das peças, orientada para o processo, será um limite de projeto quer na vertente da música, quer na vertente do design, uma vez que as bases da improvisação são geradas pela fluidez do momento.
- Ter em consideração os tempos do Centro Cultural de Viana do Castelo, porque a planificação e o desenvolvimento do evento onde decorrerá a demonstração musical e a mostra das peças acontecerá no mesmo espaço em que ocorrem outros eventos, com necessidades e características diferentes, alterando assim a disposição do espaço entre elas e fazendo com que o tempo de ensaio seja curto.
- Examinar os timings dos músicos da Tuna, no sentido que o processo de design acontecerá quando todos os músicos estiverem presentes.
- Articular o processo dos músicos com a vertente artesanal da construção dos protótipos.
- O desenvolvimento do projeto ao nível do protótipo.
- Apresentar o protótipo ao parceiro do projeto – Hinoportuna - e Centro Cultural de Viana do Castelo.
- Desenvolver uma rede de empresas no desenvolvimento do projeto.

## V. Motivações de Interesse

Motivada pela necessidade de saber mais, esta investigação revela não só um projeto, mas também uma concretização e um crescimento pessoal. É desde o primeiro momento de instrução da disciplina do Design, com início na Licenciatura de Design do Produto, que surge o desejo pelo rigor e disciplina imposto nesta área. Esta investigação é, nada mais, nada menos, que uma superação pessoal e um espelho de todas as referências adquiridas ao longo destes anos.

Desde o início da formação académica em design que o ato de experimentação está presente, desde materiais, texturas, técnicas, perspetivas, proporções, metodologias, entre outras, todos os projetos passam por uma fase experimental. O Design de Experiência (Brown, 2009) é uma vertente do Design que veio despertar interesse imediato, pela sua face prática e de improvisação no âmbito do projeto.

Quanto á disciplina do Design, esta investigação pretende pôr em prática metodologias e pensamentos adquiridos, o que funcionará como meio de transmissão desta disciplina, no âmbito do projeto, desenvolvendo-se o cenário para o evento que completa esta experiência.

A música vem sido incutida desde cedo através de familiares e pela sua presença tão assídua, criou-se um laço inquebrável entre ela e a ambição de ser designer. Desta forma, foi estimulada por estas duas ligações, que surgiu a proposta de coligar duas paixões, a música e o Design. Do ponto de vista do Mestrado em Design Integrado e da Instituição, o Instituto Politécnico de Viana do Castelo conta já com duas dissertações<sup>3</sup> de mestrado que demonstram a coligação descrita anteriormente, revelando-se numa motivação de interesse para o desenvolvimento deste tema.

No que diz respeito a Rede-Territorial gerada em torno do projeto, esta investigação traz as pequenas empresas envolvidas e as restantes entidades, a oportunidade de criarem ligações entre si e relacionarem-se em futuras e possíveis eventualidades, contribuindo desta forma para a sua sustentabilidade.

---

<sup>3</sup>As dissertações de João Rodrigues (2018) e Carlos Almeida (2017). In <http://repositorio.ipv.pt/handle/20.500.11960/421?offset=20>

É imprescindível, pensar na cidade de Viana do Castelo e não ser motivado pelo que ela tem de melhor, a sua cultura. Desta forma, esta investigação, traz a cidade de Viana do Castelo mais uma página de história, e ao seu povo, uma experiência inesquecível, alimentando desta forma a vertente cultural tão afagada pelo povo Vianense.

## VI. Objetivos

Esta investigação tem como objetivo **principal**:

- Ativar o desenvolvimento e design de uma experiência em co-design, demonstrando assim que o processo criativo entre o design e a música é determinante para a criação de uma experiência transmissora de cultura;

Esta investigação tem como objetivos **secundários**:

- Gerar e desenvolver uma experiência entre a música e o design;
- Usar a técnica do co-design (Aparo, Soares, Moreira da Silva, 2017), caracterizado pela sua vertente cooperativa e colaborativa no desenvolvimento de projetos. O que significa que na conceção e no desenvolvimento da experiência todos os envolvidos se entreajudam na procura de respostas às questões colocadas.
- Utilizar a cultura de “Design em Contexto” (DA COSTA, 1998), como vínculo de fundamentação para o Design de Experiências;
- Fazer um levantamento de possíveis entidades para trabalhar em parceria com o projeto na fase de conceção dos protótipos;
- Analisar e entender o envolvimento das entidades associativas nos percursos académicos
- Planear e Conceber o Cenário – Cenário, Adereço de Cena e Prémios;

## VII. Metodologia

A investigação decorreu sobre a base do método empírico-misto e assentou na metodologia do *Co-Design*, que é praticada em quatro fases distintas (ZAMENOPOULOS, ALEXIOU, 2018: 28):

- **a procura, o conhecimento e o significado,**
- numa segunda fase surge a **provocação de reflexões,**



- na terceira fase a **projeção de ideias futuras** e por fim,
- a **prototipagem de ideias e conceitos**.

Estas fases do Co-Design permitiram dividir a investigação em quatro momentos:

### **Primeiro momento: A procura, o conhecimento e o significado**

Esta fase sustentou o levantamento e a análise do que era pretendido para a investigação e residiu, essencialmente, em:

- respetiva revisão bibliográfica de autores como *Zygmunt Bauman*<sup>4</sup> alusivo ao contexto da Modernidade Líquida;
- fundamentação do Design de Experiências de *Tim Brown*<sup>5</sup>;
- revisão bibliográfica acerca do conceito de redes territoriais com os autores Ermanno Aparo, Liliana Soares e Fernando Moreira da Silva<sup>6</sup>
- e contextualização do conceito de Design em Contexto (DA COSTA, 1998) <sup>7</sup>.

De igual modo, evidenciaram-se referências étnicas, analisando casos de estudo e identificando tendências com o objetivo de realizar uma avaliação comparativa.

Nesta fase, pretende-se identificar a tipologia do evento, qual o género musical predominante e onde se desenrolará. Esta fase permitiu perceber a resolução do desafio projetual.

### **Segundo momento: Provocação de reflexões**

Fase de análise dos primeiros encontros, reuniões, os ensaios, entrevistas a membros da Hinoportuna e a pessoas externas a mesma, porém, com ligações de cariz pessoal e/ou associativo. Nesta fase importa perceber de que forma se poderá interpretar a proposta no futuro, no sentido em que esta foi essencialmente, uma fase de aprendizagem, onde todas as ideias pessoais, diretas ou indiretas, foram válidas para delinear a experiência. Esta fase caracterizou-se pela vertente quantitativa, qualquer conversa ou reflexão, foi

---

<sup>4</sup> (BAUMAN, 2000)

<sup>5</sup> (BROWN, 2019)

<sup>6</sup> (APARO, SOARES, & MOREIRA DA SILVA, 2018)

<sup>7</sup> (DA COSTA, 1998)

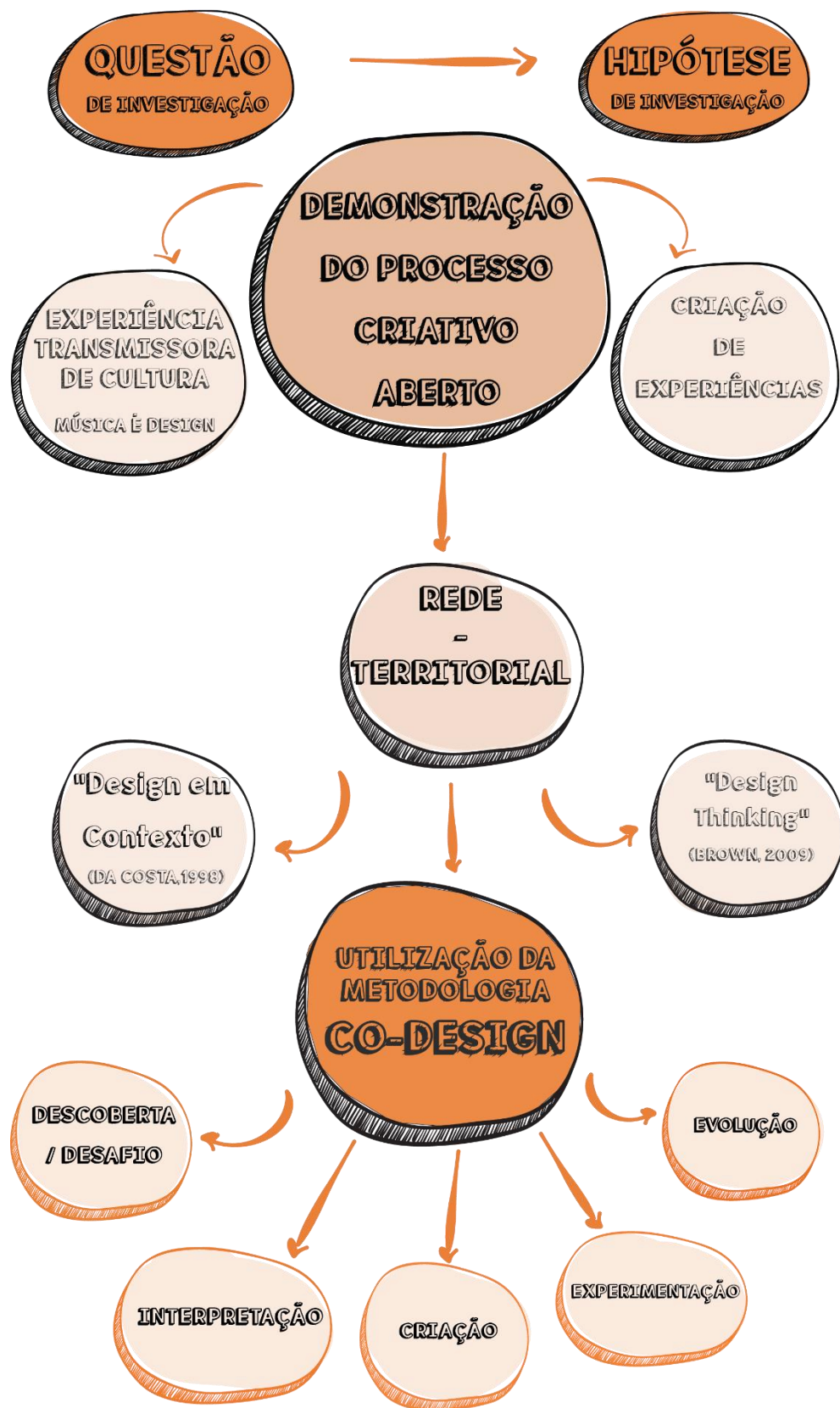
importante para o futuro do projeto. Nesta fase desenrolou-se o evento em estado de “reflexão” para numa fase posterior proceder à projeção física.

### **Terceiro momento: Projeção de ideias futuras**

Nesta fase é essencial que se comece a passar tudo “para o papel”, começar a projetar tudo o que até agora foi informação recolhida e trabalho de campo, fase esta onde já se reuniram os ingredientes para iniciar a projeção da “receita de design” e já estarão reunidas as oportunidades para idealizar e criar a longo prazo – design de uma experiência – assumindo as anteriores reflexões como alvos “não garantidos”, sendo que entre esta fase e a próxima o projeto se encontra em “aberto”.

### **Quarto momento: Prototipagem de ideias e conceitos**

Esta fase caracterizou-se pela procura de conclusões sobre a experiência e os frutos da mesma. Neste quarto momento o projeto ganhou uma identidade e passou do papel para a “vida real” em forma de instrumento de educação através da sua cultura e da sua envolvente.



**Figura 1** Fluxograma da metodologia inicial a aplicar na investigação. Fonte: Rita NOVO

## 2. Primeiro momento: procura, conhecimento e significado

### 2.1. Design em Contexto (DA COSTA, 1998) como processo criativo portador de inovação

Nos anos sessenta do século passado, Portugal apresenta-se como um país de incalculáveis mudanças provenientes da emigração, da industrialização e da Guerra Colonial. A nação encontrava-se limitada a nível de investimentos e no consumo, devido à perda de vários recursos por parte da guerra, levando assim a um limitado crescimento económico. “A abertura económica e política do início desta década foi marcada pela ambivalência programática entre o reconhecimento da inevitável integração europeia e o desejo (...) do reforço da posição colonial (...), mas também por inúmeros e diversificados focos de distanciamento ou afrontamento ao regime (...)” (BÁRTOLO, 2016: 10). É neste contexto que se entende a ação do Professor Daciano da Costa e a noção de Design em Contexto.

Na vertente cooperativa e de conhecimento o Design em Contexto revela-se um testemunho de educação de forte sentido cultural. Como explica o Professor João Paulo Martins. “O design de Daciano da Costa tem sido muito justamente valorizado pela coerência, rigor profissional e maturidade do desenho; pelo equilíbrio no uso dos materiais, acerto da proporção, elegância do detalhe; pela exemplar ligação que estabeleceu com a indústria, pelo modo inteligente como tem sabido integrar a cultura do seu tempo.”<sup>8</sup> (MARTINS cit in BÁRTOLO, 2016 :9).

De igual modo, Rui Afonso Santos, diz-nos que Daciano da Costa se assume, essencialmente, como um desenhador de objetos, “(...) na medida em que os concebeu em função de um ambiente e da sua relação com o utilizador, autonomizando-os para além da produção em série e do consumo anónimo - tendo sempre subjacente uma ideia de “design em contexto, na procura das afinidades estruturais ou formais entre os objetos e a arquitetura.” <sup>9</sup> (SANTOS cit in CRUZ,2011: 62).

---

<sup>8</sup> **BÁRTOLO, J.** (2016). “DACIANO DA COSTA- COLEÇÃO DESIGNERS PORTUGUESES” vol.2, Copyright, 2016 Cardume Editores e Autores

<sup>9</sup> **DA SILVA CRUZ, A. M** (2011). “A influência da arte na obra do Professor Daciano da Costa”. Viana do Castelo: Dissertação no âmbito do Curso de Mestrado Integrado

O próprio Daciano da Costa (1998) refletiu acerca do conceito de “design em contexto” dando ênfase à contextualização técnica, cultural e social dos agentes que participam na produção dos projetos, tendo em conta as necessidades dos seus consumidores. É neste sentido, que se considera a noção de Design em Contexto para fundamentar este estudo, considerando que se pretende relacionar atores da cultura do desenho e do artesanato com agentes da música, integrando a cultura do lugar a que a investigação se refere.

Como alude Daciano da Costa “em nenhum momento deste processo de criação dum produto se poderá dispensar qualquer parcela da criatividade e da experiência instaladas a todos os níveis numa empresa que refletem a memória da profissão da empresa, o seu passado consolidado e, fundamentalmente, a sua reserva cultural da mão-de-obra artesanal. “ <sup>10</sup> (DA COSTA, 1998:44).

Por estas razões, em termos metodológicos, o Design em Contexto pode ser interpretado como um processo aberto e criativo no desenvolvimento de uma experiência veiculadora de cultura. Por um lado, o processo aberto será suportado pelo co-design que inclui a participação e a ligação de diferentes entidades. A criação de equipamento assente num processo aberto e de Co-Design proporcionou quer a criação de soluções válidas para as pessoas que procuram espaços com as características enunciadas (experiência, processo orientado para o processo), quer a ligação entre a música e a cultura como instrumento de educação. Por outro lado, a mão-de-obra artesanal que define o lugar será fundamentada no conceito de Design Didático que está, essencialmente, focado na inovação e na criatividade de forma a potenciar as entidades envolvidas.

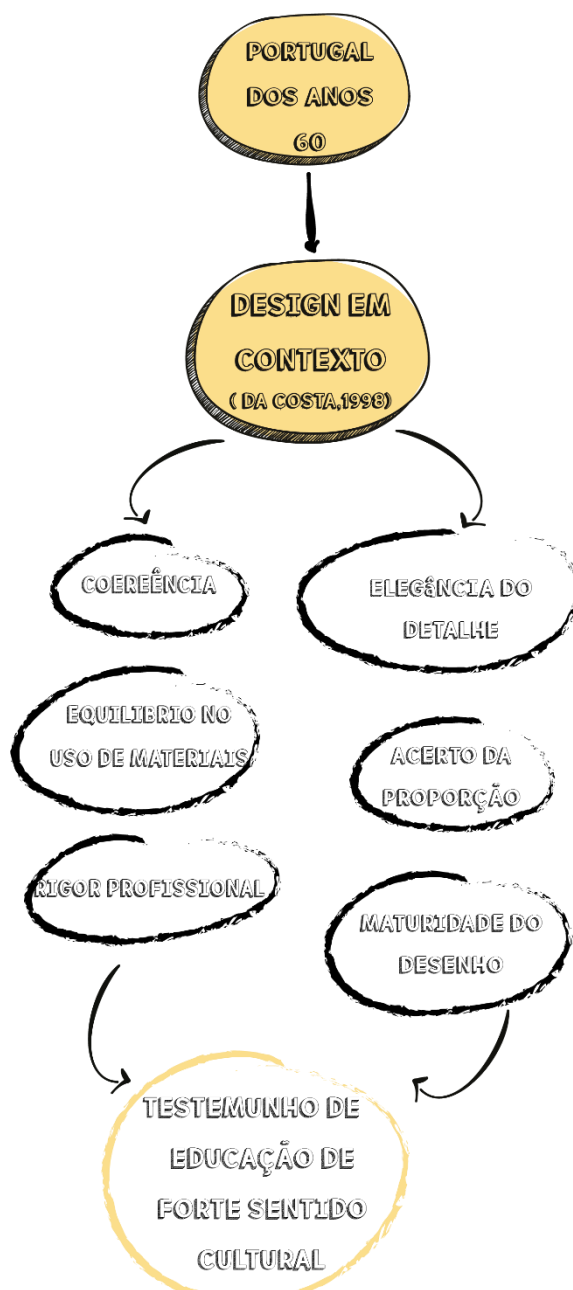
Daciano da Costa era um indivíduo que “(...) não separava a capacidade de fazer da capacidade de pensar, o que lhe permitiu fazer um design compreensivo, i.e. que partia do reconhecimento atento do contexto, desde logo do contexto de produção, procurando tirar o máximo partido das competências específicas da mão-de-obra disponível e de outros recursos existentes (materiais e tecnologias).” (BÁRTOLO, 2016: 42). O pensamento do Professor Daciano da Costa procurava, sobretudo, beneficiar das mais valias de profissionais,

---

<sup>10</sup> **DA COSTA**, Daciano (1998). “*Design e Mal-estar*”. Lisboa: Centro Português de Design

materiais, tecnologias na definição de uma sociedade renovadora, integradora e mais justa.

Neste sentido, a escolha de cruzar novos elementos com antigos saberes pode ser interpretada como um complemento à poética dos seus projetos e um sinal de inovação. Ou seja, “todas as soluções ou materiais novos, inéditos ou mesmo tradicionais, têm a sua oportunidade e nem sempre ao avanço tecnológico corresponde modernidade” (DA COSTA, 1998: 61). Isto constitui que o modo como operamos e ligamos os fatores – cultura, pessoas, tempo - que definem a realidade pode ser o modelo para potenciar inovação.



**Figura 2** Fluxograma da aplicação do Design em Contexto como processo criativo portador de inovação. Fonte: Rita NOVO

## 2.2. Caso de Estudo de Design para o Contexto: o caso “Alice na Viana das Maravilhas” (Viana do Castelo, 2016)

O projeto “Alice na Viana das Maravilhas” nasceu em 2016, fruto da necessidade de criar uma experiência que resultasse da ligação entre os vários autores, nomeadamente:

- O **Curso de Mestrado em Design Integrado – MeDeln**;
- a **Fábrica de Cerâmica Artística da Vale do Neiva**;
- a entidade promotora da cultura em Viana do Castelo, designadamente, o **Inauguro** - ao qual pertencem sete espaços comerciais;
- o Centro Dramático de Viana - Teatro do Noroeste;
- a **Academia de Música de Viana do Castelo**;



**Figura 3–** Apresentação do projeto “Alice na Viana das Maravilhas” Fonte: <https://alicenavianadasmaravilhasblog.wordpress.com> [acedido a 27/06/2016]

O objetivo do projeto era a interpretação da obra “Alice no País das Maravilhas” de *Lewis Carroll* e a projeção de seis produtos finais em cerâmica que visassem a reinterpretação e a transformação da cerâmica Vianense, justificando assim que “para o design, como para outras disciplinas, o conhecimento da cultura torna-se um pressuposto indispensável para o projeto de artefactos fruto de processos envolvidos em contextos culturais que se tornam meios de inteiração com o cenário humanizado”<sup>11</sup> (Aparo, 2010). Este projeto tinha como desígnio a experiência mais do que a simples projeção de produtos, pelo que se relacionaram outros âmbitos como a música, o teatro, a performance e os cenários no desenvolvimento do projeto e interpretação da obra.

---

<sup>11</sup> Informação retirada do flyer da exposição “Alice na Viana das Maravilhas”



Em “Alice na Viana das Maravilhas” era pedido aos discentes que produzissem duas peças cerâmicas, uma representação em que as peças estivessem, legitimamente, integradas e um cenário que servisse de montra a todo o processo criativo, alterando o padrão de estética cultural que é (co)existente na cidade de Viana do Castelo.<sup>12</sup> O reflexo dos parceiros que estão aliados ao projeto é visto na projeção do evento numa perspetiva global e no enquadramento da cidade no decorrer do projeto. “Quando o processo de perceção do que acontece no espaço inclui o contexto cultural e, portanto, não é um ato isolado, constitui a compreensão da ambiguidade, portanto, envolvendo uma série de fatores, tais como a cultura e o tempo.”<sup>13</sup> (Aparo, Soares, 2012: 46).

Fruto da envolvente da rede-territorial nascem pelas mãos de onze alunos do MeDeln e designers, seis peças de cerâmica - utilitárias e decorativas - portadoras de cultura, de história e de magia. São elas, o sistema de produto “**OLÉ!**” de Ana Chiado e Cláudio Araújo, o serviço de chá “**Cortem-lhe a cabeça!**” de Rita Freitas e Vanessa Duarte, o sistema de produto “**ILLUSION**” de *Designers* João Pontes e Manuel Alves, o projeto “**UpsideDown**” de Hugo Pinheiro, a linha de objetos cerâmicos utilitários “**PURGA**” de Adriano Meireles e Francisco Carmo e o sistema de produto “**LUCHOC**” de Ana Amorim e Diogo Portela.



**Figura 4** Espetáculo “Alice na Viana das Maravilhas” realizado em diferentes espaços do Inauguro no dia 8 de julho de 2016. Tratamento de imagem Ermanno Aparo.

<sup>12</sup> Briefing do projeto “Alice na Viana das Maravilhas”, 2016

<sup>13</sup> APARO, Ermanno.; SOARES, Liliana. (2012)



### 2.2.1. O sistema de produto “OLÉ!” desenvolvido pelos *Designers* Ana Chiado e Cláudio Araújo

O sistema do produto “OLÉ!”, visa o enquadramento da realidade Vianense e a história de “Alice no País das Maravilhas” – capítulo 8, “O Jogo de Croquet” – resultando na obtenção de 5 peças que constituem a linha de produtos – duas bilhas e três copos – inspirado na forma humana do touro. Neste capítulo da história, a rainha utiliza os animais em prol da sua “diversão”, sendo que em Viana se realizaram por longos anos as tradicionais “touradas”, fez sentido relacionar o capítulo com a tradição local. Este produto conta com o espaço “Dona Emília Casa de Hospedes” para cenário de apresentação.



**Figura 5** Sistema de Produto “OLÉ!” Fonte: João Pontes.

### 2.2.2. O serviço de chá “Cortem-lhe a cabeça!” desenvolvido pelas *Designers* Rita Freitas e Vanessa Duarte).

O conjunto de chá “Cortem-lhe a cabeça!”, pretendia ilustrar as cores do mundo da Alice - capítulo “Quem roubou as tartes?” - e atribuir as peças a identidade local de Viana pela pintura manual e através do traço. “Por um lado, um conjunto tradicional, por outro, repleto de simbolismo, marcado pelas personagens nas chávenas e pela pintura organizada que permite uma

arrumação pensada e lógica.” Esta peça tem como cenário o espaço de comércio “À Moda Antiga”.<sup>14</sup>



**Figura 6** Conjunto de chá “Cortem-lhe a cabeça” resultantes do Projeto “Alice na Viana das Maravilhas”.  
Fonte: João Pontes.

### **2.2.3. O sistema de produto “ILLUSION” desenvolvido pelos Designers João Pontes e Manuel Alves**

O projeto “**ILLUSION**” é mais um sistema de produto resultante do Projeto “Alice na Viana das Maravilhas”, apresentado no “Atelier Iva Viana”, que visava a criação de um “jogo de perspetivas na sua relação com o utilizador”.<sup>15</sup> Como referência é tomado o segundo capítulo da história original de *Lewis Carroll* – “Lago de Lágrimas” – que mostra as diferentes dimensões da Alice, passando assim a mensagem de que “nem tudo é o que parece à primeira vista”. Este sistema de produto é constituído por um centro de mesa que utiliza na sua produção várias técnicas cerâmicas e a escultura em gesso.

---

<sup>14</sup> Informação retirada do flyer da exposição “Alice na Viana das Maravilhas”

<sup>15</sup> Informação retirada do flyer da exposição “Alice na Viana das Maravilhas”



**Figura 7** Sistema de produto “ILLUSION” resultante do Projeto “Alice na Viana das Maravilhas”. Fonte: IPVC

#### 2.2.4. O sistema de produto “UpsideDown” desenvolvido pelo Designer Hugo Pinheiro

“UpsideDown”, é um projeto baseado no primeiro capítulo da história original, “Pela toca abaixo”. Este capítulo conta a história da queda de Alice na toca do coelho, “entrando num mundo utópico onde tudo à sua volta se encontra ao contrário.” <sup>16</sup> O espaço escolhido para apresentação da peça é o “Mercado na Loja” e o projeto é constituído por uma chávena “ao contrário” que não perde a sua função-primária.



**Figura 8** Projeto “UpsideDown” resultantes do Projeto “Alice na Viana das Maravilhas”. Fonte: IPVC.

<sup>16</sup> Informação retirada do flyer da exposição “Alice na Viana das Maravilhas”

### 2.2.5. A linha de objetos cerâmicos utilitários “PURGA” desenvolvido pelos Designers Adriano Meireles e Francisco Carmo

Outra linha de objetos que constitui o projeto é a “**PURGA**”, composta por vários objetos cerâmicos, que tem como cenário o espaço de co-working “DINAMO 10”. O objetivo desta linha era sensibilizar os consumidores a poluição e ao lixo acumulado no mar. Como inspiração os autores utilizam o capítulo “Chá dos Malucos” da história original de Alice, “em que o tempo e a desconstrução dos objetos são variantes constantes”.<sup>17</sup> Sendo Viana uma cidade próxima do mar, é utilizada essa analogia para a criação desta linha de objetos.



**Figura 9** Linha de objetos “PURGA” resultante do Projeto “Alice na Viana das Maravilhas”. Fonte: IPVC.

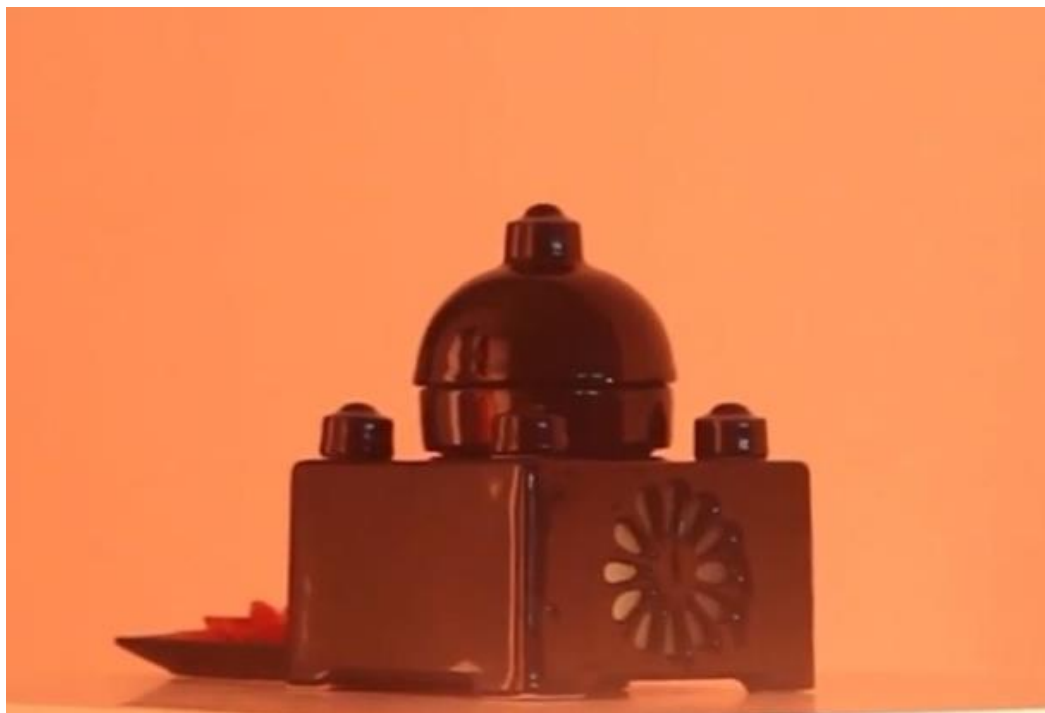
### 2.2.6. O sistema de produto “LUCHOC” desenvolvido pelos Designers Ana Amorim e Diogo Portela

Por fim o sistema de produto “**LUCHOC**”, que interpreta o capítulo 5 – “O conselho da Lagarta” da história de *Lewis Carroll*. Este capítulo conta o episódio em que Alice encontrou uma lagarta que lhe ofereceu um cogumelo mágico, basicamente, se Alice comesse o cogumelo, cresceria, se a menina que estava do outro lado o comesse, diminuía. Este capítulo vai ao encontro das decisões

---

<sup>17</sup> Informação retirada do flyer da exposição “Alice na Viana das Maravilhas”

que guiarão Alice no futuro e da importância delas. Desta forma, os autores decidiram criar um conjunto de *foundue* de chocolate, que se inspirou na forma do Santuário de Santa Luzia, posteriormente apresentada no espaço “Objetos Misturados” em Viana do Castelo. <sup>18</sup>



**Figura 10** Sistema de produto “LUCHOC” resultantes do Projeto “Alice na Viana das Maravilhas”. Fonte: IPVC.

Concluindo, o caso de estudo “**Alice na Viana das Maravilhas**” elucida de forma clara a envolvimento das entidades no design de uma experiência.

A este projeto importava e importa no futuro que se assuma o design como algo resultante de uma expressão artística, cultural, filosófica, técnica e social, ou a junção de todas elas, essencialmente pela necessidade que existe em demonstrar o design como um “campo fértil”, onde é permitido a profissionais de outras áreas a atuação direta ou indireta no processo do mesmo (De Moraes, 1997) transmitindo para o design novos vínculos, aclarando a perspectiva de quem lida diretamente com as questões do design.

A criação de uma rede-territorial, que envolve parceiros de diferentes áreas, em parceria com a utilização de uma metodologia de *Co-Design* transmite ao design e a educação através dele, uma forma didática de transmitir conhecimento. “A visão de design de experiência trazida pelo autor é de uma

---

<sup>18</sup> Informação retirada do flyer da exposição “Alice na Viana das Maravilhas”

disciplina criada pela realidade das comunicações atuais, na qual nenhum ponto de contato tem simplesmente início ou fim, mas em que todos os pontos de contato devem possuir significado.” <sup>19</sup> (Freire,2019:40).

“Alice na Viana das Maravilhas” foi um projeto que transbordava cultura, não só nos produtos que são fruto da envolvente experimental, mas também do processo criativo em si. Um projeto que trouxe a todos os envolvidos – estudantes, docentes e agentes culturais – uma nova forma para compreender a cultura e projetar a incerteza que define o nosso tempo. Como se o espaço para moldar os sonhos estivesse ao alcance de um briefing e de um método de trabalho em colaboração constante com o que o “dia-a-dia” nos pode dar.

---

<sup>19</sup> FREIRE, Karine. (2008). “REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE DESIGN DE EXPERIÊNCIAS”. *Strategic Design Research Journal*, 2(1):37-44. Por: Unisinos



### 3. Segundo momento: provocação de reflexões

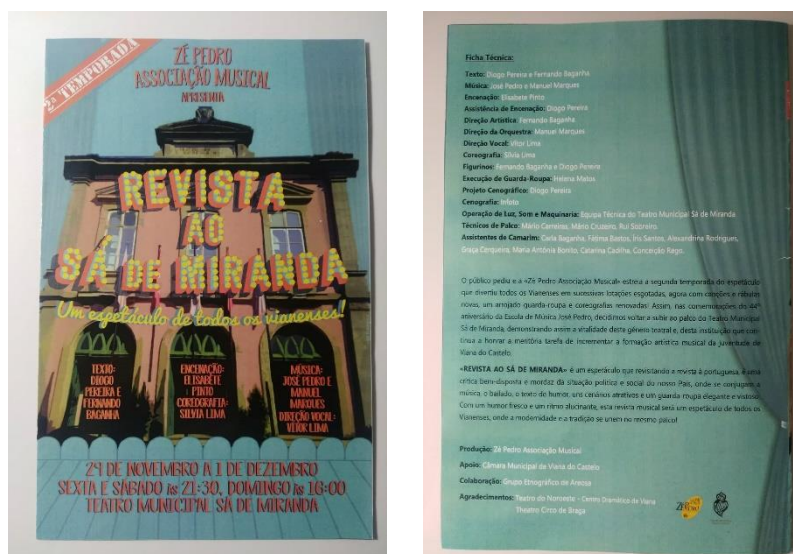
#### 3.1. O Espetáculo “Revista ao Sá de Miranda”

Nesta fase, de provocação de reflexões, passamos por uma fase de análise aos encontros com a direção da Hinoportuna, com a Vereadora responsável pelos eventos do Cultural de Viana do Castelo, com os responsáveis pela gestão do espaço do Centro Cultural de Viana do Castelo, aos ensaios da Hinoportuna, às entrevistas realizadas a membros da Hinoportuna e a pessoas externas a mesma, mas com ligações pessoais e/ou associativas.

Faz-se uma análise do trabalho de campo realizado, que passou por a participação, como espetadora, no espetáculo “Revista ao Sá de Miranda”, da Fundação Maestro Zé Pedro, realizado no Teatro Municipal Sá de Miranda, para que se pudesse entender de que forma estava disposto o cenário, os figurinos, a própria música, num espetáculo, que é também, de cariz musical.

Nesta fase, deve entender-se de que forma se pode interpretar a proposta no futuro, olhando para ela, como uma aprendizagem, onde todas as ideias pessoais, diretas ou indiretas, são úteis para o delinear desta experiência.

Esta fase caracterizou-se pela vertente quantitativa, onde qualquer conversa ou reflexão, desde as reuniões informais, às entrevistas, foram importantes para o futuro do projeto. Pode considerar-se esta fase, uma fase onde se desenrola o evento em estado de “reflexão”, para que só depois, se possa passar à próxima fase, da projeção física.



**Figura 11** Folheto informativo do espetáculo "Revista ao Sá de Miranda" da Associação Musical Zé Pedro. Fonte: Rita NOVO

## 3.2. Trabalho de Campo: Entrevistas

### 3.2.1. Escolha dos entrevistados

A fim de obter reflexões e conclusões reuniu-se toda a informação sobre as temáticas abordadas nos capítulos anteriores, o conhecimento acerca do processo criativo entre o design, o associativismo e a música. No desenvolvimento de uma experiência veiculadora de cultura, a criação de um cenário de equipamentos surgiu como forma viável de desenvolvimento. Neste sentido, realizaram-se entrevistas a indivíduos, antecipadamente ponderados e estipulados.

Sendo o festival *XX Lethes* – festival inteiramente organizado pela Hinoportuna, optou-se por entrevistar, inicialmente, dois membros ainda ativos da Hinoportuna, visando desta forma obter informação mais claras sobre a logística e a musicalidade em torno do festival. O primeiro é o atual Presidente da Hinoportuna. O segundo é *Magister*<sup>20</sup> e um Veterano, também docente no Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Para estabelecer alguma ligação emocional e não só uma ligação racional para entender o que é o *Lethes*, a magia e a cultura circundantes, os restantes entrevistados, não são apenas indivíduos ligados a cargos associativos, mas são também, figuras que estiveram, ou estão ainda ligadas à Hinoportuna e a este festival. Por um lado, o objetivo da escolha diversificada fundamenta-se na ligação que os entrevistados com quotidianos, formações e idades distintas tem com o meio associativo. Por outro lado, pretende-se identificar o que é comum aos participantes, sendo a experiência cultural do Festival *Lethes* um ponto que os une.

Portanto, realizou-se um total de seis entrevistas. Dos inquiridos cinco são de nacionalidade Portuguesa e um é naturalidade Alemã. As idades são compreendidas entre os 26 e os 41 anos, com âmbitos profissionais, cargos associativos e formações académicas distintas. Todos os entrevistados são ex-alunos do Instituto Politécnico de Viana do castelo. De forma a tornar eficiente este ponto, a apresentação dos inquiridos é exposta num quadro, as repostas

---

<sup>20</sup> Termo utilizado pelas organizações das Tunas para definir a pessoa que gere a Tuna – Relações Publicas



são tratadas ao longo do mesmo e o texto completo, está incluído como Apêndice desta investigação.

### 3.2.2. Apresentação dos Entrevistados

Os inquiridos foram selecionados por consequência da sua ligação à Hinoportuna e ao Festival *Lethes*. Esta escolha foi realizada através da sua participação no festival e também, de forma transversal, pelos cargos associativos a que estão ligados ou pela organização e promoção do evento. Dois dos entrevistados realizaram a entrevista de modo presencial e os outros quatro inquiridos responderam às questões de modo não presencial, ou via plataforma Zoom colibri ou via telefónica. Desta forma, espera-se alcançar um conhecimento global, amplo e individualizado em torno deste evento e das ligações externas que a ele estão articuladas.



**Figura 12** Registo fotográfico da entrevista ao inquirido Ricardo Sá. Fonte: Rita NOVO

A primeira entrevista foi realizada a **Ricardo Sá**, na qualidade de Presidente e Magister da Hinoportuna. Ricardo Sé é Ex-Estudante da Licenciatura de Design do Produto e atual discente no Mestrado em Design Integrado, na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

A segunda entrevista foi concretizada a **Nuno Barbosa**, atual membro e fundador da Hinoportuna, Ex-Aluno na licenciatura de Turismo na Escola

Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, atual docente no Instituto Politécnico de Viana do Castelo e gestor da empresa *Vivexperiência* em Viana do Castelo.

A terceira entrevista foi produzida a **João Teixeira**, atual Designer na empresa *Cadeinor*, Ex-Estudante do Curso de Design do Produto e do Mestrado em Design Integrado na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, tendo sido também membro da Associação de Estudante da Escola Superior de Tecnologia e Gestão no departamento de Artes Gráficas. A designer **Paula Chaves**, surge como quarta inquirida, na qualidade de Ex-Aluna de Design do Produto e Ex-Presidente da Associação de Estudante da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, sendo também atual gestora da empresa *O Merceneiro* em Chaves, Vila Real e responsável pelo departamento criativo da mesma.

Para a quinta entrevista, foi selecionado **Pedro Magalhães**, atual diretor de operações na empresa *Cadeinor*, Ex-Estudante na Licenciatura de Gestão na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e também Ex-Presidente da Federação Académica do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Por fim, a última entrevista foi realizada a **Vítor Monteiro**, atual Responsável pela Produção da Oficinal Cultural, nos Serviços de Ação Social do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Ex-Estudante na licenciatura de Educação Básica, variante Português – Francês, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e Ex-Presidente da Federação Académica do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Nome	Idade	Nacionalidade	Cargo associativista	Profissão	Local da Entrevista
<b>Vítor Monteiro</b>	41	Portuguesa	Ex-Presidente da Federação Académica do IPVC – FAIPVC e Ex-Presidente da Associação de Estudantes da ESE IPVC	Serviços de Ação Social – <b>SAS IPVC</b> , Responsável pela Produção da Oficina Cultura	Via digital - telefónica
<b>Pedro Magalhães</b>	26	Portuguesa	Ex-Presidente da Federação Académica do IPVC - FAIPVC	Diretor de Operações na empresa <b>Cadeinor</b> , Braga	Via digital, Plataforma ZOOM
<b>Ricardo Sá</b>	26	Portuguesa	Atual Presidente/ <i>Magister</i> da Hinoportuna	<i>Barmen</i> na empresa <b>Double Concept Bar</b>	Double Concept Bar, Viana do Castelo
<b>João Teixeira</b>	29	Portuguesa	Ex-Membro do departamento de Artes Gráficas da Associação de Estudantes da ESTG	Designer na empresa <b>Cadeinor</b> , Braga	Double Concept Bar, Viana do Castelo
<b>Paula Chaves</b>	39	Portuguesa	Ex-responsável do Departamento Social da Associação de Estudantes da ESTG / Ex-Presidente da Associação de Estudantes da ESTG	Gerente da Empresa <b>O Merceneiro</b> / Responsável pelo departament o criativo, Chaves	Via digital, Plataforma ZOOM
<b>Nuno Barbosa</b>	41	Portuguesa, Naturalidade Alemã	Atual membro da Hinoportuna; Vice-Presidente da Associação Empresarial de Viana do Castelo	Gestor da empresa <b>Vivexperiência</b> , Viana do Castelo; Docente no IPVC	Via digital, Plataforma ZOOM

**Figura 13** Quadro síntese da informação básica dos entrevistados. Fonte: Rita NOVO

### 3.2.3. Análise das entrevistas realizadas aos seis inquiridos - Questões colocadas aos inquiridos no âmbito do festival Lethes, e à importância do associativismo

**Tema:** Estudo generalizado sobre a Associação Cultural Hinoportuna, o Lethes e o Associativismo

**Objetivos:** estudar a vertente associativista relacionada com o percurso académico e a sua influência no trajeto de um estudante, compreender o Festival *Lethes* e as tunas, sublinhando a Hinoportuna que é a anfitriã e criadora do evento em estudo e decifrar as influências do mesmo sobre as entidades envolvidas. Com este estudo pretende-se criar as premissas para o desenvolver o projeto do cenário, adereços de cena e prémio do Festival Lethes de 2020.

**Aviso:** tendo em conta que os entrevistados, não pertenceram ou pertencem todos à Hinoportuna, o questionário<sup>21</sup> não foi igual para todos.

#### 3.2.3.1. Análise das respostas à questão “Quando começa o teu interesse pelo associativismo e pela Hinoportuna?”

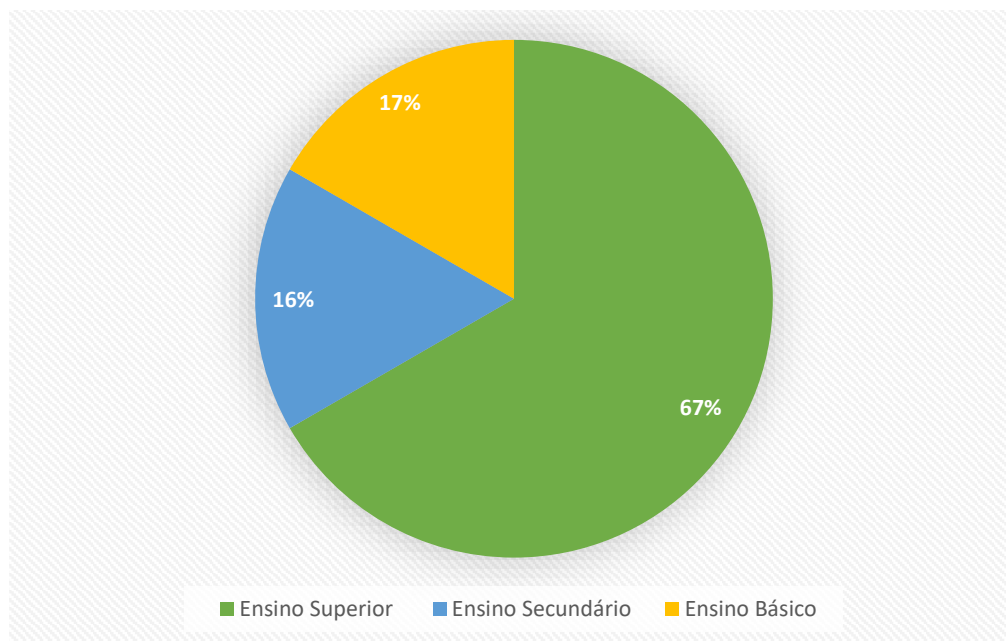
Esta questão foi colocada a todos os inquiridos. As respostas de Ricardo Sá e Nuno Barbosa encaminharam-se mais para o Associativismo que está relacionado com a Associação cultural Hinoportuna da qual os dois são membros. As respostas a esta questão são pouco divergentes, pelo que conseguimos perceber que o interesse pelo Associativismo aparece mesmo antes da entrada para o Ensino Superior. Pedro Magalhães, por exemplo, refere que *“a minha paixão pelo associativismo vem desde miúdo, eu ainda antes da faculdade, fui presidente da associação de estudante, quer no ensino básico, quer posteriormente também no ensino secundário, por isso sempre tive uma queda, para essa envolvente e isso também aconteceu de certa forma em paralelismo com a minha vida política e vida associativa que sempre andou de certa forma a acompanhar o meu percurso.”*<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Ver questionários específicos no Apêndice 1

<sup>22</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2

A análise às respostas dos seis entrevistados permitiu concluir que todos os entrevistados ingressam na vida associativa desde cedo por razões pessoais, de crescimento social, político e cultural e influenciados por participações precoces em movimentos e grupos a que estão ligados na sua vida curricular e extracurricular. Porém, verifica-se que é no **Ensino Superior** que se regista o valor mais elevado, designadamente, quatro dos entrevistados começou o interesse no Associativismo naquele período da sua vida.



**Figura 14** Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre o início do interesse pelo Associativismo. Fonte: Rita NOVO

### 3.2.3.2. Análise das respostas à questão “Quando começa a pertencer a Hinoportuna?”

Esta questão foi colocada apenas a dois dos inquiridos por ser uma questão que está relacionada com a participação direta na Associação Cultural Hinoportuna. Sendo ambos membros da entidade anteriormente referida, Ricardo Sá e Nuno Barbosa, falamos da sua entrada para a Hinoportuna.

Após análise às respostas dadas por ambos, entendemos que a entrada numa Associação como a Hinoportuna é concebida, maioritariamente, por influência de outrem. Ou seja, há uma ascendência exercida por parte de membros já oficializados da Hinoportuna. A entrada na Hinoportuna é vista como uma forma de integração e **inserção na comunidade associativista**

**académica** por parte de ambos, tendo como mais valia a inter-relação com os restantes membros e associações da academia.

### **3.2.3.3. Análise das respostas à questão “Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?”**

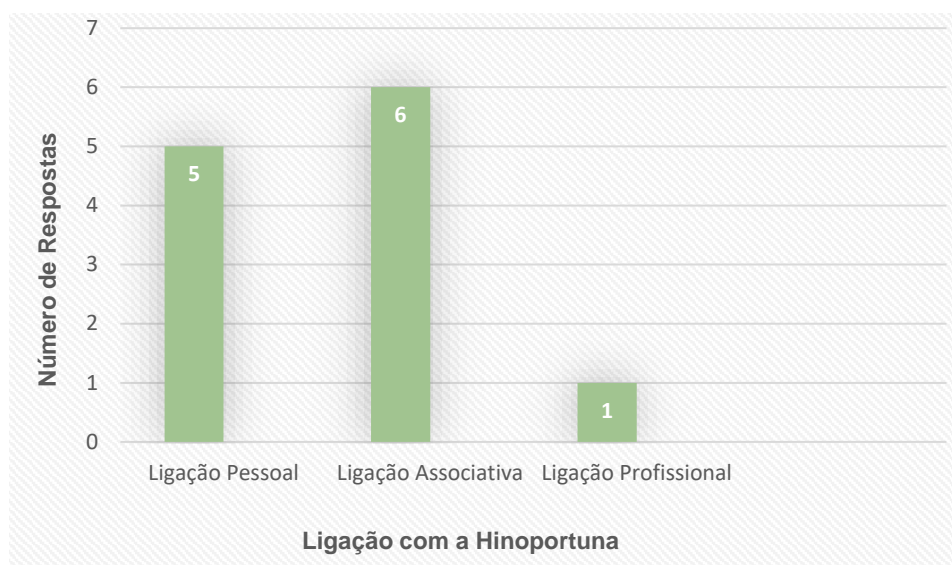
Neste estudo pareceu pertinente realizar esta questão a todos os entrevistados, para entender que tipo de ligação podem ter indivíduos com formações académicas e âmbitos profissionais tão distintos, mas todos ligados à Hinoportuna.

Analizando as respostas verifica-se que a conexão que existe com a Hinoportuna e os inquiridos tem vertentes divergentes. Ricardo Sá e Nuno Barbosa, têm uma ligação direta e pessoal como membros da própria Associação. Nuno Barbosa foi um dos impulsionadores e fundadores daquela e Ricardo Sá é, atualmente, o Presidente da Direção. Nuno Barbosa expõem a sua ligação à Hinoportuna numa vertente de empreendedorismo e sobre os frutos que alcançou por pertencer à Hinoportuna. *“Temos ligações a outros elementos que passaram pela Hinoportuna e que também têm as suas empresas e fazemos ali um networking interessante entre antigos companheiros de tuna”*.<sup>23</sup> João Teixeira tem uma ligação como amigo e como designer, sendo o criador do conteúdo digital e dos cartazes do *Lethes*. Os outros três inquiridos - Pedro Magalhães, Vitor Monteiro e Paula Chaves - tiveram cargos associativos em entidades como as Associações de Estudantes do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e a Federação Académica de Viana do Castelo. Consequentemente, esta ligação prolonga-se com a Hinoportuna.

Resumindo, **todos têm uma ligação associativista com a Hinoportuna**, 5 dos entrevistados têm uma ligação pessoal e 1 inquirido tem uma ligação profissional.

---

<sup>23</sup> Ver Entrevista realizada a Nuno Barbosa no Apêndice 2



**Figura 15** Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre a sua ligação com a Hinoportuna.  
Fonte: Rita NOVO

#### 3.2.3.4. Análise das respostas à questão “Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?”

Esta questão foi colocada a todos os entrevistados e proporcionou respostas muito divergentes, por ser uma questão que envolve, de certa forma, uma ligação emocional com esses momentos que posteriormente se tornaram marcantes.

Para Ricardo Sá a Hinoportuna proporcionou-lhe vivências que o enriqueceram a nível emocional e também a sua bagagem cultural e associativa. Como refere na entrevista realizada no dia x de xx, “(...) desde o registo da Associação em 2000, desde a Eurotour<sup>24</sup> em 2000, desde a criação do nosso Festival, do nosso menino Lethes, (...) são os momentos mais marcantes na história da Tuna”<sup>25</sup>, enumerando assim estes eventos como momentos marcantes da Hinoportuna enquanto Associação Cultural.

Nuno Barbosa fala destes eventos numa perspetiva mais pessoal, da Eurotour realizada em 2000 pós criação da Associação Cultural Hinoportuna “ (...) corremos a Europa toda, fizemos Espanha, Andorra, França, Alemanha, Áustria, Norte de Itália, estivemos na fronteira coma a Suíça, estivemos no Sul

<sup>24</sup> A Eurotour é uma digressão realizada por um determinado grupo musical, pela Europa, onde o grupo atua em determinados locais, como mostra e transmissão da cultura musical típica do seu costume

<sup>25</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

*de França, depois fizemos todo o Norte de Espanha, até regressar, foi um mês de estrada com muitos quilómetros em cima, muitas aventuras e dificuldades e acabou por ser uma das aventuras mais incríveis da minha vida. Enquanto Hinoportuno e que nos deu um traquejo incrível, com coordenação com várias Associações ligadas à parte da imigração.”*

Pedro Magalhães referiu que sua ligação associativa e pessoal à Hinoportuna lhe proporcionou um envolvimento maior em projetos que englobavam todas as associações académicas do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Neste sentido, lembrou um episódio marcante que terá passado por uma despedida dos cargos aos quais se associou durante o seu percurso. *“Confesso que para além de ser o meu último evento enquanto organizador e parte integrante da academia, foi também a minha despedida com eles e por isso sim, foi um momento que me marcou. As despedidas custam sempre, e no fundo despedir-mo-nos daqueles que foram os primeiros a receber-nos, ainda nos custa mais.”*<sup>26</sup>

Paula Chaves conta também uma experiência marcante que viveu com a Hinoportuna no decorrer do seu percurso académico em Viana do Castelo. Numa das edições do festival foi, voluntariamente, guia das Tunas convidadas, tendo ficado encarregue e guiar uma Tuna de Seniores de Santiago de Compostela. *“(…) Agora já não te sei precisar o nome, é uma tuna que tinha um pandeireta, um senhor de muita idade e digo-te que em termos académicos e de festivais, tunas e etecetera foi um dos momentos que mais me marcou, foi ser a anfitriã digamos assim, e acompanhar essa gente enquanto pernhoitaram e estiveram em Viana, porque é de facto qualquer coisa de extraordinário.”*<sup>27</sup>

João Teixeira fala dos momentos vividos no festival organizado pela Hinoportuna e no Lethes, como dos momentos mais marcantes que passou com a Tuna. *“(…) Acho que qualquer Lethes é marcante, aqueles três dias de festival, principalmente o Domingo. Eu não fui a todos os espetáculos do Lethes, desde que estive cá, mas fazia sempre questão de aparecer, ou no final do espetáculo ou no domingo, que é para mim o dia mais festivo e até se calhar, o mais efusivo (…).”*<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2

<sup>27</sup> Ver Entrevista realizada a Paula Chaves no Apêndice 2

<sup>28</sup> Ver Entrevista realizada a João Teixeira no Apêndice 2



Vitor Monteiro assinala um momento que ainda não viveu, mas que irá viver futuramente com a Hinoportuna. Refere que “(...) *abordou-se uma possibilidade de exporem, ou seja, vai haver uma exposição dos 25 anos da Hinoportuna.*”<sup>29</sup>, deixando assim uma pista para um momento entre a Associação Hinoportuna e os Serviços de Ação Social do IPVC onde é atualmente colaborador.

Cada um dos inquiridos demonstra uma variedade de momentos vividos com a Hinoportuna, sejam direta ou indiretamente vividos, que certamente, lhes deixarão marcar e influências para toda a sua vida. Em resumo, conclui-se que em comum todos os entrevistados salientem as **conexões humanas**.

### **3.2.3.5. Análise das respostas à questão “O que acha do “Festival Lethes”? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?”**

Colocada esta questão, todos os entrevistados demonstraram a sua opinião e analisaram os pontos fracos e os pontos fortes do festival.

#### **Pontos fracos:**

Os inquiridos detetaram como **ponto fraco o espaço** onde o festival se realiza. Até 2015 o festival se realizou-se no Teatro Municipal Sá de Miranda com a lotação de cerca de 300 lugares. Na atualidade, o festival acontece no Centro Cultural de Viana do Castelo – CCVC – com a lotação de 2000 lugares. Para os inquiridos este é um ponto fraco, porque o festival nunca atingiu estes números e perde-se a áurea do teatro.

Apesar do Centro Cultural ser uma mais valia numa questão de facilidade logística para a organização do evento, Ricardo Sá refere que o CCVC, “*é uma sala muito grande, tem de ser muito bem trabalhada, tem problemas de acústica, tem problemas de conforto (...)*”<sup>30</sup> detetando assim a logística e a acústica, como um ponto fraco.

Nuno Barbosa, refere-se ao Teatro Municipal Sá de Miranda como uma mais valia que a Hinoportuna tinha na concretização do festival. Para ele “(...) *era uma sala bastante intimista, um Teatro do século XIX com aquela configuração Italiana e pouco mais de 300 lugares dava algo muito especial em*

---

<sup>29</sup> Ver Entrevista realizada a Vitor Monteiro no Apêndice 2

<sup>30</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

todas as edições. Foi até a 14ª edição do Lethes, os bilhetes esgotavam, uma semana antes já não havia bilhetes e isso era uma das coisas que tornava o festival especial e que hoje em dia é um ponto fraco, termos de tocar naquele pavilhão multiusos, que é o Centro Cultural e que obviamente não se adequa ao tipo de espetáculo, porque é muito grande”<sup>31</sup> Nuno Barbosa sublinha assim o espaço onde se concretiza, atualmente o festival, o CCVC, como um ponto fraco.

Vitor Monteiro, fala-nos também dessa sua perspetiva, que vai ao encontro daquilo que Nuno Barbosa apontava, anteriormente, como ponto fraco. Vitor Monteiro refere que “(...) o Teatro criava uma coisa que é nítida no nosso Instituto e de certa forma é a nossa diferença relativamente a muitos estabelecimento do ensino superior, que é a proximidade e a familiaridade das coisas e de facto o teatro criava isso e era mais aconchegante.”<sup>32</sup>

Para Ricardo Sá um ponto fraco considerável é a questão da **duração do espetáculo** do Festival, ou seja, “(...) estamos a contar com uma hora e quarenta minutos de Tunas a tocar em líquido. No entanto existem apresentações, existem mudanças de cenas, atrasos e o festival acaba por ter à vontade entre duas horas e meia ou três, já chegou a ter quase quatro horas e lá está, esse seria um ponto fraco, a duração do festival (...)”<sup>33</sup>. Um outro ponto fraco apresentado por Ricardo Sá é a falta de espaços para a diversão noturna no pós-espetáculo, no decorrer do festival.

Pedro Magalhães expõem também a **duração do espetáculo** como um ponto negativo, explicando que essa duração “(...) para quem quer levar os filhos, os pais, os sogros ou assim, acaba por ser demasiado exaustivo, esse foi o primeiro impacto negativo que tive.”<sup>34</sup> Pedro Magalhães refere-se ao **público** e a falta dele, como um ponto fraco do festival, apontando a pouca assiduidade da comunidade estudantil do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, naquele que é o festival anfitrião do Instituto que os acolhe, e diz-nos que a academia, “(...) não é amiga o suficiente da Hinoportuna.”<sup>35</sup> De igual modo, aponta a dificuldade que reconheceu e viveu, como elemento de um órgão integrante das

---

<sup>31</sup> Ver Entrevista realizada a Nuno Barbosa no Apêndice 2

<sup>32</sup> Ver Entrevista realizada a Vitor Monteiro no Apêndice 2

<sup>33</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

<sup>34</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2

<sup>35</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2

Associações Académicas, em despertar o interesse da academia pelo festival. Ele refere que *“(...) tive uma dificuldade muito grande e sentia que as pessoas até iam a festivais do Minho e de Aveiro e ao nosso festival, as pessoas não iam. Tínhamos muitos familiares e pessoas da cidade a participar, mas não despertava a curiosidade como deveria na comunidade estudantil do Politécnico de Viana e sentia uma falta muito grande de carinho por parte dos alunos em particular.”*<sup>36</sup>

#### **Pontos fortes:**

Paula Chaves, pelo contrário, indica os **públicos** de Viana do Castelo como uma mais valia e um ponto forte do festival e para o festival. *“Acho que Viana tem sempre a ganhar com um festival como o Lethes (...) ficam efetivamente raízes e despertam-se depois também, essas sensibilidades musicais no resto da população local e isso certamente que dará frutos e estas coisas são mesmo assim, os públicos formam-se, portanto Viana tem muito potencial nessa área (...)”*<sup>37</sup>

Vitor Monteiro, lisonjeia o Lethes, num todo, no seu formato, no seu conteúdo, na sua oferta e na marca que deixa nas pessoas, *“(...) quando uma tuna chega aos **25 anos** é sinal de que tem mais do que competência e ganhou o nome, principalmente, no Alto Minho e não haverá ninguém que consiga de facto apagar isso, e isso para mim é um ponto muito positivo.”*<sup>38</sup>

Nuno Barbosa, aponta os **cartazes** de qualidade oferecidos pela Hinoportuna e a logística que engloba os três dias de festival como dois pontos fortes do Lethes, *“ter sempre bons cartazes e as pessoas não terem de se deslocar muito na cidade para fazerem parte do festival (...) as pessoas que vêm como convidados, não tem quase custos nenhuns, seja com bebida ou com comida ou deslocações e depois é seguro, é divertido, as pessoas ficam a tocar até tarde, na rua.”*<sup>39</sup>

João Teixeira refere a questão do **turismo** como um dos pontos fortes mais visíveis do festival, provocado pela presença de Tunas de outras cidades do país e mesmo de fora, e todas as pessoas que elas podem trazer implicadas por essas presenças no festival, *“(...) provoca um festival que na minha opinião*

---

<sup>36</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2

<sup>37</sup> Ver Entrevista realizada a Paula Chaves no Apêndice 2

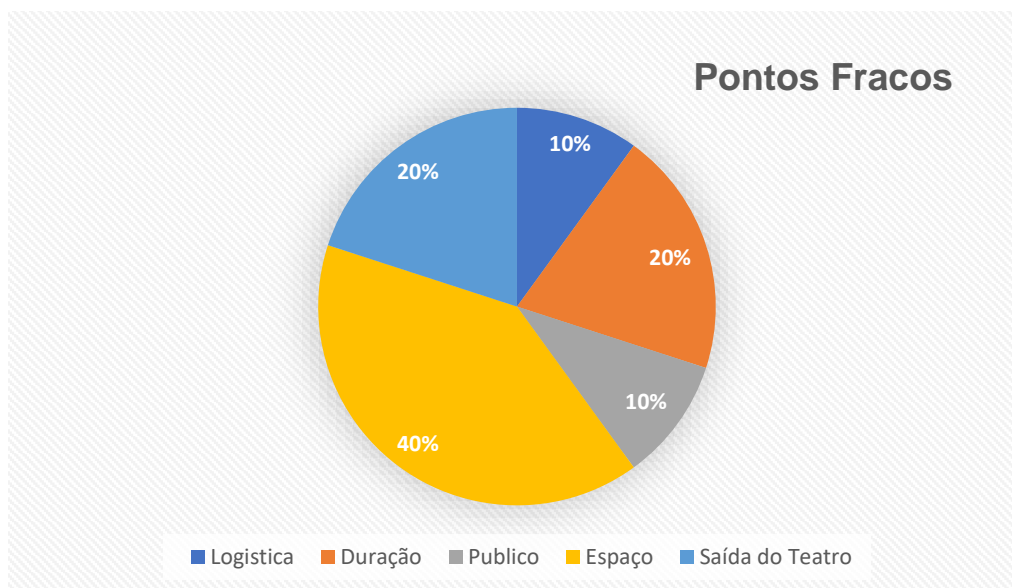
<sup>38</sup> Ver Entrevista realizada a Vitor Monteiro no Apêndice 2

<sup>39</sup> Ver Entrevista realizada a Nuno Barbosa no Apêndice 2

*é muito bonito , muito bem organizado ,as Tunas são muito bem selecionadas e depois isto tudo faz com que os amigos dessas Tunas venham também, os estudantes de cá fiquem durante o fim-de semana e então, isso acaba por dar um pouco mais de vida á cidade(...).<sup>40</sup>*

O espaço e o nome do **Centro Cultural** é visto como ponto positivo, numa outra perspetiva de Ricardo Sá, que nos fala do facto de ser um espaço de renome nacional e que isso será uma mais valia para o evento, “(...) *tem um nome muito forte, porque já recebeu lá artistas como a Ana Moura, o Camané, Moonspell, muitos artistas nacionais e internacionais (...).*”<sup>41</sup> Ricardo Sá fala também da **logística** da cidade que acolhe o festival, Viana do Castelo, como uma preciosidade para o decorrer do festival.

De igual modo, para Pedro Magalhães o novo espaço é uma mais valia, “(...) *é uma sala que é agradável, uma sala que dá perfeitamente para ter todas as condições de conforto (...).*”<sup>42</sup>, demonstrando assim, na sua retrospectiva, o favorecimento do festival na sua transição do Teatro Municipal Sá de Miranda, para o Centro Cultural de Viana do Castelo.

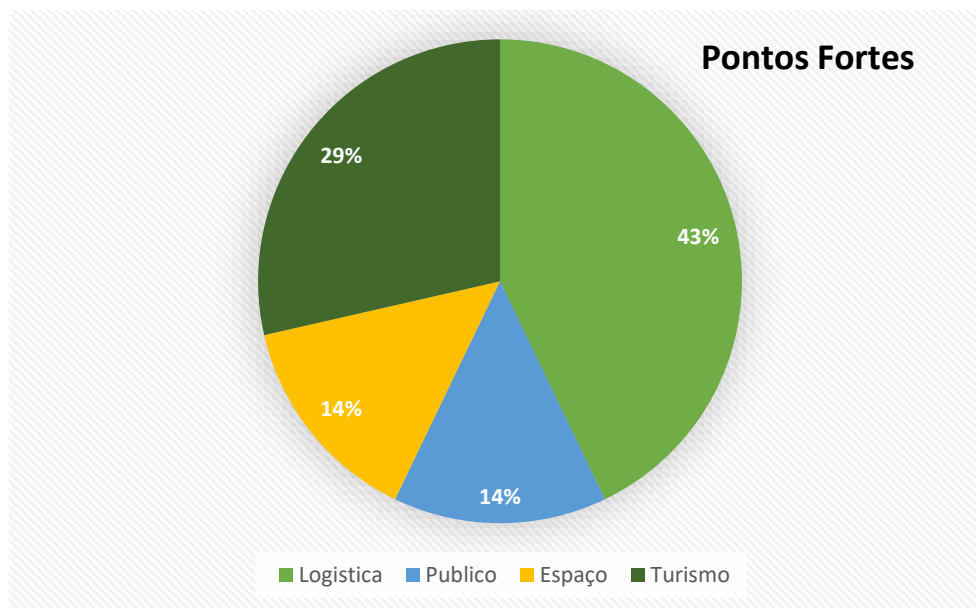


**Figura 16** Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre os pontos fracos do festival. Fonte: Rita NOVO

<sup>40</sup> Ver Entrevista realizada a João Teixeira no Apêndice 2

<sup>41</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

<sup>42</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2



**Figura 17** Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre os pontos fortes do festival. Fonte: Rita NOVO

### 3.2.3.6. Análise das respostas à questão “Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de caráter Nacional ou Internacional? Se sim, qual/is?”

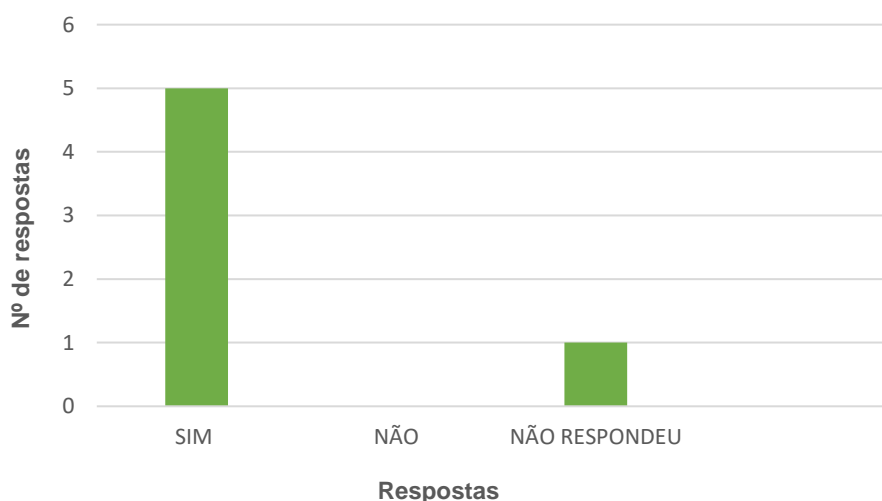
Cinco dos seis inquiridos, responderam de forma positiva a esta questão, sendo que apenas um não respondeu, por alegada falta de conhecimento. Após análise as respostas a esta questão, em tom de concordância, praticamente todos os inquiridos acham que o Lethes é um festival que se encontra na fasquia de outros festivais de Tunas, de renome Nacional.

Nuno Barbosa enumera alguns na sua entrevista, como o FITU da Universidade do Porto, o FITUA em Aveiro, o TUIST em Lisboa, o Tágides em Almada.

Ricardo Sá fala-nos também do festival, Cantar do Estudante, da Tuna de Medicina da Universidade de Coimbra, que é um festival que decore no Teatro Académico de Gil Vicente em Coimbra e que se aproxima bastante em termos de moldes ao Lethes.

Pedro Magalhães fala-nos sobre aquilo que o Lethes tem de melhor, e afirma que é um festival que pode, facilmente, ser comparado a outros grandes festivais de Tunas em Portugal. Ele refere que “(...) *temos tudo para fazer um excelente festival, temos a qualidade da nossa Tuna, temos uma sala de*

*espetáculos que dispensa apresentações e estamos inseridos numa cidade que também é capital do distrito e tem todas as condições hoteleiras, restauração e restantes condições para acolher não só familiares de estudante daqueles que residem em Viana, mas também todos aqueles que nos queiram visitar, de outros concelhos e de outros distritos vizinhos.”*<sup>43</sup>



**Figura 18** Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre a comparação do festival a outros eventos do mesmo caráter. Fonte: Rita NOVO

### 3.2.3.7. Análise das respostas à questão “Como se caracterizam os vários géneros musicais tocados pela Tuna?”

Pela vertente técnica que engloba esta questão, colocou-se a pergunta apenas aos dois inquiridos membros da Hinoportuna, designadamente, a Ricardo Sá e Nuno Barbosa.

Segundo Ricardo Sá, a música tocada pelas Tunas é, habitualmente, composta por **instrumentos de cordas típicos portugueses**, “(...) como guitarras, cavaquinhos, braguesas, contrabaixo, instrumentos maioritariamente clássicos (...)”<sup>44</sup>. Define o estilo de música tocado pelas Tunas, como um “(...) estilo de trovador, um pouco de música tradicional misturada com algumas vivências dos trovadores.”<sup>45</sup> Segundo o entrevistado, as Tunas dividem-se em duas categorias, as que cantam originais e as que cantam adaptações. Explica,

<sup>43</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2

<sup>44</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

<sup>45</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

também, que usualmente as Tunas que cantam originais, “(...) *cantam por exemplo, à sua terra, que é o caso da antUNiA, Tuna de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, eles cantam muito ao Rio-Tejo, a Tuna de Medicina da Universidade de Coimbra, canta muito a Coimbra e ao Mondego (...)*”<sup>46</sup>. Falando das Tunas como a Hinoportuna - que é uma Tuna que, por circunstâncias de força maior, não cria originais tanto como gostaria, apresenta no seu **reportório adaptações de outras músicas** – Ricardo Sá explica que “(...) *a Hinoportuna, por exemplo, tem grandes adaptações de Zeca Afonso, da Amália Rodrigues, da Mariza (...)*”<sup>47</sup>. De igual modo, explica-nos que a escolha do reportório e dos géneros musicais “(...) *depende muito da circunstância de cada Tuna, mas dentro do estilo musical, nós chamamos-lhe mesmo, música tuneril, música de Tuna, são músicas alegres por norma, as vezes melancólicas, depende da finalidade.*”<sup>48</sup>

Por outro lado, Nuno Barbosa esclarece que a Hinoportuna toca, principalmente, **música Popular Portuguesa do Cancioneiro Nacional** e está diretamente ligado aos estudantes, “(...) *que vai do fado, a marchas, como por exemplo o Havemos de ir a Viana, o Hino, são marchas adaptadas do cancioneiro Nacional.*”<sup>49</sup> Acerca das influências que a Hinoportuna tem no seu registo musical, Nuno Barbosa fala-nos sobre “(...) *uma influência grande de música Celta-Ibérica. Por exemplo, falo dos instrumentais, todos eles adaptados de músicas do Júlio Pereira (...)* algumas influências de Zeca Afonso bem marcantes, algumas raízes também na própria música popular Brasileira e depois na música Espanhola (...)”<sup>50</sup>, explicando assim, como se caracterizam os géneros musicais tocados pela Tuna.

Em suma, conclui-se que na Hinoportuna se utilizam instrumentos de cordas típicos portugueses, com reportório de música Popular Portuguesa do Cancioneiro Nacional e adaptações de grandes autores como José Afonso.

---

<sup>46</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

<sup>47</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

<sup>48</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

<sup>49</sup> Ver Entrevista realizada a Nuno Barbosa no Apêndice 2

<sup>50</sup> Ver Entrevista realizada a Nuno Barbosa no Apêndice 2

### 3.2.3.8. Análise das respostas à questão “Os géneros musicais tocados pela Hinoportuna têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida académica? Se sim, quais?”

Esta questão foi colocada a todos os inquiridos. Da análise às respostas dadas, os seis entrevistados confirmaram que existe uma ligação entre a música e os diferentes momentos da vida académica, sendo que todos eles expõem a resposta de perspetivas diferentes.

Paula Chaves é a única que não confirma a existência direta desta ligação, assumindo só um “talvez” e sugere que, “(...) *a nós como designers, não nos é difícil criar aqui algumas metáforas e fazer essas ligações e essas pontes. (...)*”<sup>51</sup> No entanto, não encontra essa ligação com os diferentes momentos da vida académica.

Já os restantes inquiridos, defendem que de facto existe essa ligação com os diferentes momentos da vida académica, que é feita pelo espectador aquando vive o momento em simultâneo com a música, ou até posteriormente, quando ouve a música e se lembra de alguma vivência. Pedro Magalhães diz em resposta a esta questão que “(...) *há músicas que nos marcam pela euforia e pela festividade do momento e há outras que nos marcam pela saudade e pelos momentos que elas significaram quando as ouvíamos.*”<sup>52</sup>

De igual modo, verificou-se que os momentos que estão ligados a esses instantes musicais são por vezes cerimónias realizadas no contexto académico, como a **Queima das Fitas**, a **Semana de Receção ao Caloiro** e as suas respetivas **Serenatas**, os **batismos** e os **rituais** de passagem a Tuno ou a caloiro, as próprias vivências em contexto festivo com os amigos e até os amantes. Vitor Monteiro, fala-nos da música “Havemos de ir a Viana”, como uma música que “(...) *automaticamente há-de ficar para sempre para quem estuda, para quem fica, pelo menos para quem passa no Politécnico de Viana.*”<sup>53</sup> Quase na totalidade das respostas, os inquiridos falam sobre uma ligação emocional que existe, posteriormente associada a esses momentos na vida académica e

---

<sup>51</sup> Ver Entrevista realizada a Paula Chaves no Apêndice 2

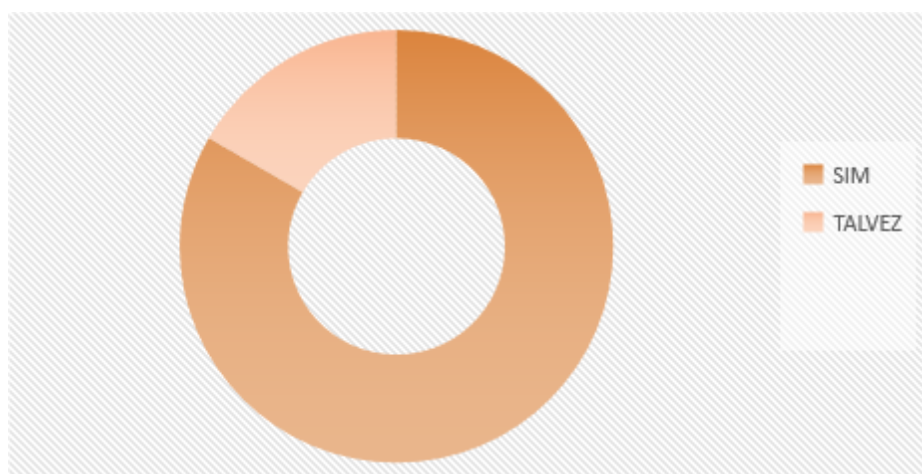
<sup>52</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2

<sup>53</sup> Ver Entrevista realizada a Vitor Monteiro no Apêndice 2



segundo Pedro Magalhães, “(...) *há sempre emoções que estão ligadas à música e aos momentos que estamos a passar.*”<sup>54</sup>

Concluímos desta forma, depois de analisar todas as respostas que de facto existe essa ligação em diferentes momentos, dependendo também do dia, do local e da circunstância do acontecimento.



**Gráfico 1** – Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre a ligação do reportório da Hinoportuna aos momentos da vida académica. Fonte: Rita NOVO

### 3.2.3.9. Análise das respostas à questão “Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?”

Foi também esta questão, uma questão respondida em concordância por cinco dos entrevistados, sendo que apenas um discorda que se consegue determinar essa ligação entre as músicas e os lugares da cidade.

Paula Chaves responde falando sobre uma música que a marcou, “**Havemos de ir a Viana**” que ao dia de hoje, “(...) *reporta-me sempre a questão de, como estudante, chegar a Viana e começar a atravessar a ponte e ver o **santuário** lá em cima, é inevitável.*”<sup>55</sup> Pedro Magalhães enumera também as músicas “Santa Luzia” e “Havemos de ir a Viana” como duas músicas de alta referência a sítios e paisagens emblemáticas da cidade. De forma mais profunda e já em tom de análise, Nuno Barbosa fala sobre essa ligação, associando-a também a momentos vividos pelos estudantes, “*Temos a Santa Luzia que nos*

<sup>54</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2

<sup>55</sup> Ver Entrevista realizada a Paula Chaves no Apêndice 2

*fala exatamente da Santa Luzia, que nos fala de um percurso inicial que é o do batismo dos caloiros da Tuna, quando são finalmente batizados como caloiros. Temos depois o Hinoportuna, que nos fala mais dos locais como as **escolas**, as vivências académicas, as viagens, et cetera. Depois temos o Amor de Perdição que nos fala da **Ribeira**, que nos fala dos viveres mais do centro da cidade”.*<sup>56</sup>

Para Ricardo Sá, a questão é também pertinente a qual respondeu de forma positiva, referindo **os adros das igrejas** que são utilizados para a realização das Monumentais Serenatas da Semana Académica e da Receção ao Caloiro, encontrando assim essa ligação entre música e lugar. Refere também a Ribeira num contexto de atuações em estilo-livre e tarde bem passadas, “(...) *junto com os pescadores e por aí fora, tanto que passávamos um bom momento, para transmitir um bom momento (...)*”<sup>57</sup> Por fim, refere também os bares académicos e as tascas da cidade como ponto de referência da vida noturna e mais efusiva do estudante, onde “ (...) *as Tunas acabam por tocar um bocadinho para passar a mensagem da vida boémia, da alegria, da paixão e festividade acima de tudo.*”

58

Numa outra perspetiva João Teixeira, que diz não existir essa ligação, fazendo referência em especial ao estudante de Viana do Castelo, “(...) *se calhar lembraste de um lugar específico que, por vezes, nem tem nada a ver com a música ou com o tema da música, mas isso acontece porque há uma ligação que vai para além disso, ou seja, uma ligação da tua experiência de vida enquanto estudante.*”<sup>59</sup> João Teixeira defende que existe uma ligação meramente emocional, que é a *posteriori* provocada por vivências do quotidiano que não estão ligadas a sítios específicos de forma direta. Assume que o repertório escolhido pela Hinoportuna é escolhido de forma a “(...) *representar a cidade, pode não ser um local específico, mas consegues essa associação a uma cultura muito típica do Minho, mais concretamente de Viana do Castelo.*”<sup>60</sup> O entrevistado explica desta forma que a ligação entre a música e os locais da cidade não existe de forma intencional por parte dos músicos nem do espetador, mas sim, como algo que se torna numa consequência de outros acontecimentos.

---

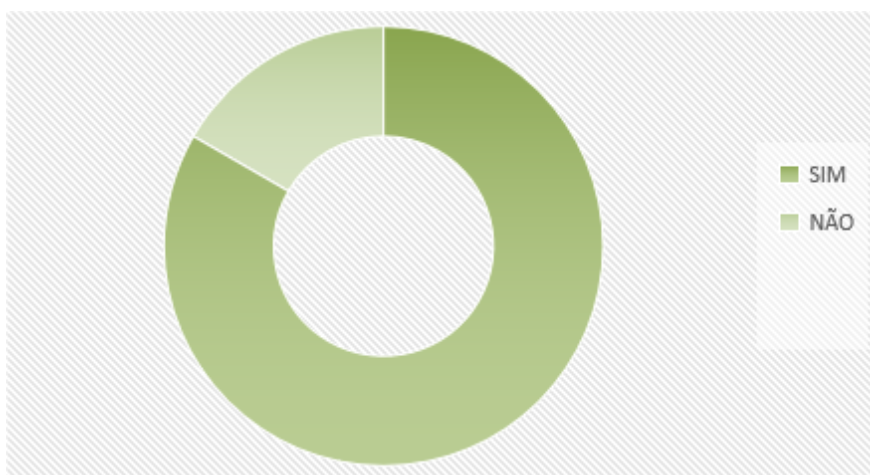
<sup>56</sup> Ver Entrevista realizada a Nuno Barbosa no Apêndice 2

<sup>57</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

<sup>58</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

<sup>59</sup> Ver Entrevista realizada a João Teixeira no Apêndice 2

<sup>60</sup> Ver Entrevista realizada a João Teixeira no Apêndice 2



**Gráfico 2** – Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre se existe uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade. Fonte: Rita NOVO

### 3.2.3.10. Análise das respostas à questão “Que futuro prevê para o “Festival Lethes”? Como se pode garantir a sua sobrevivência?”

Esta foi, também, uma questão colocada a todos os participantes, obtendo-se respostas com fundamentações divergentes, mas em sintonia. Todos os entrevistados reconhecem o Lethes como um festival de grande nome atualmente, mas que necessita que uma atitude anticonformista para que possa, não só garantir-se a sua sobrevivência, mas também o seu crescimento.

Paula Chaves fala-nos dessa atitude afirmando que “*depende sempre muito da **capacidade de reinvenção dos dirigentes** e de quem está a frente, porque os modelos mudam, e de maneira que quem os faz, os públicos neste caso, está sempre a espera de mais e nunca se deve dar um publico como garantido.*”<sup>61</sup> Explica, ainda, que na sua perspetiva este crescimento e sobrevivência é um compromisso e que deve existir uma “*(...) capacidade de se reinventarem e de criarem coisas novas, numa tentativa de tentar ganhar mais públicos e esse ganhar mais públicos (...).*”<sup>62</sup>

A sobrevivência do festival é garantida e praticamente impossível de derrubar, pelas valências que o movem. Segundo João Teixeira, em relação à mudança do Festival do teatro para o CCVC, “*(...) eles tinham realmente que*

<sup>61</sup> Ver Entrevista realizada a Paula Chaves no Apêndice 2

<sup>62</sup> Ver Entrevista realizada a Paula Chaves no Apêndice 2

*mudar, porque a quantidade de pessoas que estavam a começar a frequentar o festival obrigou a isso e eu acho que isso é um indicativo de que realmente o projeto está a crescer (...)*<sup>63</sup>, afirmando desta forma que não encontra neste momento, sinais de que o Lethes não consiga naturalmente, garantir a sua sobrevivência nos moldes anteriores.

Ricardo Sá, demonstra também a sua atitude otimista, como membro da Hinoportuna, Presidente da Direção e parte integrante da organização do festival. Face à continuidade do Lethes, no futuro, faz apenas referência a algo que se deve futuramente analisar e **rever, que é o espaço onde decorre o espetáculo e o próprio palco**, dizendo que “(...) *é um local ainda por explorar, acabou por se estagnar e serem só as Tunas a cantar em cima do palco e os espectadores em baixo a ver e é uma parte que é necessário explorar porque tem asas e é um minério para explorar(...)*”, referindo-se desta forma ao Centro Cultural de Viana do Castelo.

### **3.2.3.11. Análise das respostas à questão “O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, à vida académica de um estudante? E de um espectador “comum”?”**

Nesta questão, em que se pede aos inquiridos que digam qual é a influência das Tunas sobre um estudante e sobre um espetador em comum, as respostas são todas direcionadas para o mesmo âmbito, o âmbito **cultural, o associativismo e as experiências**.

Direcionado para o estudante, os inquiridos falam sobre a experiência de ser-se estudante, independentemente de se pertencer ou não à Tuna. Os entrevistados destacam a importância de se viver o espírito que as Tunas acabam por proporcionar, seja em espetáculos, seja nas ruas ou em atuações de estilo-livre.

A propósito, Pedro Magalhães afirma que “(...) *não ter uma Tuna numa instituição é ter uma instituição académica sem alma*”<sup>64</sup>, referindo assim todas as emoções e experiências que as Tunas podem trazer à vida de um estudante. Paula Chaves refere a questão de a Tuna servir como meio integrante para os

---

<sup>63</sup> Ver Entrevista realizada a João Teixeira no Apêndice 2

<sup>64</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2

novos alunos, *“Muitas das vezes, é a forma que eles têm de receberem alguns miúdos que, de outras maneiras estariam mais desligados da academia.”*<sup>65</sup>

Para Nuno Barbosa e Ricardo Sá, como elementos integrantes da Hinoportuna, a importância da oferta da Tuna para o estudante estará nas emoções transmitidas e nas experiências que permitem ao estudante viver a vida académica, de forma tão natural. Nuno Barbosa aponta, também, a questão do associativismo e da bagagem que, futuramente, portará o estudante *“(...) à parte da música e deste espírito de companheirismo e de haver sempre uma família por perto, acrescenta á vida académica, dar-te lugar num palco, dar-te a oportunidade de fazeres parte duma Associação e de compreender e intervir no dia-a-dia dessa Associação (...).”*<sup>66</sup>. Nuno Barbosa refere-se, desta forma, aos estudantes que tenham feito ou queiram fazer parte da Associação Cultural Hinoportuna. Ricardo Sá distingue o público estudantil em dois grupos: os que pertencem à Hinoportuna e os que são apenas espetadores e membros da academia.

Sobre os que pertencem a Hinoportuna refere também a vertente institucional e formativa que faz pertencer a uma Associação deste cariz, para além dos momentos que se podem proporcionar. Sobre o estudante como espetador, refere a mensagem que pretende que seja passada sobre toda a envolvente académica que rege a Tuna, em tom de influência para futuros membros e o que podem esperar. Como explica Ricardo Sá *“(...) ou pelo menos que nos levem nos seus corações e na sua memória para sempre e sermos reconhecidos no futuro como a Hinoportuna do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.”*<sup>67</sup>

João Teixeira, como ex-estudante não integrante da Hinoportuna, afirma que num contexto académico *“(...) mais do que entrares para a Tuna e teres aí uma oportunidade de carreira ou uma oportunidade de cresceres artisticamente enquanto músico, acho que é isto que te oferecem: relacionamentos, a tal irmandade que existe.”*<sup>68</sup> referindo-se a uma ligação que se cria com os elementos da Tuna, mesmo não pertencendo a ela diretamente. Vitor Monteiro refere que às valências curriculares de pertencer a uma Associação como a

---

<sup>65</sup> Ver Entrevista realizada a Paula Chaves no Apêndice 2

<sup>66</sup> Ver Entrevista realizada a Nuno Barbosa no Apêndice 2

<sup>67</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

<sup>68</sup> Ver Entrevista realizada a João Teixeira no Apêndice 2

Hinoportuna podem transformar a vida profissional, afirmando que esta presença enriquece os currículos dos estudantes. O entrevistado refere que, futuramente, isto pode ser um ponto positivo, *“(...) é uma serie de coisas, desde instrumentos, a própria logística, arranjar verbas, pedir subsídios, há uma serie de coisa que e preciso planear e tudo isso dá trabalho e no futuro, quando a pessoa entrar na vida ativa, ao fazer parte de uma Tuna, de certa forma vai ganhar algo que lhe vai permitir depois abordar o próprio emprego ou outras atividades que possa ter de outra forma completamente diferente.”*<sup>69</sup>

Resumindo, desta análise verifica-se que para o aluno, as Tunas transportam uma vivência cultural, mas também mais valias e instrução para a sua vida futura dos estudantes, nomeadamente, na sua área profissional.

Por outro lado, em relação ao espetador comum, todos os inquiridos referem que se trata de um momento de transmissão de emoções e de cultura, demonstrando-se de forma artística, o que é a vida académica do Estudante.

Paula Chaves refere as Tunas e os eventos organizados ou provocados por elas, como uma forma de transmitir a um outro público elementos culturais que começam a ficar esquecidos. A entrevistada especifica que *“(...) esses temas quer pela Hinoportuna, quer por outras Tunas do país, muitas das vezes não foram perdidos nem esquecidos e chegam a esse tal público e a esse cidadão anónimo através delas.”*<sup>70</sup> Nesta vertente cognitiva, que se pode denotar nas respostas dos inquiridos, Pedro Magalhães refere-se aos Tunos como *“(...) professores paralelos ao sistema, acabando por dar um bocado de si e do seu tempo”*<sup>71</sup>.

Repara-se, que no fundo **a cultura, a formação e a vertente socio-afetiva**, são os pontos forte que as Tunas podem transmitir, quer ao estudante, quer ao espetador em comum, ainda que de formas distintas.

---

<sup>69</sup> Ver Entrevista realizada a Vitor Monteiro no Apêndice 2

<sup>70</sup> Ver Entrevista realizada a Paula Chaves no Apêndice 2

<sup>71</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2

### 3.2.3.12. Análise das respostas à questão “O que é que o Lethes oferece à cidade?”

Nesta questão, era pedido aos inquiridos que explicassem o que é que um festival como Lethes, organizado por uma associação académica como a Associação Cultural Hinoportuna, poderia oferecer à cidade que o acolhe, Viana do Castelo. Da análise às questões verifica-se uma harmonia nas respostas dos inquiridos, que referem a **cultura como o foco principal de oferta**.

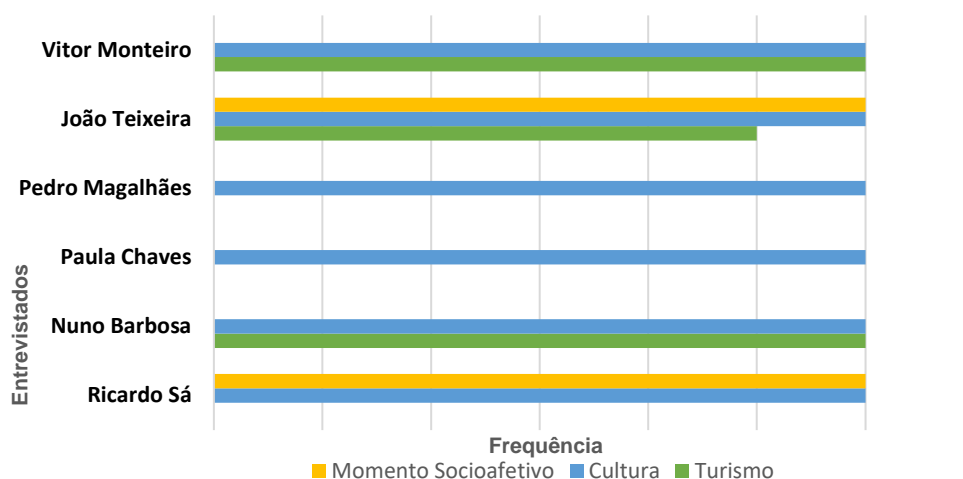
Nuno Barbosa, refere o turismo como uma consequência positiva da participação e organização deste festival na cidade de Viana. *“O Lethes oferece, ponto número um, dar a conhecer a cidade a centenas de estudantes universitários e pós-universitários (...) que depois quererão um dia regressar a Viana do Castelo, coma as suas famílias, para reviver os momentos que cá passaram enquanto tunos quando vem cá com o Lethes (...)”*<sup>72</sup>. João Teixeira refere o apoio que é dado à concretização do festival, por parte da Câmara Municipal e de outras entidades envolvidas, como um sinal de que o mesmo é enriquecedor para a cidade. O entrevistado acrescenta que *“(...) só o facto de ter esses apoios acho eu isso diz muito do que é que o festival e o que consegue aportar para a cidade de Viana do Castelo em todos os sentidos, no sentido social, no sentido económico e no turismo.”*<sup>73</sup>

Neste sentido, é possível afirmar que o Lethes é um festival que cria, não só ligações entre os participantes, de cariz socio-afetivo, mas também, provoca **momentos e cultura, lazer e turismo** para cidade de Viana do Castelo, **potenciando a economia da cidade**.

---

<sup>72</sup> Ver Entrevista realizada a Nuno Barbosa no Apêndice 2

<sup>73</sup> Ver Entrevista realizada a João Teixeira no Apêndice 2



**Figura 19** Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre a oferta do Lethes à cidade. Fonte: Rita NOVO

### 3.2.3.13. Análise das respostas à questão “Qual é o tipo de público?”

A questão que visa entender qual o tipo de público que frequenta o festival foi colocada a todos os entrevistados, dando enfoque à faixa etária que participara no festival mais recentemente. Da análise às respostas dadas entende-se que o público-alvo do *Lethes* é, maioritariamente, um público jovem ligado à vertente académica. Desde amigos dos elementos das Tunas, estudantes das Universidades e Institutos que essas Tunas representam, até jovens naturais de Viana do Castelo que frequentam o Ensino Superior noutras cidades e que participam no espírito académico do Festival de Tunas da sua cidade, carregando os trajes académicos representativos das suas Instituições.

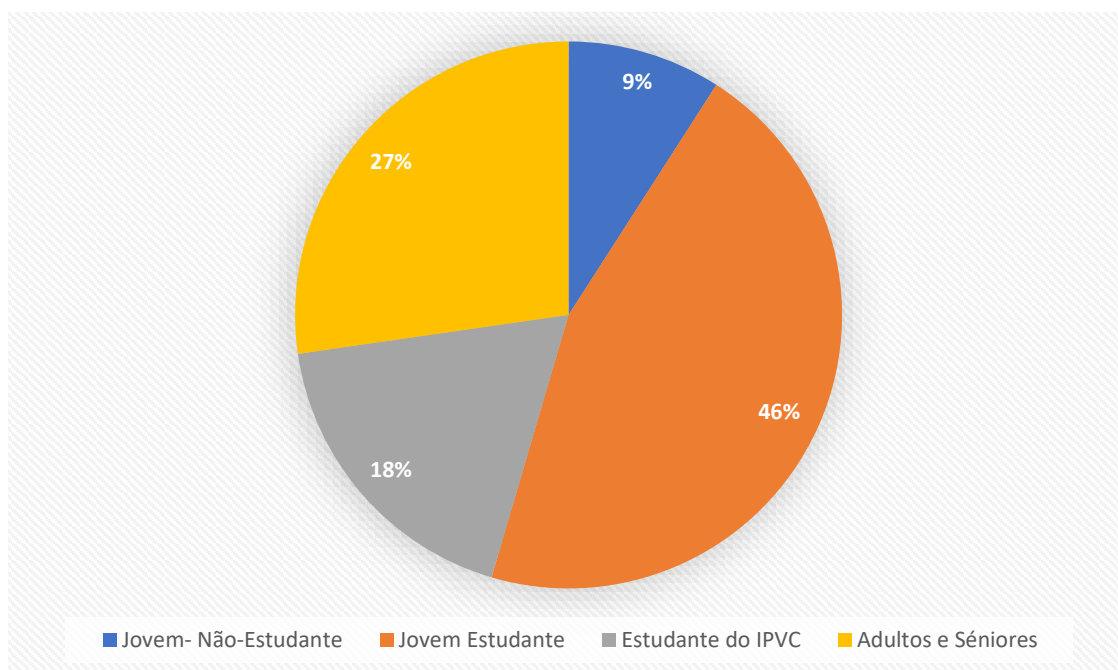
Pedro Magalhães, identifica o **estudante** do Politécnico de Viana como um **ponto fraco** do festival. Como refere “(...) é um público-alvo que ainda está muito por explorar (...) temos ali muitos familiares e a própria cidade que também se envolve, mas acima de tudo, a lacuna maior está no estudante.”<sup>74</sup> Nuno Barbosa, fala das famílias dos Tunos e respetivos amigos como um público que acaba por estar implicado a acompanhar aquela Tuna em específico e também pelo gosto em participar num festival deste formato, conta que atualmente, já nas últimas edições que se celebram no Centro Cultural de Viana do Castelo, “(...) falaremos sempre, atualmente, em números a rondar as oitocentas e as mil

<sup>74</sup> Ver Entrevista realizada a Pedro Magalhães no Apêndice 2



pessoas por cada festival, a este número, temos de juntar os cerca de duzentos e cinquenta bilhetes que são dos tunos participantes.”<sup>75</sup>

Entende-se que a transição do festival do Teatro Municipal para o CCVC, acarretou um acréscimo da lotação do festival. Ricardo Sá, como parte integrante da organização do Festival, refere que “(...) *costuma rondar os 700 lugares, que é um pouco mais do dobro do Teatro Municipal, ou seja, em termos de proporção está muito aquém.*”<sup>76</sup> Como Pedro Magalhães referiu também Ricardo Sá refere que o estudante do IPVC é um ponto fraco do festival. “(...) *Há um lapso de interesse por parte do pessoal, isto pode não ser só um desinteresse meramente cognitivo, pode ser um desinteresse por razões monetárias ou por razões de tempo (...)*”<sup>77</sup> O atual Presidente da Hinoportuna refere, também, que o público sénior tem uma presença mais ativa no festival nas últimas edições, não só os familiares dos Tunos, mas também residentes da cidade de Viana do Castelo e de outras cidades vizinhas.



**Figura 20** Gráfico que ilustra a questão colocada aos inquiridos sobre o público-alvo do festival. Fonte: Rita NOVO

<sup>75</sup> Ver Entrevista realizada a Nuno Barbosa no Apêndice 2

<sup>76</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

<sup>77</sup> Ver Entrevista realizada a Ricardo Sá no Apêndice 2

### 3.2.4. Considerações intercalares

- O **interesse pelo associativismo está implícito no percurso académico** do estudante, desde o ensino básico até a sua entrada no ensino superior, seja através de atividades extracurriculares ou através da participação em associações que forem parte integrante nos estabelecimentos de ensino que frequentam.
- Pode concluir-se que **no âmbito académico, todas as Associações estão interligadas**, nomeadamente na criação de eventos como o Lethes, as Semanas Académicas e outros que decorram durante o ano. Associações como a Hinoportuna, a Associação de Estudantes, a Federação Académica, etc. Estas atividades são constituídas por pessoas com diferentes estilos de vida, diferentes formações académicas, diferentes diretrizes profissionais, provocando **o envolvimento de todas os participantes num só evento, gerando assim a partilha de conhecimento em todos os níveis**. Por outro lado, seja pré ou pós os seus percursos académicos, estes eventos proporcionam o envolvimento em trabalhos e projetos que se regem pela dinâmica do **Co-Working** e pela dinâmica de um **sistema de Rede Territorial**, com os recursos disponíveis.
- É possível deduzir que **o envolvimento dos estudantes nas associações académicas**, como o caso da Associação Cultural Hinoportuna, **funciona como veículo de integração** do aluno na comunidade académica, de forma mais agilizada e prática.
- O envolvimento dos estudantes no associativismo no decorrer do seu percurso académico, funciona como uma escola paralela aos seus Cursos, na medida em que, **através do associativo o estudante cultiva habilidades profissionais** que estão implicadas a determinados cargos associativos.
- **As associações académicas** mencionadas como as Associações de Estudantes, a Federação Académica do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, a Associação Cultural Hinoportuna, entre outras, **são associações impulsionadoras de experiências de cultura e**

**conhecimento** á comunidade académica, funcionando como rede de entidades para a criação de eventos.

- O festival Lethes, organizado pela Associação Cultural Hinoportuna, é um festival de carácter musical, que emprega o espírito académico como meio de transmissão de uma cultura musical e social.
- O festival passa atualmente por alguma **dificuldade em questões logísticas**, apontando a transição do Teatro Municipal Sá de Miranda para o Centro Cultural de Viana do Castelo, como um ponto negativo devido a **discrepância em termos de lotação** de um sítio para o outro. O Teatro apresentava-se como uma boa opção pelo ambiente acolhedor, porém, os **trezentos lugares que eram assiduamente ocupados, tornavam-se insuficientes** para a procura. O Centro Cultural, revela exatamente o contrário, sendo ele um espaço menos emblemático, tem uma **lotação de dois mil lugares** dos quais apenas, entre setecentos e os oitocentos são ocupados, o que **dá ao festival um ambiente disperso, menos acolhedor**.
- Entre **pontos fracos** apontados anteriormente, a **duração** é também **apresentada como um ponto de desconforto** para os espetadores. Entre eles, a **falta de mediatismo**, provocada pelo espaço Centro Cultural ser de uma grande dimensão e um pavilhão multiusos, é apresentada como um **aspeto a melhorar no futuro, com a criação de um ambiente mais delicado** e a possível **inclusão de cenografia no palco**, para marcar a **vertente artística e teatral** que caracteriza o festival.
- O **âmbito Turístico** onde está inserido o festival, **torna-se numa mais valia** para quem visita a cidade na altura da sua realização. Considera-se **Viana do Castelo como um ponto forte para o turismo e logisticamente**, para a criação de eventos culturais como o Lethes.
- Compreende-se que a Hinoportuna e em geral, as Tunas académicas, se regem por **reportórios de música Popular Portuguesa** do Cancioneiro Nacional direcionado ao estudante, funcionando como **meio de transmissão da cultura musical Portuguesa**. A Hinoportuna aporta estilos musicais, desde o fado às marchas, com **influências na música Celto-Ibérica, na música popular Brasileira e na música popular**

**Espanhola.** São também influenciados por **artistas emblemáticos como Zeca Afonso e Amália Rodrigues** na criação de adaptações musicais que incluem nos seus reportórios.

- O futuro do Lethes está garantido pelo impacto que tem de edição para edição, quer na comunidade académica, quer no Instituto e até na própria cidade de Viana do Castelo. Para além de ser um festival de cariz cultural que desperta interesse num público diversificado, é um evento que é querido à Associação Cultural Hinoportuna, ao Município, ao Instituto Politécnico de Viana do Castelo e a restantes entidades que se encontram associadas que certamente não deixarão o legado do festival desaparecer.
- Concluimos que os reportórios tocados pela tuna, têm uma ligação a diferentes momentos da vida académica e a locais específicos da cidade. É esta uma ligação somente emocional, não premeditada por parte da tuna, mas que involuntariamente, cada um como espetador, acaba por fazer seja no momento em que se ouve a música ou nos pós. O monumento de Santa Luzia, a Ribeira da cidade, a ponte Eiffel, a Sé Catedral, a Igreja da Nossa Senhora da Agonia e toda a encosta da marina da cidade, são locais que são lembrados no momento em que acontece essa ligação. Os momentos que passam por essa ligação, são diferentes de pessoa para pessoa, passando pelas vivências que são implícitas durante o percurso académico, desde a entrada a saída da academia.
- Em tom de influência no espetador, estudante e não estudante e até na própria cidade de Viana do Castelo, entendemos que **o Lethes tem para oferecer uma experiência enriquecedora de cultura e turística**, para quem participa como convidado e também como espetador. A **logística do festival**, aporta para a cidade e para o próprio Instituto um reconhecimento a nível Nacional e Internacional, contanto com a presença de associações académicas como as Tunas de renome que são convidadas para frequentar a cidade e o festival durante um fim-de-semana.
- O **público-alvo do Lethes está ainda por explorar**, tendo em conta a mudança do festival em termos de logística para o Centro Cultural de

Viana do Castelo. É pretendido que o Lethes seja num futuro próximo, um festival frequentado por uma massa estudante maior, em específico a do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, mas não só, contando também com estudantes de todo o país para que se possa a partilhar cultura e realidades académicas totalmente diferentes. É esperado também que o público adulto e sénior, não sejam só os familiares dos Tunos, mas também residentes da cidade e arredores. Para que se cultive esta mudança e este crescimento no âmbito do público do festival, é necessário que se renove a estratégia de comunicação do festival, em especial, a nível da cidade de Viana do Castelo.

### 3.2.5. Criação de premissas de Projeto em tempos de Pandemia

Com a realização destas entrevistas foi possível analisar e retirar reflexões e premissas de aplicação projetual. Por um lado, as repostas dos entrevistados apresentaram-se com elementos orientadores da ação projetual a seguir. Por outro lado, considerando que no faseamento desta investigação, surgiu o coronavírus e a doença da COVID-19, foi necessário parar.

De facto, um dos efeitos imediatos da pandemia na investigação prendeu-se com o fato de que o Festival Lethes foi cancelado. Neste sentido, todo o trabalho que tinha sido desenvolvido até à data apresentava-se fragilizado. Assim, em termos projectuais tirámos as seguintes reflexões:

Manter o Festival Lethes, fisicamente, mas beneficiando também da vertente online e digital, criando **soluções de comunicação nas redes sociais**.

Desenvolver um projeto em **Co-Working** e beneficiando de um **Sistema de Rede Territorial**. Em termos de projeto significa que se procurará relacionar entidades produtivas locais em função do produto construído que servirá o festival da Hinoportuna.

Como converter o novo espaço do Centro Cultural de Viana do Castelo numa oportunidade de projeto? A esta questão, parece que a **inclusão de cenografia no palco**, para marcar a vertente artística e teatral que caracteriza o festival. Por outro lado, este elemento cénico poderá servir de mediador entre o público e a tuna.

A criação de um **prémio** que marque o festival como um elemento de ligação entre diferentes tunas, culturas, gerações.

## 4. Terceiro momento: Projeção de ideias futuras

### 4.1. Desenvolvimento do Projeto para o XX Festival Lethes

Nesta fase é essencial que se comece a passar tudo “para o papel”, começar a projetar tudo o que até agora foi informação recolhida e trabalho de campo.

A parte relacionada aos desenhos do prémio e do cenário foram desenvolvidos no âmbito deste projeto de investigação como aplicação de um projeto de mestrado em Design.

### 4.2. Apresentação e fundamentação do tema

O festival *XX Lethes* é um festival de Tunas da cidade de Viana do Castelo, inteiramente organizado pela Hinoportuna, a Tuna Académica do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Este festival nasce em 2000<sup>78</sup> e a sua primeira edição foi no Teatro Municipal Sá de Miranda, contando com o apoio da Câmara Municipal de Viana do Castelo e do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. É dado ao festival o nome de “*Lethes*”, inspirado na lenda do Rio Lethes, ilustrada na tapeçaria de Almada Negreiros<sup>79</sup>, que conta que quando as hostes<sup>80</sup> do exército Romano comandadas por *Decius Junius Brutus* tocaram a margem esquerda do Rio Lima no ano 135 a.c. julgaram estar perante o Rio Lethes, justamente pela beleza do lugar, que por consequência de o atravessar, apagaria todas as memórias e lembranças adquiridas ao longo da vida e desta forma, os soldados recusaram atravessá-lo. Para que pudesse mostrar aos soldados que aquele não era o Rio do esquecimento, o Comandante atravessou o Rio e do outro lado chamou cada soldado pelo seu nome.

---

<sup>78</sup> <http://www.hinoportuna.com/lethes/>, [acedido a 13 de julho de 2020]

<sup>79</sup> Tapeçaria exposta na parede de uma das salas da Pousada Monte de Santa Luzia em Viana do Castelo, do ano de 1957, que distingue a lenda do Rio Lima

<sup>80</sup> Termo de origem do latim *hostis*, utilizado para designar um exército ou tropa

O Lethes é um festival de Tunas onde o estilo musical é compreendido por temas do Cancioneiro Popular Português<sup>81</sup>, originais ou adaptados, através da utilização de instrumentos maioritariamente de cordas, como o contrabaixo, viola, bandolim e também instrumentos típicos portugueses, como o cavaquinho, braguesa, guitarra, entre outros.



**Figura 21** Da esquerda para a direita: 14ª Edição do Lethes "XIV Lethes", Teatro Sá de Miranda. 15ª Edição do Lethes "XV Lethes", Teatro Sá de Miranda. Fonte: <https://www.facebook.com/hinoportunajpvc>, [acedido a 16 de julho de 2020]

O molde de participação do festival é de seis Tunas convidadas a concurso, entre outras tunas e grupos musicais convidados apenas para participação no espetáculo. O festival tem uma duração de três dias, contando com dois dias de espetáculo pela primeira vez, na 20ª edição do festival, XX *Lethes*. No que respeita as normas do espetáculo, cada Tuna a concurso terá um período de vinte minutos, com cinco minutos de tolerância, para apresentação do seu repertório. No total, o espetáculo tem uma duração média de quatro horas, contando com um intervalo de quinze minutos.

As Tunas são constituídas em média por cinquenta elementos, numa faixa etária compreendida entre os dezoito e os quarenta anos, sendo que os elementos dão entrada nas Tunas no início ou durante o seu percurso académico, mas depois da sua conclusão, a maior parte, continua a pertencer as Tunas. No momento do espetáculo, segundo o regulamento do festival, são permitidos em palco, apenas vinte e cinco elementos por tuna.

---

<sup>81</sup> Obra composta por textos e notações musicais referentes a música popular portuguesa, editada em 1981 pelo Círculo de Leitores, concebida por Michel Giacometti, contando com a colaboração de Fernando Lopes- Graça

O festival de Tunas da Cidade de Viana do Castelo conta com 15 edições do festival no Teatro Municipal Sá de Miranda, recordando a participação de afamadas Tunas<sup>82</sup> como a EUL – Estudantina Universitária de Lisboa, em 2003, a Azeituna - Tuna de Ciências da Universidade do Minho, em 2001, 2002 e 2011, a Magna Tuna Cartola da Universidade de Aveiro em 2008 e 2010, a TMUC - Tuna de Medicina da Universidade de Coimbra, em 2015, entre outras.

Já em 2016, o *Lethes* passa por uma mudança e celebra a sua primeira edição no Centro Cultural de Viana do Castelo. Apesar do afinco ao espaço do Teatro Municipal Sá de Miranda, a Hinoportuna, sentiu a necessidade de repensar os moldes logísticos do festival, tendo em conta que de edição para edição, o número de participações aumentava e desta forma, o espaço do teatro, revelou-se insuficiente ao nível de capacidade da sala.



**Figura 22** Da esquerda para a direita: 17ª Edição do Lethes "XVII Lethes", Centro Cultural de Viana do Castelo. 19ª Edição do Lethes "XIX Lethes", Centro Cultural de Viana do Castelo. Fonte: <https://www.facebook.com/hinoportunaipvc>, [acedido a 16 de julho de 2020]

Sendo esta uma edição comemorativa dos vinte anos de festival, foi proposto a Hinoportuna a parceria com o Mestrado em Design Integrado e o envolvimento neste projeto, que propõe trazer ao festival, nos moldes atuais, a vertente teatral tão bem conseguida nas edições anteriores no Teatro Municipal Sá de Miranda, trazendo as raízes a atualidade, por ser esta também, uma edição comemorativa dos vinte anos de festival Lethes, da cidade de Viana do Castelo.

Em todas as edições, é depois do espetáculo, que o júri atribui às tunas merecedoras os dois principais prémios, “Melhor Tuna” e “2ª Melhor Tuna”. Para além dos dois principais prémios e por as performances abrangerem mais do

<sup>82</sup> <http://www.hinoportuna.com/lethes/>, [acedido a 13 de julho de 2020]



que uma categoria e simples atuação, são atribuídos também prémios como “Melhor Porta-Estandarte”, “Melhor Pandeireta”, “Melhor Instrumental”, “Melhor Prestação Instrumental”, “Melhor Original”, “Melhor Solista” e a “Melhor Prestação Vocal”, existindo também um prémio a ser atribuído pelo público, “Tuna mais Público” e os dois prémios atribuídos pela tuna anfitriã, “Tuna mais Bebedora” e “Tuna mais Tuna”.

Entendendo desta forma a importância dos prémios e da própria exposição das mesmas nas respetivas sedes de cada Tuna, foi proposta a Hinoportuna a realização dos respetivos, inspirados na típica pandeireta utilizada pelas tunas, com a inscrição “XX Lethes” e o nome da categoria do prémio, afixando-se no mesmo, as fitas com cores correspondentes a Hinoportuna e as fitas com as cores da tuna a quem é atribuído o prémio.

Passando não só pela criação dos prémios, mas também pela criação do cenário, é proposto da mesma forma a criação de um adereço de cena, inspirado na forma da pandeireta, que será colocado no palco e transmitirá, através da tela branca translúcida, as silhuetas dos músicos e integrantes do palco, transformando assim o espetáculo, de certa forma, num momento mais interativo e imprevisível.

No que diz respeito ao cenário, será utilizado um painel LED, tal como nas anteriores edições, onde serão transmitidas imagens ao longo do espetáculo. O facto do Centro Cultural de Viana do Castelo, ser um local tão amplo, exige que a transmissão das imagens seja feita de forma vasta, daí, ser justificável o recurso as tecnologias disponíveis.

### 4.3. Criação do sistema de Rede de Empresas

As hipóteses de projeto para o prémio de distinção e o cenário começaram a ser construídos a partir da análise dos principais temas, nomeadamente, a música, a tradição, os instrumentos e os locais da cidade mais emblemáticos.

Da análise às entrevistas, os instrumentos tradicionais salientavam-se como elementos simbólicos destes festivais. Entre eles, a **pandeireta** destaca-se visualmente no cartaz do XX Lethes, sendo utilizada por dois dos elementos da Hinoportuna num dos momentos captados durante uma performance.



**Figura 23** Da esquerda para a direita: Atuação da Hinoportuna na 17ª edição do Lethes “XVII Lethes”, 2017, Centro Cultural de Viana do Castelo. Fonte: <https://www.facebook.com/hinoportunaipvc> [acedido a 11 de junho de 2020]. Cartaz do “XX Lethes” da autoria do designer João Teixeira. Fonte: Associação Cultural HINOPORTUNA

Todas as tunas têm na sua constituição instrumentos musicais, sendo que, simbolicamente, as “pandeiretas” destacam-se sempre. Durante as atuações, os estudantes deixam o seu instrumento musical ou deixam de cantar, presenteando o público com uma performance que se faz acompanhar daquele instrumento de percussão e do seu corpo. Por norma, as Tunas utilizam, para além de um **estandarte** onde exibem os seus prémios e participações, fitas com as **cores** que representam a Tuna. Estas fitas são colocadas quer nos trajes académicos que utilizam, quer nas pandeiretas para intensificar o ruído dos movimentos realizados durante a performance. Desta forma, a pandeireta revela-se instrumento musical que chama a atenção do espectador durante toda a atuação.

Em termos de escolha de projeto pareceu pertinente e adequado escolher a “pandeireta” como ponto de partida. Por um lado, pela sua forma, pelas cores e pelo movimento que transmite. Por outro lado, porque se trata de um objeto veiculador de cultura do lugar representativo da identidade das tunas estudantis.

Outro ponto importante era o material que deveria estar relacionado ao espírito do lugar, o *genius loci*, e desta forma, foi proposto e aceite desde o primeiro momento, a utilização da cerâmica para a realização dos prémios de distinção, pela vertente histórica e cultural que tem na cidade de Viana do Castelo, surgindo desta forma a oportunidade de fundir a cultura da Louça de Viana<sup>83</sup> com a criação destas peças.

A criação de um prémio e do cenário como elementos de ligação entre as diferentes tunas estudantis, culturas, gerações pareceu ser o primeiro elemento a trabalhar. Considerando que, em termos estratégicos se escolheu a metodologia do Co-Design e a criação de um sistema de rede territorial, beneficiou-se da parceria que o Mestrado em Design Integrado do IPVC tem com as seguintes entidades:

- **Double Concept Bar, Drink and Design**, com sede em Viana do Castelo;
- **Laboratórios da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do IPVC** para desenvolver o prémio de distinção a atribuir às tunas que estariam de passagem pelo Lethes;
- **Academia Sénior** do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, com o apoio ao desenvolvimento dos prémios;
- **Fábrica de Cerâmica Artística Vale do Neiva**, em Viana do Castelo
- **Empresa de Serigrafia cerâmica - Marcuper.**
- Empresa **Ferrolimiana**, em Ponte do Lima
- **Serralharia Miranda** em Deocriste, Concelho de Viana do Castelo  
Carpintaria **Nova Geração** em Vila de Punhe, Conselho de Viana do Castelo
- **Câmara Municipal de Viana do Castelo**, que cede o espaço onde se realiza o festival Lethes, o **Centro Cultural de Viana do Castelo**, proporcionando a criação de laços entre alunos e entidades profissionais

---

<sup>83</sup> Louça típica da cidade de Viana do Castelo, produzida em cerâmica, maioritariamente na Fábrica de Louça de Viana do Castelo



**Figura 24** Fluxograma do Sistema de Rede-Territorial criado durante o desenvolvimento do projeto  
 . Fonte: Rita NOVO

#### 4.4. Criação de hipóteses satisfatórias de projeto

Numa primeira fase, desenvolveram-se diferentes croquis tendo como referência a pandeireta, instrumento utilizado pelas tunas, o cartaz do festival de 2020, a performance e os instrumentos de cordas, na sua forma curvilínea e foram desenvolvidos alguns croquis com propostas daquele que viria a ser o modelo final do prémio.



**Figura 25** Croquis de estudo para o prémio de distinção. Fonte: Rita NOVO

#### 4.5. Fase Experimental e de discussão de ideias

Depois desta primeira fase inicial houve uma reunião com os elementos da Hinoportuna ligados à organização do festival para apresentar as ideias para o prémio de distinção. Após a deliberação da Hinoportuna, seleccionou-se o modelo final, passou-se para a fase de experimentação, para que se pudesse ter uma noção de como funcionaria a forma do objeto, evidenciando possíveis pontos fracos.

Num primeiro momento recorreu-se a um programa de modelação 3D, desenvolvendo-se um primeiro modelo à escala 1:5, impresso numa impressora 3D - *Ultimaker 2* - do parceiro do projeto, **Projeto Double Concept Bar, Drink & Design**, em Viana do Castelo.



**Figura 26** Primeiro modelo à escala 1:5 do prémio em impressão 3D. Fonte: Rita NOVO

O modelo foi apresentado aos orientadores deste estudo e à Hinoportuna, em dois momentos distintos. Com os orientadores retificaram-se problemas de proporções e equilíbrio visual e físico da peça. De igual modo, foram corrigidos problemas da forma do objeto. Os elementos pendentes na lateral do corpo foram retirados, deixando que a peça viva da relação vazio/cheio. Por outro lado, foi adicionado 5% de inclinação à peça para que o prémio, depois de concebido, tivesse uma forma mais acessível em termos de estabilidade e exposição.

Posteriormente, para que se pudesse entender como funcionaria a forma do prémio num momento de utilização, voltou a imprimir-se um modelo, ainda escala 1:5, já com as alterações feitas.





**Figura 27** Segundo modelo à escala 1:5 do prémio em impressão 3D. Fonte: Rita NOVO

Depois de analisada a forma recorreu-se, novamente, ao Double Concept Bar, para se imprimir o modelo a uma escala de 1:1 com qualidade.



**Figura 28** Terceiro modelo do prémio impresso á escala 1:1, em 3D. Fonte: Rita NOVO

#### 4.5.1. Fase de Experimentação do prémio nos laboratórios de cerâmica

Nesta fase avançou-se para a experimentação com materiais cerâmicos nas Oficinas de Cerâmica da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do IPVC. Nesta fase, já direcionada para a fase da produção dos modelos finais, houve uma reunião com a Engenheira Rosa Venâncio - responsável das oficinas de Cerâmica - e Claire Maca - Aluna da Academia Sénior do IPVC.

Este momento permitiu, igualmente, discutir a abordagem dos prémios e todo o seu processo de confeção, assim como a matéria-prima a ser utilizada, a retração da pasta num processo de pós-cozedura e a inclinação possível do corpo do prémio. Após esta reunião fica decidido recorrer a utilização de uma pasta de porcelana branca, com 15% a 20% de retração após cozedura e um acabamento de vidrado transparente, com uma posterior aplicação das inscrições através da técnica de serigrafia.



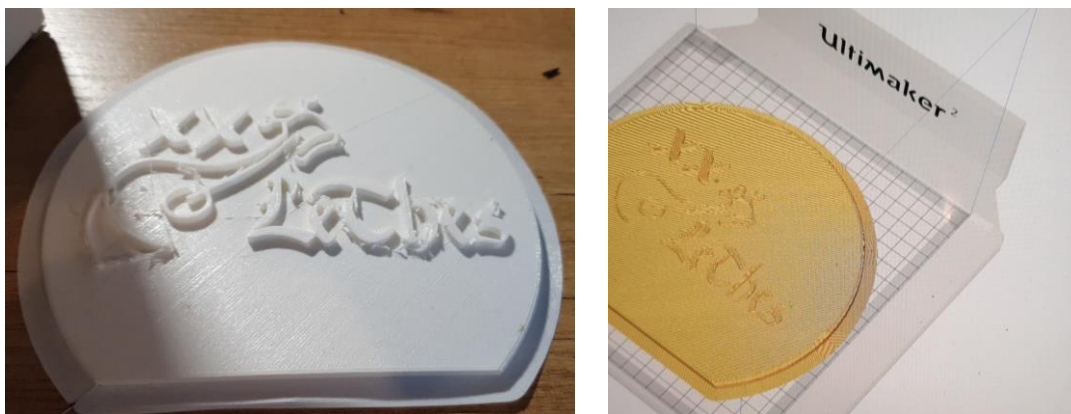
**Figura 29** Reunião com a responsável das oficinas e aluna da academia sénior do IPVC. Fonte: Rita NOVO

Tendo em conta a escala 1:1, pretendida para os modelos finais dos prémios e sabendo que cada prémio teria a sua inscrição específica - sendo eles prémios de categorias diferentes à exceção dos prémios de participação - acertou-se no laboratório de cerâmica que o modelo final em 3D seria impresso apenas com o logotipo do festival XX Lethes. Posteriormente, avaliar-se-ia a aplicação de uma inscrição individual em cada prémio. Assim, recorreu-se,



novamente, ao Double Concept Bar, realizando-se uma nova impressão do modelo.

De seguida, como a escala pretendida para o modelo maior seria de 200 milímetros de diâmetro, rentabilizou-se tempo imprimindo em duas partes. A parte frontal e a parte lateral que, depois de impressas são coladas uma na outra, dando assim origem aquele que seria o modelo final utilizado para a conceber a madre em gesso.



**Figura 30** Da esquerda para a direita: Modelo final do prémio impresso em 3D; Print Screen da modelação do modelo final. Fonte: Rita NOVO

Depois deste processo passou-se para a criação de um primeiro protótipo de teste, para que se pudesse entender como funcionaria o modelo já a uma dimensão real e como seria o comportamento da pasta num processo de pós-cozedura.



**Figura 31** Primeiro protótipo do prémio, com escala reduzida e teste de acabamento, produzido nas oficinas de cerâmica do IPVC. Fonte: Rita NOVO

Inicialmente, a Hinoportuna pediu que se produzissem quinze prémios no total. Seis deles seriam prémios de participação para presentear cada Tuna convidada e os outros nove passariam a ser entregues por categoria às Tunas de acordo com um júri próprio. Estas nove modalidades englobariam áreas como: melhor porta-estandarte, melhor pandeireta, melhor prestação instrumental, melhor instrumental, melhor original, melhor solista, melhor prestação vocal, melhor tuna e a segunda melhor tuna.

Após conversa com os membros da organização do festival, acordou-se que dois dos prémios deveriam receber maior destaque, que seriam o prémio da “Melhor Tuna” e o da “Segunda Melhor Tuna”.

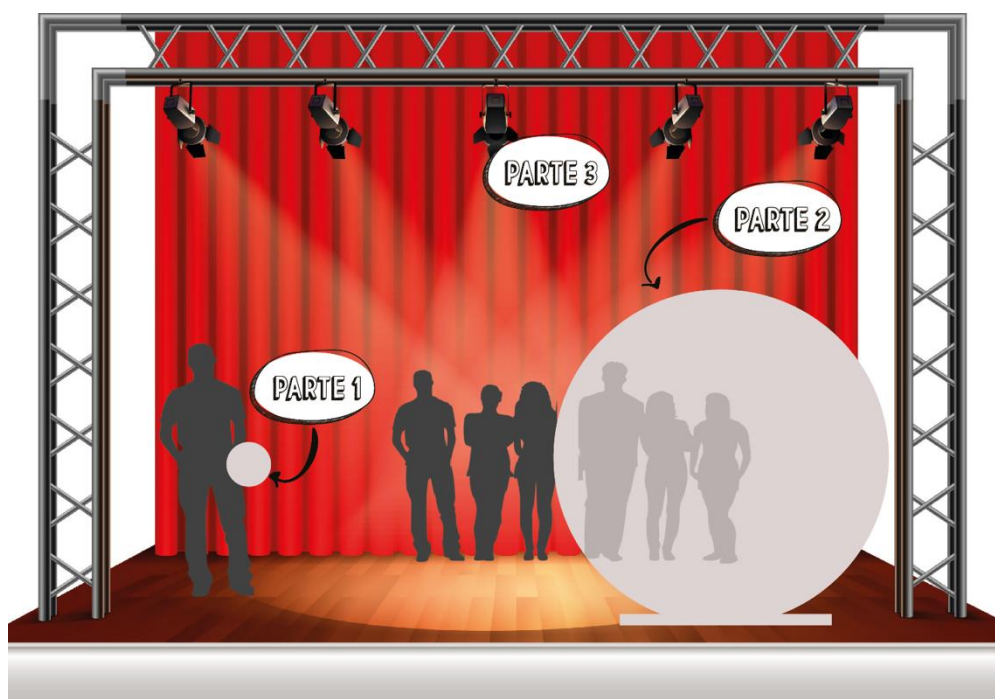
Desta forma decidiu-se que, para além de terem um formato maior do que os restantes, teriam também as inscrições, para além do logotipo, feitas a mão. Desta forma, passámos para o laboratório de cerâmica da ESTG-IPVC e, juntamente, com a responsável e a Claire Maca - aluna da academia sénior do IPVC - e com o recurso a dois modelos impressos em 3D de escalas distintas, passámos para a elaboração dos moldes em gesso, que foram uma solução acessível a nível de custos e de fácil utilização.

## 5. Quarto momento: Prototipagem de ideias e conceitos

### 5.1. Projeto de Cenário Lethes: prêmio, adereço de cena e cenário

O desenvolvimento do prêmio de distinção como aplicação do conceito da pandeireta permitiu desenvolver um sistema de produto, assente nesta referência. Neste sentido, a proposta selecionada consiste em três partes distintas:

- **PARTE 1:** A primeira pandeireta será um prêmio: um objeto à escala da mão, de valor simbólico e produzido em cerâmica;
- **PARTE 2:** A segunda pandeireta é um adereço de cena: um objeto simbólico e funcionalista que se relaciona como o corpo humano e com as dimensões do palco do Centro Cultural de Viana do Castelo e produzido em aço, no seu esqueleto, revestido com platex nas laterais e coberto com tecido branco na frente
- **PARTE 3:** O Cenário.



**Legenda:**

- Parte 1:** Prémio
- Parte 2:** Adereço de cena
- Parte 3:** Cenário

*Figura 32 Esquema do palco e cenário do festival XX Lethes. Fonte: Rita NOVO*

### 5.1.1. Parte 1: Desenvolvimento do Prémio de Distinção

Para a fabricação dos prémios finais, partimos de um modelo em gesso, feito com auxílio dos modelos impressos em 3D. Daqui é obtida a forma do modelo que se pretende e de seguida obtém-se o seu negativo, que seria então a *madre* e é ao chegar aqui que se obtém a forma, como os moldes, que permitem depois fabricar os objetos, por vezes indeterminadas através do processo de enchimento.

Inicialmente foram produzidos vários modelos nas oficinas de cerâmica e cozidos nos fornos que lá estão dispostos, recorrendo-se as pastas disponibilizadas pelo mesmo.



**Figura 33** Segundos protótipos dos prémios com inscrição manual, produzidos nas oficinas de cerâmica do IPVC. Fonte: Rita NOVO

Depois dos primeiros protótipos dos prémios estarem desenvolvidos, acontecem os primeiros constrangimentos inerentes a qualquer projeto. As peças, num processo de pós-cozedura, começam a romper, o que implica uma fragilidade no processo de cozedura e demonstra que a pasta não teria as propriedades necessárias para aguentar a forma desejada.



**Figura 34** Pormenor de rotura dos segundos protótipos dos prémios com inscrição manual, produzidos nas oficinas de cerâmica do IPVC. Fonte: Rita NOVO

Neste sentido, recuou-se no processo e iniciou-se uma segunda tentativa de cozedura.

Posto isto, passámos por um processo de reestruturar a pasta utilizada e voltar a fazer todo o processo de enchimento e cozedura, com uma alteração na forma como seria concebido. Entendido desta forma que a peça sofreu rutura durante a cozedura num ponto da base em que estaria mais fragilizado, optou-se por realizar o segundo teste de cozedura com a base fechada e só depois de cozido é que se recortou a mesma, obtendo assim a forma pretendida.



**Figura 35** Terceiros protótipos dos prémios sem inscrição com base recortada pós-cozedura, produzidos nas oficinas de cerâmica do IPVC. Fonte: Rita NOVO.



Depois deste processo passou-se todo o processo de produção para a **fábrica de Cerâmica Artística Vale do Neiva**, em Viana do Castelo, devido à necessidade de produzir dezoito exemplares do prémio e para obter os melhores resultados e com maior fluidez. Atualmente, a fábrica **Cerâmica Artística Vale do Neiva** produz loiça de grés para mesa, cozinha e forno, tendo uma equipa de 40 trabalhadores especializados.<sup>84</sup>

Nesta fase, retificou-se a pasta a ser utilizada, para que se pudessem obter ainda melhores resultados de cozedura e, consequentemente, nos modelos finais. Para tal, foi utilizada uma pasta de barbotina de grés, própria para enchimento sob pressão e enchimento tradicional, que é o processo utilizado neste caso.

Numa vertente ligeiramente mais industrial, passamos por todo o processo de criação das peças de cerâmica até se conseguirem obter os modelos finais. Como explicado anteriormente, o processo passa pela criação inicial de uma *madre* que permite posteriormente reproduzir o número de modelos pretendidos.

O processo utilizado para a obtenção deste tipo de peça, é um processo de conformação por enchimento, que permite conformar peças de qualquer formato, desde simples a mais complexas, com baixos custos de produção.

Num primeiro momento, através do modelo impresso em 3D, é concebida a *madre* e daí o molde de produção, que numa próxima fase será o veículo para dar á barbotina a forma que se pretende através do processo de conformação por enchimento. Nesta fase o molde é enchido com a pasta líquida e o excesso é vertido.

---

<sup>84</sup> <http://www.cavn.pt> acedido a 20 de julho de 2020



**Figura 36** Enchimento das formas com a pasta de grés, na fábrica de Cerâmica Artística Vale do Neiva.  
Fonte: Rita NOVO

Nesta fase esperou-se a secagem e que se formasse uma camada espessa de pasta. Assim que as peças secaram os moldes são abertos e as peças são retiradas, já com a forma desejada.



**Figura 37** Abertura dos moldes das peças. na fábrica de Cerâmica Artística Vale do Neiva. Fonte: Rita NOVO

No momento que se segue, entrou-se num período de secagem natural em que as peças são homogeneizadas com o auxílio de esponjas e ferramentas de corte, para se obter uma superfície lisa. Depois disso, as peças ficam, oficialmente prontas, para a fase de acabamento.



**Figura 38** Peças em período de secagem natural, na fábrica de Cerâmica Artística Vale do Neiva. Fonte: Rita NOVO

Terminado o processo de secagem passamos para a fase da chacotagem, em que as peças são levadas pela primeira vez ao forno, em temperaturas que vão dos 900°C aos 1050°C, no caso das pastas plásticas e é aqui que a respetiva passa a ser branca perdendo assim a plasticidade, ganhando resistência.

Segue-se um processo de vidragem e decoração, no caso dos prémios *in glaze*, ou seja, a decoração, será aplicada nas peças através da técnica de decalque – serigrafia - sobre as peças já vidradas. Nesta fase as peças são vidradas através da técnica de pistolagem e posteriormente cozidas no forno em temperaturas que vão dos 1150°C aos 1400°C.





**Figura 39** Fase de vidragem, acabamento e cozedura, na fábrica de Cerâmica Artística Vale do Neiva.  
Fonte: Rita NOVO

Terminada a cozedura, as peças são levadas para a **Marcuper**, uma empresa de decoração em louça em Viana do Castelo, onde serão aplicadas as inscrições através da técnica de serigrafia, passando por uma terceira e última cozedura num forno em temperaturas que vão dos 750°C aos 1250°C, chegando então ao fim do circuito de produção das peças.



**Figura 40** Aplicação das inscrições dos prémios através da técnica de serigrafia, na Marcuper - Decoração em Louça, Lda.  
Fonte: Rita NOVO

Por fim, resultam dos prémios peças interativas, sendo que será apenas quando se conhece as tunas vencedoras dos prémios, que o elemento júri fará a aplicação das fitas com as respetivas cores da tuna vencedora da determinada categoria, no momento da entrega, surgindo assim uma oportunidade para o design da experiência.



**Figura 41** Aplicação das fitas nos prémios para registo fotográfico. Fonte: Rita NOVO





**Figura 42** Prémios Finais Fonte: Rita NOVO

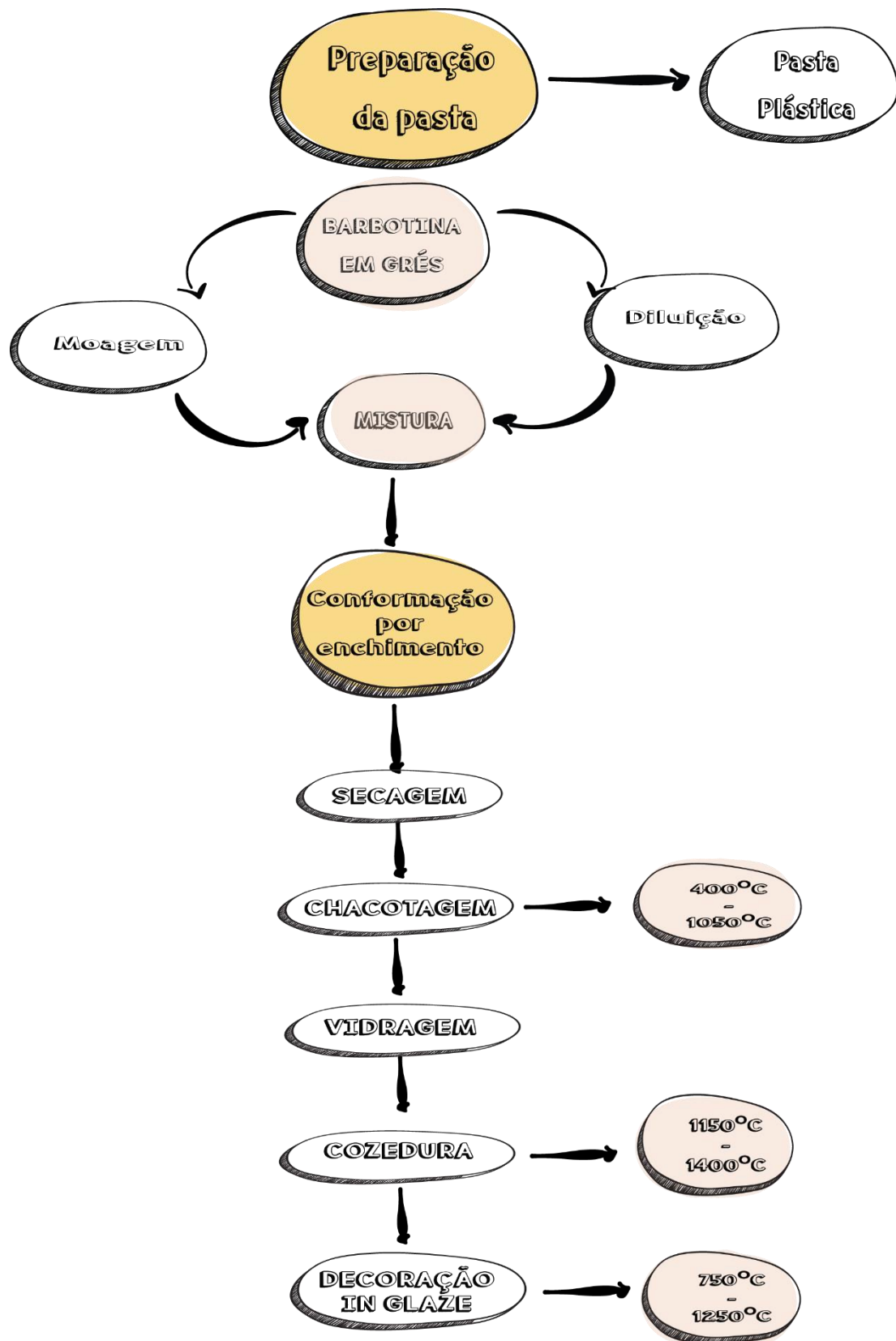
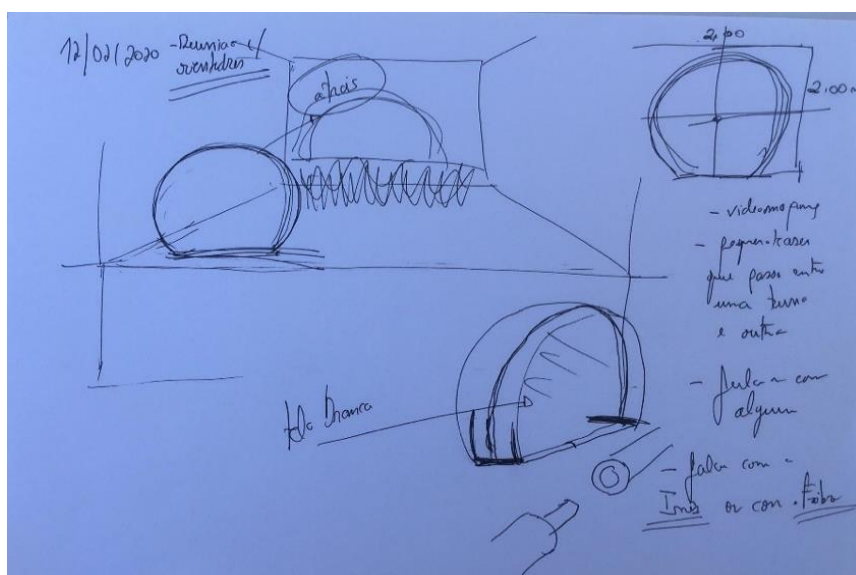
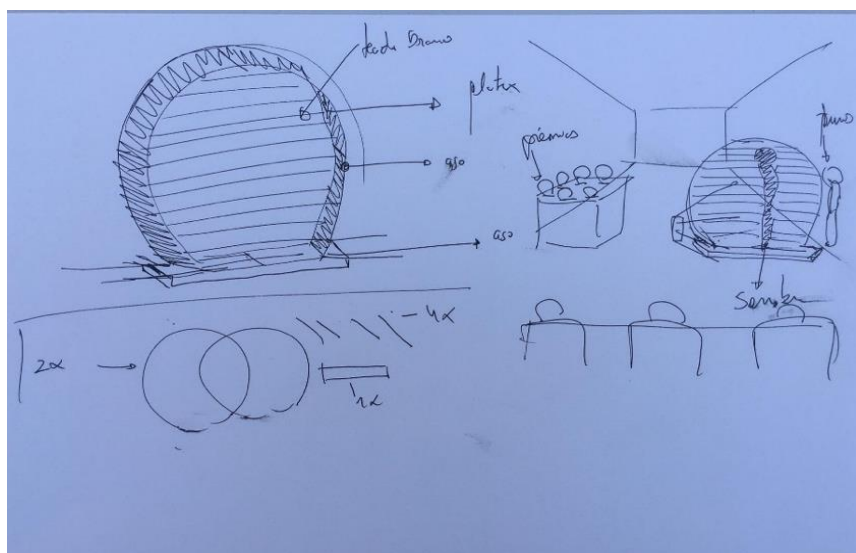


Figura 43 Fluxograma de produção dos prémios. Fonte: Rita NOVO

### 5.1.2. Parte 2: Desenvolvimento do Adereço de Cena

Para o desenvolvimento do adereço de cena aplicou-se a pandeireta como referência. Após uma reunião com os membros da Hinoportuna e de seguida com os orientadores, entendeu-se que esta seria a forma mais adequada para a projeção de sombras no decorrer do espetáculo através também, do aproveitamento de espaço e fusão do adereço com o cenário entendeu-se que o corpo da pandeireta era o adequado para ser representado, acentuando mais uma vez esse instrumento como um ponto forte do festival e na transmissão da energia e musicalidade do cenário. Deste modo, surgem os primeiros esboços para entender quais as dimensões necessárias e o material a ser proposto.



**Figura 44** Esquícios do adereço de cena. Fonte: Rita NOVO

Tendo em conta a finalidade do adereço, que seria a projeção de sombras humanas no decorrer do festival é proposto que o corpo da estrutura tenha 2000 milímetros de diâmetro.

Passada a fase de projeção, entramos novamente na fase de produção, mas desta vez, para produzir o adereço de cenário à escala humana. Para que a estrutura possa ter firmeza e possa ser maleável ao mesmo tempo, optou-se por escolher dois tubos de aço com uma espessura de 12 milímetros por 12 milímetros de perfil quadrado, como material para o esqueleto do adereço.



**Figura 45** Material utilizado no esqueleto do adereço de cena, Aço, 12x12.  
Fonte: Rita NOVO

Depois de escolhido o material para a produção do adereço, num primeiro passo recorremos a **Ferrolimiana**<sup>85</sup>, empresa sediada em Ponte do Lima que comercializa uma alargada gama de produtos siderúrgicos e que oferece as ferramentas para o trabalho daqueles.

---

<sup>85</sup> <http://ferrolimiana.pt/> Acedido a 19 de julho de 2020





**Figura 46** Curvamento dos tubos de aço, com recurso de uma calandra na Ferrolimiana. Fonte: Rita NOVO

Através de uma calandra<sup>86</sup> e com a ajuda de um dos colaboradores da empresa, realiza-se o curvamento manual dos tubos de aço que vão posteriormente constituir o corpo do adereço.

Estando finalizados e curvados os dois perfis, segue-se o momento de soldar os dois originado assim a estrutura que dará vida ao adereço de cena anteriormente proposto.



**Figura 47** Arcos de aço com 2000 mm de diâmetro antes de serem soldados. Fonte: Rita NOVO

---

<sup>86</sup> Calandras são máquinas que desempenham a função de curvar ou desencurvar chapas de aço e metal.

Para o processo de soldadura recorremos a uma serralharia local, **Serralharia Miranda**, em Deocriste, que trabalha em parceria com a Ferrolimiana de Ponte de Lima, o que facilitou a questão do transporte das estruturas de uma freguesia para a outra.

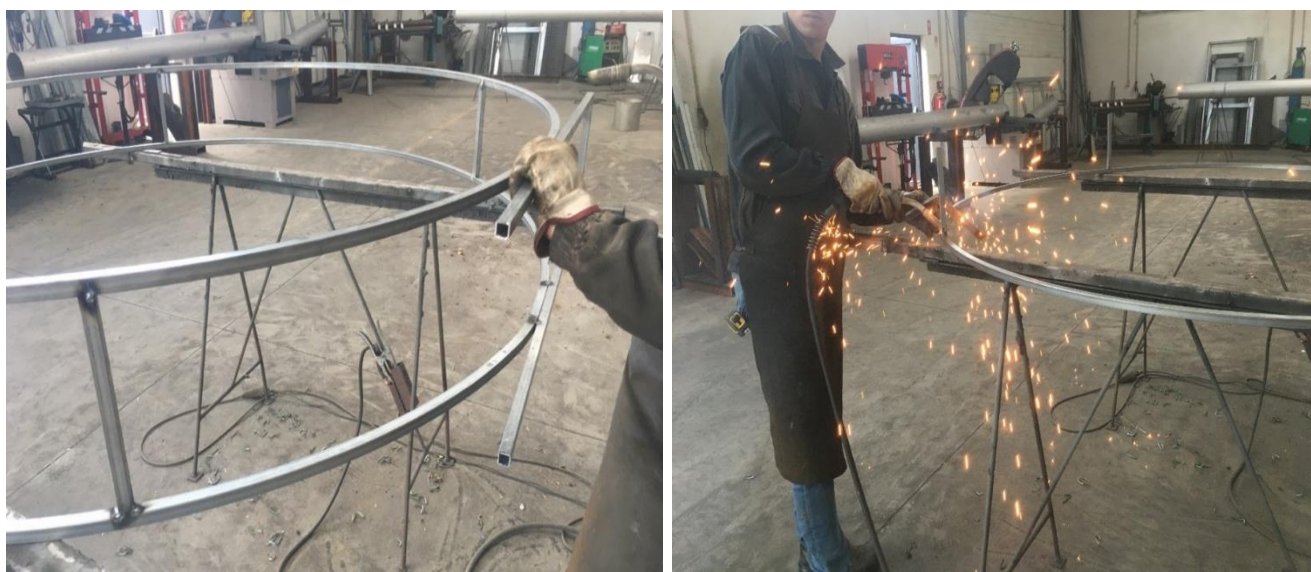
Para o corte do tubo de aço em partes iguais, foi utilizada uma máquina de corte para metais, lubrificada e com água para arrefecimento dos metais no processo de corte. Para além dos arcos, foi adquirido um outro tubo de aço, com as mesmas dimensões, que foi, já na serralharia cortado em peças de 20 centímetros e utilizadas como elementos de ligação dos dois arcos, assim como para a base da estrutura, também em aço.



**Figura 48** Máquina de corte de aço. Fonte: Rita NOVO



Depois de cortados os tubos - que iriam ligar as duas partes e formar a base da estrutura - todos os elementos foram soldados, dando assim origem ao corpo da estrutura.



**Figura 49** Soldagem da estrutura do adereço de cena na Serralharia Miranda. Fonte: Rita NOVO



**Figura 50** Estrutura do adereço de cena, soldada na Serralharia Miranda. Fonte: Rita NOVO

Finalizado o processo de soldagem da estrutura, obtém-se assim o modelo em aço do adereço de cena, que foi posteriormente transportado por um dos colaboradores, para a carpintaria parceira – **Carpintaria Nova Geração** - onde se procedeu a colocação do material nas laterais. O material escolhido foi o *platex*, pelas suas características de resistência e flexibilidade, tendo em conta a curvatura que se pode identificar na peça



**Figura 51** Material utilizado no revestimento das laterais do adereço de cena, Platex. Fonte: Rita NOVO

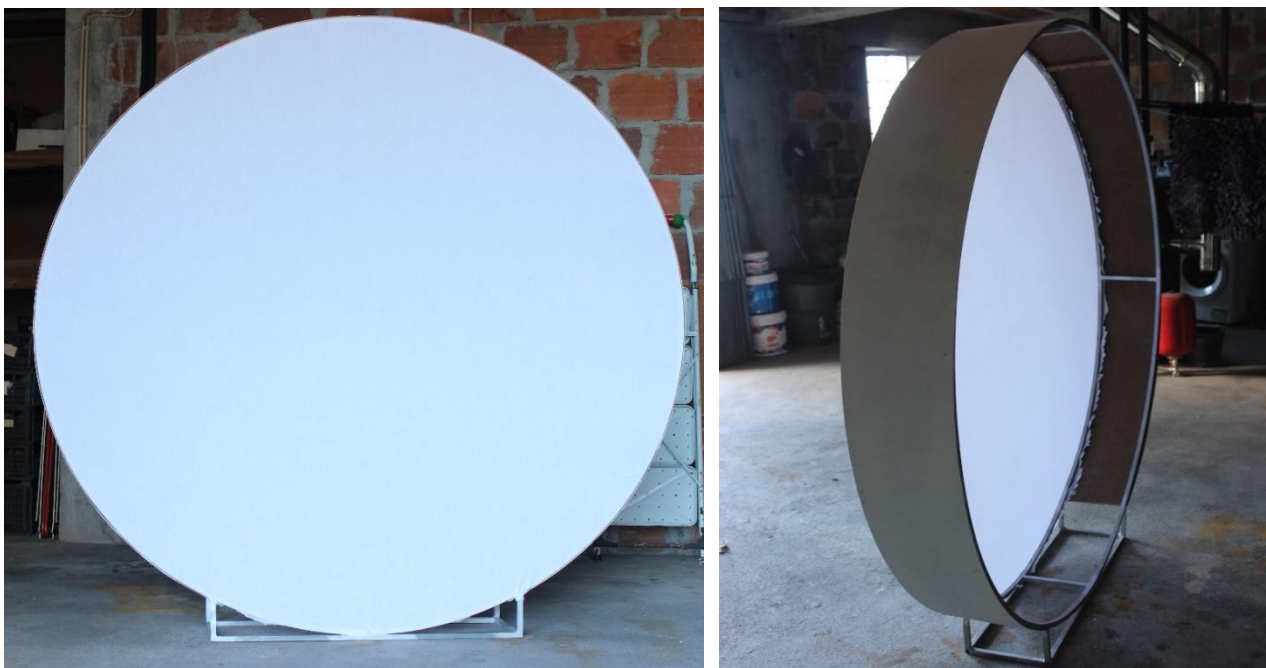
Já na carpintaria, antes da aplicação do *platex* nas laterais do adereço de cena, foi colocado na frente da peça, um quadrado de tela branca de dois metros de altura, por dois metros de comprimento, para que posteriormente se pudesse proceder a aplicação provisória da madeira.

Com o recurso a parafusos e abraçadeiras, foi finalmente colocado o platex e a tela no adorno de cena, tendo sido transportada para casa da autora, onde terão sido dados os acabamentos finais, incluindo o remate do tecido e a pintura do *platex* com tinta branca.

Depois de concluída a aplicação da tela e do platex, o adereço de cena foi transportado para casa da autora, onde foram pintadas as laterais com tinta branca para melhor uniformização da peça.



**Figura 52** Acabamentos do adereço de cena. Fonte: Rita NOVO



**Figura 53** Adereço de Cena final. Fonte: Rita NOVO





**Figura 54** Interação Homem-Objeto, com adereço de cena final. Fonte: Rita NOVO

Apesar de esta ser uma fase que exigiria a colocação do adereço de cena no local para o qual foi concebido, para testes de luz e ajuste de perspetivas, as condições externas aos projetos – pandemia mundial gerada pelo Covid-19- não o permitiram. Os testes de luz/sombra e projeção, foram então feitos com recurso a material caseiro e acompanhados por um registo fotográfico que contou com a colaboração do Hinoportuno<sup>87</sup>, Ricardo Sá.



**Figura 55** Testes de Luz/Sombra com o adereço de cena. Fonte: Rita NOVO

<sup>87</sup> Nome dado aos elementos da Hinoportuna – Tuna Académica do Instituto Politécnico de Viana do Castelo



**Figura 56** Testes de Luz/Sombra com o adereço de cena. Fonte: Rita NOVO

### **5.1.3. Parte 3: Desenvolvimento do Cenário**

Para o desenvolvimento do cenário, foi acordado com a direção da entidade organizadora do festival, a Hinoportuna, que se manteria os moldes dos anos anteriores, com recurso a um painel LED, onde serão transmitidas imagens ao longo do espetáculo, desde os logotipos identificativos das Tunas a imagens relacionadas com o tema do espetáculo.

O fator espaço, exige que a transmissão das imagens seja feita de forma ampla, daí, ser justificável o recurso as tecnologias disponíveis, assim como nos anos anteriores.

## **5.2. Considerações de Projeto**

Durante o desenvolvimento deste estudo, o projeto foi alvo de um adiamento inesperado devido a fatores externos provocados pelos efeitos da pandemia mundial, gerada pela doença do coronavírus (Covid-19).

Nomeadamente, a apresentação ao público da cenografia e dos prémios seria no Festival Lethes em março de 2020, momento que concretizaria a materialização do Design de Experiência da presente investigação.

Neste sentido, foram encontradas várias soluções para que se pudesse simplificar e tornar prática a realização dos produtos finais. No entanto, a pandemia determinou consequências inesperadas no projeto. Por um lado, a Câmara Municipal da Viana do Castelo viu-se obrigada a cancelar todos os eventos de cariz cultural em todos os espaços da cidade. Por outro lado, as atividades de produção foram, momentaneamente, encerradas. No caso deste estudo, as entidades produtivas envolvidas - como a carpintaria, onde se realizaria o acabamento das laterais do adereço de cena, ou a fábrica de cerâmica onde se estavam a produzir as peças – foram fechadas.

Nesta investigação, o facto de se optar pela criação de um sistema de rede-territorial de empresas e entidades para se desenvolver o projeto, desencadeou, face à situação da pandemia, a possibilidade concreta de se materializar o projeto e realizar uma experiência. A opção de se trabalhar com um sistema de rede territorial e não com uma única entidade significava que se escolhia um processo aberto. Ou seja, enquanto alguns dos parceiros estavam impossibilitados de funcionarem e colaborem na ação, contruíram-se novas parcerias como, por exemplo, com a Oficina Cultural do IPVC. Especificamente, o cancelamento do festival Lethes manifestava-se como uma oportunidade para celebrar a história daquele evento e da Hinoportuna. A prática do design de experiência é também a competência para saber cruzar elementos com o inesperado e a incerteza, transformando problemas numa oportunidade de projeto.

Assim que iniciou o desconfinamento, estabeleceu-se o contato com todas as entidades envolvidas no projeto. Nomeadamente, discutiu-se a possibilidade de retomar a produção e, assim, que surgiu a oportunidade, a materialização do projeto foi finalizada. Porque este é um projeto experimental, a envolvência das pessoas com o mesmo era algo quase imprescindível. Uma vez que o festival foi cancelado, da mesma forma que agimos para a produção, procurou-se uma oportunidade de expor o projeto. É assim que surge a ideia de aproveitar a exposição dos 25 Anos da Hinoportuna, nos Serviços de Ação Social – SAS – do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, a realizar-se em setembro de 2020, para expor este projeto, tendo em conta que irá também ele, fazer parte da história da Hinoportuna.

Existem previsões de que o festival, na sua vigésima edição, “XX Lethes”, realizar-se-á em março de 2021. Porém, da mesma forma que a pandemia se atravessou no quotidiano de um mundo inteiro, será imprudente prever, com certezas, o que quer que seja, principalmente quando se fala de eventos que juntam um elevado número de pessoas. Desta adversidade, surge a oportunidade de se reinventar algo já formatado, possibilitando a criação de novos moldes para o festival Lethes, nas suas próximas edições.

## 6. Conclusão

Com esta investigação aspirava-se gerar e desenvolver uma experiência veiculadora de cultura, entre o design e a música, beneficiando dum processo criativo e aberto entre entidades distintas, mas do mesmo lugar ou região. Nomeadamente, desenvolvendo o projeto de cenografia e o design do prémio para o XX Lethes de 2020 – Festival de Tunas que acontece, anualmente, na cidade de Viana do Castelo, promovido pela tuna académica do IPVC, a Hinoportuna.

A criação da cenografia e do prémio do evento foi entendida como uma oportunidade para investigar os valores identitários do festival Lethes, relacionando-os com o design de experiência. O estudo pretendia, igualmente, demonstrar que o ato de improvisação, que caracteriza as artes do espetáculo como a música, pode ser aplicado no design do produto.

Neste sentido, num primeiro momento não intervencionista realizou-se um estudo acerca do conceito do design em contexto. Esta análise permitiu perceber que o design em contexto, pode ser um processo criativo portador de inovação e naturalmente, oferecer um testemunho de educação, detentor de um sentido cultural avantajado. É também algo que vai para além de um produto, que investe na procura por afinidades estruturais e formais do projeto, encarando o ato do projeto como um processo holístico, desde o seu início à contextualização técnico-produtiva, social, cultural e económica de e para todos os agentes.

De igual modo, investigou-se como o processo criativo entre o design e a música já influenciou o desenvolvimento de uma experiência portadora de cultura. Recorrendo ao caso de estudo “Alice na Viana das Maravilhas”, desenvolvido no Mestrado em Design Integrado do IPVC em 2016, foi possível concluir que o projeto desenvolvido proporcionou o envolvimento das entidades no decorrer do processo de design de uma experiência, tendo como principal objetivo que o design se assumisse como o resultado de uma expressão artística, cultural, filosófica, técnico-produtiva, económica e social orientado para a sustentabilidade. Foi também este, um projeto que se ilustrou com as cores da cultura, não só através dos produtos que nascem da sua envolvente experimental, mas também pelo processo criativo que é desenvolvido ao longo das etapas.



Em termos metodológicos, a aplicação da metodologia do co-design, demonstrou que este mesmo vínculo criativo é decisivo no momento do design de uma experiência transmissora de cultura. A utilização da técnica do co-design é determinada pelas ligações cooperativas e colaborativas no desenvolvimento de projetos, daí determinarmos que no design desta experiência, todas as entidades, empresas e indivíduos envolvidos foram imprescindíveis para responder às questões da investigação. Esta questão, levou-nos a trabalhar com recurso a um sistema de Rede-Territorial de entidades e empresas, todas elas da região, dando a conhecer o trabalho e preservando técnicas e processo produtivos de comerciantes de pequenas empresas.

Num segundo momento intervencionista, realizou-se um trabalho de campo assente em entrevistas abertas em dezembro de 2019. Deste processo pode concluir-se que no círculo académico existe uma interligação entre todas as Associações. Este trabalho de campo realizado enfatiza a importância do associativismo no percurso académico do estudante e de que forma o mesmo tem influência nos projetos de âmbito académico. Importa saber que o percurso académico se forma não só por aquele que será o plano curricular do estudante, mas também pelo plano extracurricular, que trará ao seu percurso, compreendido profissionalmente, o espírito de equipa, melhores ligações interpessoais, domínio de capacidades de gestão e uma melhor comunicação e resolução de problemas. Pode concluir-se também que as associações académicas são associações que provocam o impulso de experiências de cultura e conhecimento, tornando desta forma o Festival Lethes, num momento de transmissão de uma cultural musical e social, recorrendo ao espírito académico.

Igualmente, concluiu-se que esta investigação é um estudo experimental, sujeito a alterações permanentes, devido a fatores externos que surgiram durante o seu faseamento. Com este estudo deduziu-se, também, que os problemas podem converter-se em oportunidades, que devem funcionar como impulsos e não como limitações. A vinda da pandemia gerada pelo Covid-19, impossibilitou, durante um largo período, a produção e também a realização do evento. No entanto, esta adversidade trouxe-nos a oportunidade de se polirem algumas arestas e descobrir uma série de pontos fortes, tornando-os mais tarde cruciais na continuidade do projeto.

Em termos de aplicação, para além da materialização do prémio e da cenografia, foi possível alcançar uma experiência devido ao processo aberto adotado e à criação do sistema de rede territorial. Neste sentido, este estudo comprova e valida que o design de uma experiência é algo instável, em constante movimento e que nem a pior das condições será, em momento algum, um impedimento à procura de respostas. Por esta razão, um processo criativo entre o design e a música orientado para o processo e assente num sistema de rede territorial revela-se uma oportunidade para desencadear diferentes tipologias de projeto de experiências veiculadoras de cultura. Nomeadamente, a oportunidade de apresentar o projeto na exposição de setembro de 2020, na celebração dos 25 anos da Associação Cultural Hinoportuna, na Oficina Cultural SAS- IPVC. Espera-se que este momento de partilha e emoção por parte quer de todos os elementos que a constituem, quer de todos os intervenientes ao longo dos anos, como alunos do IPVC, espectadores de cariz académico, espectadores comuns, amigos e familiares, seja uma ocasião para se viverem experiências de conhecimento. Esta exposição é pensada com o intuito de responder a uma necessidade de criar momentos de cultura e, através deles, preservar costumes académicos que se foram perdendo ao longo dos anos.

Com este estudo confirmamos a importância do desenvolvimento de projetos académicos com recurso a âmbitos empresariais e ao envolvimento dos alunos, evoluindo assim naquelas que serão as suas habilidades profissionais e estando em contacto com o mundo de trabalho que nos espera.

O contato direto com **a tuna académica Hinoportuna** foi essencial para a construção do projeto. A troca de conhecimentos facilitou o processo de comunicação entre as partes envolvidas – a academia e as empresas. Particularmente, a academia transportou para as empresas valores da disciplina do design como o rigor, a absorção de conhecimento que está por detrás de todo o processo, a flexibilidade na comunicação e a resolução de problemas que são impostos. As empresas comunicaram conhecimentos sobre técnicas, processos e materiais. Estas conexões permitiram o envolvimento de outras empresas, pelo que se pode concluir que a investigação contribuiu para a sustentabilidade.

Para empresas como a **Cerâmica Artística Vale do Neiva** e a **Marcuper**, empresa de serigrafia cerâmica, que utilizam técnicas de produção em cerâmica, este é um projeto que reinventa os típicos artefactos de distinção do festival

Lethes e lhes dá uma nova identidade, fazendo com que carreguem neles o *genius loci* de uma cidade, de uma região e de uma cultura.

Para a **Ferrolimiana**, a **serralharia Miranda** e a **carpintaria Nova Geração** o trabalho em conjunto, na criação do adorno de cenário, gera uma oportunidade de interligação entre três pequenas empresas, em fase de crescimento e também a contribuição para um projeto académico, dando assim a conhecer os seus trabalhos e habilidades técnicas.

Para a academia sénior do **Instituto Politécnico de Viana do Castelo**, inserida nos laboratórios de cerâmica da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, em específico à aluna Claire Maca, esta tese surge como oportunidade de se relacionar em mais um projeto académico, onde a autora pode assimilar e transmitir conhecimento adquirido no decorrer do seu percurso.

Ao **Double Concept Bar- Drink & Design**, empresa situada em Viana do Castelo, importa da mesma forma o envolvimento com este projeto na medida em que funciona como mostra dos seus serviços numa primeira fase e também no relacionamento entre os *Alumni* de Design do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, sendo os gerentes, ex-alunos dos dois cursos de Design do IPVC, gerando assim a oportunidade de transmissão de conhecimento e partilha por parte dos envolvidos.

Ao **Centro Cultural de Viana do Castelo** e a própria **Câmara Municipal de Viana do Castelo** é dada a oportunidade de acolher este projeto e esta experiência, transformando estas entidades em *inputs* desde vínculo de cultura que se gera entre a experiência do evento, a sua construção e o espectador.

Este projeto, gera uma experiência, não só em cima de um palco, mas também nos bastidores, desde o pormenor mais aparente à maior das dificuldades. Todas as conquistas e percalços foram objetivos atingidos durante o percurso percorrido por todos os que se envolveram neste projeto. Mais do que uma investigação, esta foi e será no futuro uma oportunidade para validar a disciplina do Design, numa perspetiva menos formal, valorizando todo o conhecimento e valores absorvidos por este projeto e não só o que está à primeira vista.

A realização da exposição nas instalações da **Oficina Cultural do IPVC** e, posteriormente do festival, em setembro de 2020 e em março de 2021 respetivamente, é vista pelos agentes envolvidos no projeto, como uma

continuidade do design desta experiência. Ou seja, entendendo que toda e qualquer ligação que se prolongue no futuro, gerada pelas oportunidades criadas por esta questão de investigação formaram parte, direta ou indiretamente, do design desta experiência, e isso é, sem dúvida, um objetivo cumprido.

Na ótica **acadêmica**, o estudo abrange uma série de temas de interesse na área de estudantes e investigadores de design de produto, que procurem entender como se projeta o design de uma experiência e a utilização da metodologia do co-design aplicada ao projeto. Não obstante, esta investigação abrange um público-alvo que não terá de ser necessariamente um aluno de design, pela versatilidade das componentes, quer no âmbito prático quer no teórico, abrangendo temas de cariz cultural que serão do interesse de qualquer leitor, por ser esta, afinal de contas, nada mais, nada menos, que uma história para contar.

Em termos futuros, no âmbito profissional, esta investigação poderá servir como *input* para o envolvimento em outros projetos do mesmo âmbito e até funcionar como uma oportunidade de instrução, para a criação de um estilo pessoal, no âmbito do design. Por outro lado, espera-se que este estudo sirva de referência na medida em que funciona como um período de instrução para o Designer, como profissional e como indivíduo, tendo em conta que todas as experiências formarão parte da nossa história e a nossa história formará parte daquilo que seremos amanhã.

## 7. Referências Bibliográficas

**APARO**, Ermanno.; **SOARES**. Liliana (2012). "*SEI PROGETTI IN CERCA D'AUTORE|SEIS PROYECTOS À PROCURA DE AUTOR*". Firenze: Alinea.

**APARO**, Ermanno (2010). Tese de Doutorado, "*A CULTURA CERÂMICA NO DESIGN DA JOELHARIA PORTUGUESA*".

**BÁRTOLO**, J. (2016). "*DACIANO DA COSTA- COLEÇÃO DESIGNERS PORTUGUESES*" vol.2, Copyright, 2016 Cardume Editores e Autores

**BAUMAN**, Zygmunt (2000). "*LIQUID MODERNITY*". USA: Polity Press.

**BROWN**, TIM (2009). "*CHANGED BY DESIGN*". New York: HarperColins Publishers.

**CROSS**, Nigel (2006). "*DESIGNERLY WAYS OF KNOWING*". Londres: Springer.

**DA COSTA**, Daciano (1998). "*DESIGN E MAL-ESTAR*". Lisboa: Centro Português de Design

**DA SILVA CRUZ**, A. M (2011). "*A INFLUÊNCIA DA ARTE NA OBRA DO PROFESSOR DACIANO DA COSTA*". Viana do Castelo: Dissertação no âmbito do Curso de Mestrado Integrado

**DE MORAES**, Dijon (1997). "*LIMITES DO DESIGN*". São Paulo: Studio Nobel.

**FREIRE**, Karine. (2008). "REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE DESIGN DE EXPERIÊNCIAS". Strategic Design Research Journal, 2(1):37-44. Por: Unisinos

**FREIRE**, K. (2019), "REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE DESIGN DE EXPERIÊNCIAS." em,

<http://revistas.unisinos.br/index.php/sdri/article/view/5159/2407> , [acedido a 08 de Maio de 2019]

**KLEINSMANN, M., VALKENBURG, R.** (2008). “*BARRIERS AND ENABLERS FOR CREATING SHARED UNDERSTANDING IN CO-DESIGN PROJECTS*”. *Design Studies*, 29, pp.369-386.

**PASCHOARELLI, L. SILVA, J. SILVA, J. SILVA, D.** (2010) “BAUHAUS: CONJUNTURA POLÍTICA E TRAJETÓRIAS”. *Convergências - Revista de Investigação e Ensino das Artes*, VOL III (6). Em, <http://convergencias.ipcb.pt>, [acedido a 06/07/2019]

**PASCHOARELLI, L. SILVA, J. LELIS, V. W., D. R., C.** ; (2014) “BAUHAUS: MÉTODOS DE ENSINO EM WEIMAR, DESSAU E BERLIM”.. *Convergências – REVISTA DE INVESTIGAÇÃO E ENSINO DAS ARTES*, VOL VII (13). Em, <http://convergencias.ipcb.pt> [acedido a 07/07/2019]

**RODRIGUES, António** (1989). “*A BAUHAUS E O ENSINO ARTÍSTICO*”. EDITORIAL: Presença.

**SOARES, Liliana** (2012). Tese de Doutoramento, “*O DESIGNER COMO INTÉRPRETE DE CENÁRIOS DE EQUIPAMENTOS*”. Departamento de Comunicação e Arte – Unive.

**SOARES, Liliana; APARO, Ermanno; ALMENDRA, Rita; MOREIRA DA SILVA, Fernando** (no prelo). “*DESIGN EDUCATION FOR THEATRE REGARDING CRAFT-DESIGN ALIANCE*”. *Proceedings of the International Research & Education in Design Conference 2019 — REDES2019*. 14 & 15 November 2019, Lisbon School of Architecture of the University of Lisbon, Lisbon, Portugal. Taylor & Francis Group. Indexação: Thomson Reuters, ISI, Web of Knowledge, Web of Science, ELSEVIER Products, SCOPUS, CrossRef, ProQuest, EBSCO.

**SOARES**, Liliana; **APARO**, Ermanno; **MOREIRA DA SILVA**, Fernando (2017). *“EITHER/OR: REFLECTING DESIGN THESIS ORIENTATION.”* In DS 88: Proceedings of the 19th International Conference on Engineering and Product Design Education (E&PDE17), Building Community: Design Education for a Sustainable Future, Oslo, Norway, 7 & 8 September 2017. Taylor & Francis Group. Indexação: Thomson Reuters, ISI, Web of Knowledge, Web of Science, ELSEVIER Products, SCOPUS, CrossRef, ProQuest, EBSCO.

**VASQUES**, Eugénia. (2003). “TEATRO”. Coimbra: Quimera Editores, Lda.  
**PASCHOARELLI, L. SILVA, J. LELIS, V. W., D. R., C.** (2014). “BAUHAUS: MÉTODOS DE ENSINO EM WEIMAR, DESSAU E BERLIM”. *Convergências-Revista de Investigação e Ensino das Artes*, VOL VII (13) Retirado do jornal: URL: [hp://convergencias.ipcb.pt](http://convergencias.ipcb.pt)

**ZAMENOPOULOS, T. e ALEXIOU, K.** (2018). “CO-DESIGN AS COLLABORATIVE RESEARCH” em Facer, K E Dunleavy, K. (eds.) *Connected Communities Foundation Series*. Bristol: University of Bristol/ AHRC Connected Communities Programme

## 8. Apêndices

### 8.1. Apêndice 1 – Questões colocadas aos entrevistados

#### 8.1.1. As questões colocadas a Ricardo Sá

- Quando começou o seu interesse pelo associativismo e pela Hinoportuna?
- Quando começa a pertencer à Hinoportuna?
- Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?
- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?
- O que acha do “Festival Lethes”? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?
- Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de caráter Nacional ou Internacional? Se sim, qual/is?
- Como se caracterizam os vários géneros musicais tocados pela Tuna?
- Estes géneros musicais têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida académica? Se sim quais?
- Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?
- Que futuro prevê para o “Festival Lethes”? Como se pode garantir a sua sobrevivência?
- O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida académica de um estudante? E de um espectador “comum”?
- O que é que o Lethes oferece a cidade?
- Qual é o tipo de público?

#### 8.1.2. As questões colocadas a Nuno Barbosa

- Quando começou o seu interesse pelo associativismo e pela Hinoportuna?
- Quando começa a pertencer a Hinoportuna?
- Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?
- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?



- O que acha do “Festival Lethes”? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?
- Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de caráter Nacional ou Internacional? Se sim, qual/is?
- Como se caracterizam os vários gêneros musicais tocados pela Tuna?
- Estes gêneros musicais têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida acadêmica? Se sim quais?
- Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?
- Que futuro prevê para o “Festival Lethes”? Como se pode garantir a sua sobrevivência?
- O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida acadêmica de um estudante? E de um espectador “comum”?
- O que é que o Lethes oferece a cidade?
- Qual é o tipo de público?

#### **8.1.3. As questões colocadas a João Teixeira**

- Quando começou o seu interesse pelo associativismo?
- Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?
- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?
- O que acha do “Festival Lethes”? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?
- Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de caráter Nacional ou Internacional? Se sim, qual/is?
- Os gêneros musicais tocados pela Hinoportuna, têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida acadêmica? Se sim, quais?
- Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?
- Que futuro prevê para o “Festival Lethes”? Como se pode garantir a sua sobrevivência?
- O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida acadêmica de um estudante? E de um espectador “comum”?

- O que é que o Lethes oferece a cidade?
- Qual é o tipo de publico?

#### **8.1.4. As questões colocadas a Paula Chaves**

- Quando começou o seu interesse pelo associativismo?
- Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?
- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?
- O que acha do “Festival Lethes”? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?
- Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de caráter Nacional ou Internacional? Se sim, qual/is?
- Os géneros musicais tocados pela Hinoportuna, têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida académica? Se sim, quais?
- Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?
- Que futuro prevê para o “Festival Lethes”? Como se pode garantir a sua sobrevivência?
- O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida académica de um estudante? E de um espectador “comum”?
- O que é que o Lethes oferece a cidade?
- Qual é o tipo de publico?

#### **8.1.5. As questões colocadas a Pedro Magalhães**

- Quando começou o seu interesse pelo associativismo?
- Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?
- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?
- O que acha do “Festival Lethes”? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?
- Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de caráter Nacional ou Internacional? Se sim, qual/is?

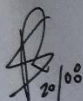
- Os géneros musicais tocados pela Hinoportuna, têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida académica? Se sim, quais?
- Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?
- Que futuro prevê para o “Festival Lethes”? Como se pode garantir a sua sobrevivência?
- O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida académica de um estudante? E de um espectador “comum”?
- O que é que o Lethes oferece a cidade?
- Qual é o tipo de público?

#### **8.1.6. As questões colocadas a Vítor Monteiro**

- Quando começou o seu interesse pelo associativismo?
- Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?
- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?
- O que acha do “Festival Lethes”? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?
- Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de carácter Nacional ou Internacional? Se sim, qual/is?
- Os géneros musicais tocados pela Hinoportuna, têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida académica? Se sim, quais?
- Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?
- Que futuro prevê para o “Festival Lethes”? Como se pode garantir a sua sobrevivência?
- O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida académica de um estudante? E de um espectador “comum”?
- O que é que o Lethes oferece a cidade?
- Qual é o tipo de público?

## 8.2. Apêndice 2 - Entrevistas

### 8.2.1. Entrevista com Ricardo Sá – Designer e atual Presidente da Hinoportuna



Entrevista com Ricardo SÁ, Designer, *Barman no Double Concept Bar*, Viana do Castelo  
Entrevista realizada no dia 13 de dezembro de 2019, no *Double Concept Bar*, Viana do Castelo  
RN – Rita NOVO  
RS – Ricardo SÁ

---

Nome: Ricardo Nuno Lima Sá

Idade: 26 anos

Nacionalidade: Portuguesa

Formação académica: Licenciado em Design do Produto e em fase de conclusão do Mestrado em Design Integrado pelo Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Posto de trabalho atual: *Barman no Double Concept Bar*, Viana do Castelo

**RN- Quando começou o seu interesse pelo associativismo e pela Hinoportuna?**

RS- Cronologicamente, o meu interesse pela Hinoportuna foi um pouco impulsionado por alguns amigos que tinha no curso. Desde que entrei para a universidade, só no eu segundo ano é que entrei para a Hinoportuna, lá está, por influência e depois a partir da minha entrada na Hinoportuna, o Associativismo veio por inércia, a vontade de querer cada vez mais fazer algo para além da Hinoportuna, não só por aquilo que move a Hinoportuna, pela música, mas também pela parte de gestão e de imagem da Hinoportuna e acabei por entrar em cargos associativos e diretivos da Hinoportuna. No ano em que entrei, fui Secretário da Assembleia Geral da Hinoportuna, acabei depois por passar por cargos como Secretário da Direção, Presidente da Direção, salvo erro, acabei por ser Vice-Presidente da mesa de Assembleia e no ano anterior fui Presidente do Conselho Fiscal e este ano sou Presidente da Direção e *Magister Tunae*.

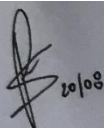
**RN – Quando começa a pertencer a Hinoportuna?**

RS- De certa forma, eu quando comecei a pertencer a Hinoportuna, lá está, a Hinoportuna para além de ser uma Associação, rege-se por alguns rituais e alguns comportamentos e eu não comecei mal entrei nos ensaios da Hinoportuna a pertencer a Hinoportuna, isso vem um pouco mais tarde. A pertença a Hinoportuna vem depois de uma Assembleia Geral, foi no final de 2014 que eu pertenci a Hinoportuna com registo em ata.

**RN - Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?**

RS- A minha ligação com a Hinoportuna neste momento é direta, sou Presidente, sou quem comanda as tropas e quem dita.






**RN- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?**

RS- Existem momentos marcantes da Hinoportuna, desde o registo da Associação em 2000, desde a Eurotour em 2000, desde a criação do nosso Festival, do nosso menino Lethes, quinze edições no Teatro Municipal Sá de Miranda, cinco edições no Centro Cultural de Viana do Castelo, isso lá está, são os momentos mais marcantes na história da Tuna. Momentos marcantes da minha vida em relação a Hinoportuna, é um pouco complicado enumerar agora, mas um que é recente, foi ir a Madeira que foi a primeira vez que fui para fora de Portugal- Continental com a Tuna , fomos a um festival na Madeira, depois de uma atuação renovada, em termos de atuação, estivemos algum tempo com uma atuação a ser repetida, passamos por momentos bom e momentos maus e nestes últimos momentos um pouco piores , julgo que nos conseguimos reerguer e foi um momento marcante, porque houve muita união de Tuna, viveu-se aquilo que eu já vivia no início na minha entrada para a Hinoportuna e agora estou voltar a vive-lo, lá está, estamos a sair de um momento mau, para um momento bom. Momentos marcantes, sem serem tão recentes, foi a minha passagem a caloiro, foi a minha passagem a Tuno, temos um certo ritual em que existe um batismo para as passagens e provavelmente esse foram os momentos mais marcantes. Posso também referir que a minha primeira vez como Presidente da Hinoportuna , estar a frente da criação do XVII Lethes , também foi um momento muito marcante, provavelmente o mais marcante ,para além das passagens, porque foram os primeiros passos que eu dei a coordenar um evento a dirigir uma associação e levo com muito exemplo isso, especialmente porque gosto de ter desafios na minha vida, aconteceu ter esse desafio e levo isso para a vida.

**RN-O que acha do “Festival Lethes”? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?**

RS- Este ano que vem aí, vai ser a minha sétima edição a pertencer a coordenação do festival do Lethes. Sempre estive integrado na organização toda, seja em parte de logística como na parte do espetáculo, já conduzi carrinhas de transporte, organizar em termos logísticos fora do festival partes como a festa que acontece pós-festival para o convívio, como também já estive a frente muitas vezes, acho eu só falhei duas edições, nas apresentações do espetáculo do Lethes. Em termos de festival, ele já tem o molde feito desde 2001, desde a primeira edição , o molde feito, facilita trabalhar com o festival , com a sua organização, a única coisa que tem de se fazer é elevar a fasquia, mantendo sempre a qualidade do festival, mas sempre aumentando e mudando aquilo que supostamente o ano anterior correu um pouco pior. Pontos fortes do festival, se vir numa retrospectiva, desde que eu comecei a pertencer a Hinoportuna e a fazer parte da organização do Lethes, posso dividir esses anos por dois, os anos em que o Lethes esteve no Teatro Municipal Sá de Miranda, e os anos em que o Lethes esteve no Centro cultura de Viana do Castelo, são duas realidades totalmente diferentes. Uma é um espaço pequeno que só dá para no máximo, 300 pessoas, no entanto a sala é tão mítica e tem um ambiente tão fantástico e em termos de acústica



 20/03

e de custos, não é necessário muita coisa, consegue-se um espetáculo a grande nível, não só pelo espetáculo em si, mas pelo conforto da sala. No Centro Cultural de Viana do Castelo, tem mais ao menos, dez vezes mais lugares do que no Teatro, ou seja, sentados, em termos de lotação, o que se costuma ter em espetáculos no Centro Cultural são 2000 lugares, número que nunca atingimos. É uma sala muito grande, tem de ser muito bem trabalhada, tem problemas de acústica, tem problemas de conforto. O Lethes é um festival que demora o seu tempo, conta-se com quatro Tunas a concurso, que sejam 25 minutos cada tuna, estamos a contar com 1:40 minutos só de Tunas a tocar em liquido, no entanto existem apresentações, existem mudanças de cenas, atrasos e o festival acaba por ter a vontade entre 2:30 ou 3:00, já chegou ter quase 4:00 horas e lá está, esse seria um ponto fraco, a duração do festival, se olhar-mos a realidade que estamos a ter neste momento, no Centro Cultural, mais um ponto negativo será o conforto da sala e a acústica. Como pontos fortes, a sala em termos de lotação e de espaço em si, pode ser mais explorado, o nome da sala pode não ser tão sonante como Teatro Sá de Miranda, no entanto, tem um nome muito forte, porque já recebeu lá artistas como a Ana Moura, o Camané, Moonspell, muitas artistas nacionais e internacionais e isso é um ponto muito forte, o nome da casa. Fora do espetáculo, no decorrer do festival, em questões de logística, a cidade de Viana do Castelo tem coisas fantásticas, as pessoas conseguem ir a todo o sítio a pé, não faltam recursos, isso são pontos fortes fora do espetáculo. Pontos fracos fora do espetáculo, é a falta de espaços para o convívio noturno, porque não há espaços disponíveis para abranger tanta gente.

**RN- Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de caráter Nacional ou Internacional? Se sim, qual/ís?**

RS- Posso, por fazer parte da Hinoportuna, de qualquer Tuna Académica, temos um ponto muito positivo, que é ir como convidados a festivais alheios, principalmente a Hinoportuna com o estatuto que tem e com a posição no mundo das Tunas, e frequente é convidada para festivais de renome nacional e acabamos sempre por extrair um bocado do bom que o outro festival tem. Por exemplo, o festival Cantar do Estudante, da Tuna de Medicina da Universidade de Coimbra, é um festival eu normalmente se passa no TAGV, Teatro Académico de Gil Vicente em Coimbra, primeiro a sala é extremamente acolhedora, dá para uma lotação de cerca de 800 pessoas, coisa que em Viana nós não podemos concretizar, mas o ponto forte será a parte do convívio exterior ao espetáculo, em que eles restringem só aos espectadores e as tunas que fizeram parte do festival e isso promove convívio, promove a conversa, promove bons momentos e acaba por se trazer muitas histórias. Em termos de espetáculo em si, grandes referências, normalmente as salas não são muito trabalhadas em termos de espetáculo, falamos só dos espectadores na plateia, do outro lado tem as Tunas, cada uma com a sua atuação, existe sempre uma apresentação feita por elementos da Tuna Anfitriã ou pessoas convidadas, fora isso não costuma ser muito trabalhado, embora um festival que trabalha muito isso, em termos de palco e de tema é o Celta, que sempre foi muito acarinhado pela



R  
20/08

Hinoportuna, já fomos lá a doze edições e eles costumam ter sempre um tema do festival, o palco é trabalhado com algum tipo de cenografia e as Tunas por haver um tema de festival, acabam por ter uma ou duas músicas, ou em termos de apresentação, conseguiam fazer um espetáculo uniforme. O festival e Tomar é muito parecido com o nosso, porque é uma cidade plana, é lindíssima, dá para andar de um lado para o outro, desse a festa, as residências e ao Teatro onde se faz o espetáculo.


**RN- Como se caracterizam os vários géneros musicais tocados pela Tuna?**

RS- A característica das Tunas normalmente é, uma mudança de instrumentos de cordas, algumas Tunas colocam o acordeão, outras não, estamos a falar de instrumentos e cordas, típicos portugueses, como guitarras, cavaquinhos, braguesas, contrabaixo, instrumentos maioritariamente clássicos, existem Tunas que tem expressão de colocar instrumentos semiacústicos ou eletrónicos, mas a maior parte das Tunas em Portugal, não o fazem, e depois acaba por ser um pouco, um estilo de trovador, um pouco de música tradicional misturada com algumas vivências dos trovadores. Existem Tunas que só cantam originais e ao cantar originais cantam por exemplo, á sua terra, que é o caso da antUNiA, Tuna de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, eles cantam muito ao Rio-Tejo, a Tuna de Medicina da Universidade de Coimbra, canta muito a Coimbra e ao Mondego e depois temos outras Tunas que, lá está, é a vivência e a circunstância de cada Tuna, que tem a infelicidade de não conseguirem criar originais ou nem os ter e acabam sempre por fazer adaptações e a Hinoportuna por exemplo, tem grandes adaptações de Zeca Afonso, da Amália Rodrigues, da Mariza, não é uma música escrita por ela, mas que ela interpreta, e nós acabamos por cantá-la também. Ultimamente temos um repertório, maioritariamente constituído por originais da Tuna e lá está, depende muito da circunstância de cada Tuna, mas dentro do estilo musical, nós chamamos-lhe mesmo, música tuneril, música de Tuna, são músicas alegres por norma, as vezes melancólicas, depende da finalidade.

**RN- Estes géneros musicais têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida académica? Se sim quais?**

RS- Há dois momentos, que aqui na academia em Viana do Castelo, acabam por acontecer e não só em Viana, também em Coimbra, no Porto, em Lisboa, na maior parte das faculdades costuma haver sempre dois momentos do ano, a Semana da Receção ao Caloiro e a Semana Académica, conhecida por Queima das Fitas, em que as Tunas por norma costumam abrir com uma serenata, aí há uma expressão das Tunas perante esse tipo de evento, o que não quer dizer que elas não a tenham durante o resto do ano ou do evento. Acaba sempre por acontecer durante o ano, as Tunas estarem a tocar, às vezes mais outras vezes menos, na rua ou em eventos alheios á academia, acaba por haver contratos para ir cantar a festas de aldeias, a eventos privados ou públicos e aí acaba por se espalhar o espírito académico e o espírito das Tunas por outros sítios. Em termos de



 Zolô

academia, tanto de dia como á noite a tocar nos bares, no meio da rua, serenatas espontâneas, é muito por aí.

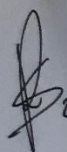
**RN-Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?**

RS- Normalmente usa-se muito os adros das igrejas e a sua parte frontal para fazer as Serenatas, tanto nas Semanas Académicas, promovidas pela Federação Académica e pelos conjuntos Praxísticos em termos de massas, acaba-se sempre por utilizar as igrejas como ponto de referência para a criação das Serenatas. Às vezes não é só por um acaso, ou por se esperar algum respeito por as pessoas estarem em frente de uma igreja, mas os adros das igrejas acabam também por ser um bom sítio acústico para as pessoas cantarem e proclamarem. Em termos de música mais corrente, ou sítios para tocar aqui em Viana do Castelo, o pessoal da Tuna, outrora, tinha mais frequência em fazê-lo, mas acabávamos sempre por ir para os bares e as tascas junto da Ribeira da cidade, tocar a tarde toda junto com os pescadores e por aí fora, tanto que passávamos um bom momento, para transmitir um bom momento e á noite junto dos bares, junto da comunidade Académica, as Tunas acabam por tocar um bocadinho para passar a mensagem da vida boémia, da alegria, da paixão e festividade acima de tudo. Categorizo assim os três momentos, as Serenatas um pouco mais solenes, junto das igrejas, na Ribeira junto dos pescadores uma tarde bem passada e uma noite bem passada junto dos bares com os estudantes. Mas sim, existe essa ligação, nós por exemplo temos no nosso reportório, a Santa Luzia e temos outra música com referência a vida de estudante e a Ribeira de Viana do Castelo.

**RN-Que futuro prevê para o “Festival Lethes”? Como se pode garantir a sua sobrevivência?**

RS- Para bem ou para mal, acredito que o festival vá continuar a ser feito, com muita ou pouca gente e que ele vai sobreviver muitos e longos anos. A única coisa que acontece todos os anos, que isso é que não se consegue garantir sempre, mas que também depende da ambição do responsável de cada ano, é a fasquia que o festival tem em relação às edições anteriores e aos outros festivais. Desde que estamos no Centro Cultural, houve sempre qualquer coisa que mudou no festival e que conseguiu aumentar sempre a qualidade do festival, dentro da sala do Centro Cultural, até acertarmos na empresa de Som, levou algum tempo, em termos de som estamos com uma qualidade elevada, dadas as circunstâncias da pouca facilidade acústica, em termos de fora de palco e espetáculo, tem-se sempre mudado alguma coisa, seja para mostrar trabalho, seja para garantir nova qualidade de festival, como os passeios de barco, as visitas aos museus, os passeios pela cidade por aí fora, todos os anos, é o que se muda mais. Dentro de palco e do espaço Centro Cultural, que é um local ainda por explorar, acabou por se estagnar e ser só as Tunas a cantar em cima do palco e os espectadores em baixo a ver e é uma parte que é necessário explorar porque tem asas e é um minério para explorar o Centro Cultural.



 20/08

**RN-O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida académica de um estudante? E de um espectador “comum”?**

RS- De Tuna para o estudante, aquilo que nos conseguimos garantir ou tentamos incutir, para além de ser uma experiência diferente da vida normal do estudante, de estudar, casa, trabalhar, casa e outras atividades extracurriculares que tenham, é uma outra alternativa de cariz cultural que se revê muito na música e nos acabamos por oferecer a pessoas que não saibam tocar instrumentos, tocam instrumentos, cantar, minimamente afinado, no tom e no tempo, em forma de eu para isso, nós também conseguimos garantir ao estudante que se preze e queira entrar na Hinoportuna, a participação ativa em festivais de outros lugares do país, de esse mesmo estudante conseguir ir a sítios do país que nunca foi representar um Instituto e uma cidade. Aqueles que só veem as Tunas, como espectador, mas são igualmente estudantes, queremos passar essa mensagem, com o objetivo de que eles venham para o nosso lado, ou pelo menos que nos levem nos seus corações e na sua memória para sempre e sermos reconhecidos no futuro como a Hinoportuna do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Ao espectador comum, também posso dividir em duas partes, uma que é o espectador de Viana do Castelo e outra que é o espectador que vem de fora para ver a Hinoportuna ou o Lethes, falando da Hinoportuna, a Hinoportuna para a cidade de Viana do Castelo de certa forma é bem querida, especialmente pela população da Ribeira, temos muitos membros da Hinoportuna antigos que são naturais da Ribeira e é com especial carinho que normalmente somos recebidos e cantamos para essas pessoas e somos vistos com muito bons olhos e como exemplo do estudante e académico. Quanto ao espectador comum, aquele que vem de fora para ver a Hinoportuna, influenciados pelos familiares, que faça, ou não parte da Hinoportuna, ou por ventura que nós possamos ir a terra deles por alguma circunstância e eles acabam por nos procurar, aquilo que tentamos passar é um bocado da vida do estudante de Viana do Castelo noutra auge, acaba por ser a passagem de mensagem a partir da música e a partir da felicidade, da irreverência e da parte boémia.

**RN-O que é que o Lethes oferece a cidade?**

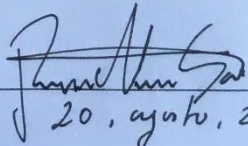
RS- O que o Lethes oferece a cidade, é um espetáculo diferente daquele que as pessoas estão normalmente habituadas a ver sendo que normalmente o que se costuma ver em espetáculos sejam musicais, de teatro ou de comédia, o que se acaba por ver é uma diversidade musical e muito espírito jovem e académico e isso é o que o festival acaba por oferecer em demasia, porque não é só dentro do palco que há as expressões e as convivências das Tunas, é também fora, seja nas passagens da rua, num café onde as pessoas estão paradas e as Tunas acabam por tocar ali, alguns elementos mais descontraídos acabam por se meter com as pessoas, tocar e cantar para elas e é a tal passagem de mensagem de alegria e de *carpe diem* que os Tunos vivem, que é mostrar alegria e partilhar.



#### **RN-Qual é o tipo de publico?**

RS- Para se ter mais ao menos uma noção comparativa, no Teatro Municipal maior parte dos lugares acabavam por ser ocupados pelos familiares dos Hinoportunos, sendo que lá era totalmente diferente, maior parte do pessoal tinha ligação a elementos das Tunas, tanto amigos como familiares que acabavam por aparecer e ocupar a maior parte da plateia do espetáculo. Agora o que se têm trabalhado nos últimos anos é a tentativa de conseguir levar os estudantes de Viana do Castelo e de fora ao nosso festival, para que possamos demonstrar-lhes o nosso espetáculo. Normalmente há um lapso de interesse por parte do pessoal, isto pode não se só um desinteresse meramente cognitivo, pode ser um desinteresse por razões monetárias ou por razões de tempo, mas tentamos de uma maneira ou de outra cativar as pessoas que sejam da academia a ir ao nosso festival para que termos uma faixa etária entre os vinte e cinco e os trinta anos que seria um publico mais jovem. Ultimamente costuma haver uma enorme discrepância, normalmente temos tido muita massa académica, muitos jovens da nossa academia, mas também costumamos ter em demasia, gente mais veterana e mais sénior que acompanha. Neste momento tem sido um pouco mais equilibrado, no geral, em termos de espectador, vê-se muita gente a participar para ver uma Tuna em específico que tenha sido convidada, vê-se muita de Viana do Castelo que estuda noutra cidade a vir a este festival por ser em Viana do Castelo, como tinha dito, costuma ver-se nestes últimos anos um maior numero de gente da academia porque nos também tentamos promover mais junto deles, mas uma coisa que tem regredido , provavelmente por culpa nossa e por falta de comunicação é a adesão do pessoal mais da cidade, ou porque a comunicação é tardia ou porque a comunicação não é a melhor . O que queremos, no entanto, é a maior diversidade de pessoas, chegar ao maior número de pessoas que realmente se interessem e gostassem de vir experienciar este espetáculo. Em termos de números, no mínimo dos mínimos, costuma rondar os 700 lugares, que é um pouco mais do dobro do Teatro Municipal, ou seja, em temos de proporção está muito aquém. Por norma o Centro Cultural costuma ter uma divisão a meio, um corredor, nós por norma praticamente enchemos essa primeira parte, a segunda é muito faseada e depois as bancadas tem as pessoas que consomem procurar esse conforto porque as cadeiras são um pouco desconfortáveis ao fim de algum tempo. Uma coisa que se devia fazer era concentrar as pessoas mais na plateia e não as deixar dispersar para também conviverem de certo modo e para ser mais confortável.

Assinatura do(a) Inquirido(a):

  
20, agosto, 2020



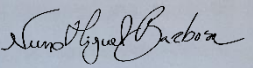
### 8.2.2. Entrevista com Nuno Barbosa – Gestor da empresa Vivexperiência no Posto de Turismo de Viana do Castelo e Docente no Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Entrevista com Nuno BARBOSA, Professor e Gestor da empresa Vivexperiência, Viana do Castelo;

Entrevista realizada no dia 12 de junho de 2020, via digital, na plataforma ZOOM

RN – Rita NOVO

NB – Nuno BARBOSA

  
18/06/2020

Nome: Nuno Miguel Barbosa

Idade: 41 anos

Nacionalidade: Portuguesa com naturalidade Alemã

Formação académica: Licenciado em Turismo e Mestrado em Gestão Artística e Cultural pelo Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Posto de trabalho atual: Gestor da empresa Vivexperiência no Posto de Turismo de Viana do Castelo e Docente no Instituto Politécnico de Viana do Castelo

**RN- Quando começou o seu interesse pelo associativismo e pela Hinoportuna?**

NB- Ora então, o meu interesse pelo associativismo penso que vem desde sempre, desde jovem, com 14 ou 15 anos fazia já parte dos escuteiros e fazia parte também de algumas associações na área da Associação de Estudantes do ensino secundário e a radio também, que são paixões que vem desde essa idade. Depois, quando cheguei a Viana em Setembro de 97 matriculei-me, quando voltei fiquei a morar na Residência no Centro Académico e fiquei a morar com o Presidente da Associação Académica da altura que era a Associação Académica de Viana do IPVC, o Ricardo e com mais duas pessoas da Hinoportuna e portanto a primeira coisa que fiz foi começar a ir aos ensaios, na verdade, até fui primeiro aos ensaios do que se calhar às aulas. O que acaba por acontecer depois, é que a Hinoportuna era uma subsecção da Associação de Estudantes da ESTG e havia ali sempre disputas por causa das verbas. Eu tive também ligado de alguma forma à Associação de Estudantes da ESTG da altura porque o meu padrinho de Tuna era o Presidente da Associação de Estudantes e depois vimos que se calhar se estavam a incompatibilizar certas coisas e decidimos mesmo partir, em 99, para a criação da Associação Cultural Hinoportuna, como Tuna Académica de todo o Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Para isso tivemos o apoio do então presidente e Tuna-Honorário, o professor Abílio de Carvalho e a partir daí criamos a comissão fundadora da qual faz parte o Joel, o Paulo, o Olivério e mais uma série de outros colegas Hinoportunos e fundou-se então a Hinoportuna Tuna Académica dando continuidade ao projeto da Tuna da Associação de Estudantes da ESTG, que acabou por ficar com o nome de Hinoportuna.

**RN – Quando começa a pertencer a Hinoportuna?**

NB- Desde o início, em setembro de 97 já entrei para os ensaios, a partir de outubro, Novembro, Dezembro já teria tido a minha primeira atuação. Depois fui fazendo o meu percurso lá dentro até



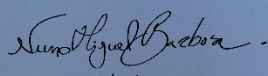
que comecei a fazer parte também da Direção e depois criamos mesmo a Associação. Quando criamos a Associação, penso que fui logo o primeiro Presidente, fui presidente durante vários mandatos e alternava às vezes como Presidente ou Presidente da Assembleia Geral, portanto, sempre tive um papel bastante ativo na Hinoportuna. A Associação Cultural Hinoportuna, tinha ali um papel organizativo como trabalhar os estatutos, trabalhar as parcerias, trabalhar os apoios, passar pela criação do Lethes em 2001 toda a organização e tentar ter padrões e qualidade que nos pusessem ao nível do melhor que se fazia em Portugal. Na altura não havia Federação Académica, éramos a única Associação Académica que ligava, digamos, todas as escolas do IPVC e graças ao bom trabalho, ganhamos inclusivamente, dois prémios de mérito do Instituto Politécnico enquanto Associação Cultural, na altura em que fizemos a volta a Europa e depois também por causa do Lethes.

**RN - Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?**

NB- Atualmente eu faço parte dos fundadores, ou seja, tenho uma ligação, primeiro de amizade com todos os membros da Hinoportuna, desde os caloiros, os tunos e os Veteranos, dou apoio a direção no sentido de aconselhar, digamos assim, e sugerir aquilo que acho que é o melhor para a Tuna, tento abrir portas dentro dos contactos que tenho também para facilitar, como todos tentamos fazer, como antigos membros e membros fundadores e depois participamos na Assembleia Geral que é anual, sempre que possível e participamos também em alguns eventos, como o nosso festival, o *Lethes* e eventos de interesse e que haja essa necessidade e disponibilidade. Nós criamos a Associação exatamente com intuito de unir uma família, que é a família Hinoportuna e que não se resumisse a Tuna ao período de estudos mas também que houvesse uma continuidade, que deu origem por exemplo, recentemente, a um projeto que já terá acontecido em 2014, mas que agora em 2020 acaba por se concretizar que é a fundação da Tuna de Veteranos da Hinoportuna de Viana do Castelo, que acaba por ser um projeto que ainda está a dar os primeiros passos. A Hinoportuna dá-me um traquejo grande a nível depois de uma outra série de coisas que acabei por fazer, tanto que em 2007, depois de ter ficado bem classificado num projeto de empreendedorismo que é a minha própria empresa, a *Vivexperiência*, depois criei com um membro da Hinoportuna, o Ricardo, outra empresa á qual estou ligado, de produção executiva de eventos. Temos ligações a outros elementos que passaram pela Hinoportuna e que também tem as suas empresas e fazemos ali um *networking* interessante entre antigos companheiros de tuna. Atualmente no associativismo, estou ligado á Associação Empresarial de Viana do Castelo, da qual sou Vice-Presidente desde á 4 ou 5 anos, faço parte desde 2014 do Concelho da Direção, mas sou Vice-Presidente á dois mandatos.

**RN- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?**

NB- Um deles, foi sem sombra de duvida a *Eurotour* que fizemos, salvo erro no ano de 2001, em que corremos a Europa toda, fizemos Espanha, Andorra, França, Alemanha, Áustria, Norte de Itália,

  
18/08/2020



estivemos na fronteira coma a Suíça, estivemos no Sul de França, depois fizemos todo o Norte de Espanha, até regressar, foi um mês de estrada com muitos quilómetros em cima, muitas aventuras e dificuldades e acabou por ser uma das aventuras mais incríveis da minha vida, enquanto Hinoportuno e que nos deu um traquejo incrível, com coordenação com varias Associações ligadas á parte da imigração. Foi a apresentação do nosso primeiro CD, o "Prefácio". Agora, mais recentemente, a Hinoportuna tem feito vários palcos, a começar no nosso querido Sá de Miranda, mas Coliseus do Porto, Aula Magna em Lisboa, Teatro Circo em Braga, Teatros por todo o país, até Mértola , Beja, Madeira e por aí fora e eu destacaria, quando ganhamos o Festival Internacional de Tunas da Universidade do Porto, o FITU, no Coliseu , que era um feito em que só estar presente já era qualquer coisa, mas a Hinoportuna vencer o XXIX FITU, foi a coisa mais incrível que me aconteceu a nível de Tuna. Depois no XXX FITU, fomos lá para defender o título e ganhamos novamente, então foi assim uma coisa que eu já mais vou esquecer. Se na primeira vez íamos naquela de "É quase impossível", na segunda vez tínhamos a certeza que era, até porque no mundo das Tunas não existe a mesma Tuna ganhar duas edições seguidas, tanto que depois já nem nos convidaram para a seguinte edição, para não fazermos o triplete

**RN-O que acha do "Festival Lethes"? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?**

NB- O Lethes é um dos grandes Festivais do mundo das Tunas Portuguesas, conseguimos e bem, criar alguma coisa diferente, o Teatro Sá de Miranda era uma das grandes mais valias do Lethes. Era uma sala bastante intimista, um Teatro do século XIX com aquela configuração Italiana e pouco mais de 300 lugares dava algo muito especial em todas as edições, foi até a 14ª edição do Lethes, os bilhetes esgotaram, uma semana antes já não havia bilhetes e isso era uma das coisas que tornava o festival especial e que hoje em dia é um ponto fraco, ter-mos de tocar naquele pavilhão multiusos, que é o Centro Cultural e que obviamente não se adequa ao tipo de espetáculo, porque é muito grande. Se o Coliseu do Porto consegue encher com mil e tal pessoas, já o Centro Cultural de Viana é muito difícil, porque é um pavilhão a escala, bastante grande para a cidade e mesmo as Tunas estavam habituadas ao Sá de Miranda. A parte dos pontos fortes, de facto é ter sempre bons cartazes e as pessoas não terem de se deslocar muito na cidade para fazer parte do festival, depois a Hinoportuna também sempre procurou e consegue oferecer a quem nos visita, um festival em que as pessoas que vem como convidados, não tem quase custos nenhuns, seja cm bebida ou com comido ou deslocações e depois é seguro , é divertido, as pessoas ficam a tocar até tarde, na rua e há sempre algo mais para fazer e acaba por ser um festival muito familiar e eu acho isso um ponto muito forte.

**RN- Pode-se comparar o "Festival Lethes" a um outro festival de carater Nacional ou Internacional? Se sim, qual/is?**

*Nuno Miguel Barbosa*  
18/04/2020



NB- Para mim o Lethes pode ser comparado a qualquer um dos melhores, podemos compara-lo com o Certame Lusitano de Tunas Académicas que é o Celta, sendo que o Celta, obviamente , tem muitas mais edições, é no Teatro Circo e tem também a grande Azeituna a produzi-lo, o que torna também o festival único, o próprio FITU da Universidade do Porto, FITUA em Aveiro , o TUIST que também fomos em Lisboa, o Tágides em Almada. É assim, são festivais bons, tem bom publico , tem boas tunas, boas salas, mas eu acho que o Lethes tem sempre algumas vantagens , é quase como o FITUA que se calhar é o que mais se aproxima, oferecemos ou a Tuna investe de forma a oferecer gratuitamente aos participantes todos munções para aguentarem durante todo o fim-de-semana e depois as pessoas podem-se deslocar a pé por toda a cidade sem nunca ter de pegar no carro.

**RN- Como se caracterizam os vários géneros musicais tocados pela Tuna?**

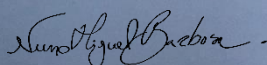
NB- Ora bem, a Hinoportuna toca acima de tudo, música popular Portuguesa, toca o cancioneiro nacional que está ligado aos estudantes, que vai do fado, a marchas, como por exemplo o *Havemos de ir a Viana*, o Hino, são marchas adaptadas do cancioneiro Nacional. A Hinoportuna tem uma influência grande de música Celta-Ibérica, por exemplo falo dos instrumentais, todos eles adaptados de músicas do Júlio Pereira e depois temos também algumas influências de Zeca Afonso bem marcantes, algumas raízes também na própria música popular Brasileira e depois na música Espanhola que também influencia muito a música tunante.

**RN- Estes géneros musicais têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida académica? Se sim quais?**

NB- Eu acho que sim, por exemplo aquelas músicas mais alegres que fazem sempre lembrar as semanas académicas e fazem sempre lembrar os primeiros tempos de estudante que é, digamos, a libertação peça festa em que as pessoas estão ali com toda a alegria com toda a presença e que esquecem que existe mundo. Depois temos as Serenatas que fazem sempre lembrar os namoros, os casamentos, as coisas todas que vão acontecendo na vida académica, e depois o fado das Serenatas Académicas que reporta um pós - anos finais e deixa sempre saudade a todos os estudantes que saem das academias e por isso as lágrimas correm muitas vezes quando se interpretam fados .

**RN-Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?**

NB- Com certeza. Temos a *Santa Luzia* que nos fala exatamente da Santa Luzia, que nos fala de um percurso inicial que é o do batismo dos caloiros da Tuna, quando são finalmente batizados como caloiros. Temos depois o *Hinoportuna*, que nos fala mais dos locais como as escolas, as vivencias académicas, as viagens, *et cetera*. Depois temos o *Amor de Perdição* que nos fala da Ribeira, que nos vala dos viveres mais do centro da cidade.

  
18/08/2020



**RN-Que futuro prevê para o “Festival Lethes”? Como se pode garantir a sua sobrevivência?**

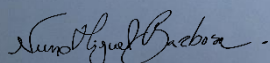
NB- Para o Lethes é continuar a apostar em qualidade, continuar a ter o apoio do Instituto Politécnico, porque o Lethes traz tunas de todo o país e muitas vezes de Espanha e de outro país á nossa cidade, porque nós também vamos representar o Instituto Politécnico de Viana a esses mesmos festivais e muitas das vezes, retribuimos os convites. O Lethes tem tudo para continuar ainda que seja no Centro Cultural de Viana do Castelo. Agora com esta questão do Covid-19 acaba por ser um local que tem capacidade e se ficar meia casa também é tranquilo. Gostávamos que voltasse para o Teatro, mas parece impossível, porque em parte neste momento o Teatro não tem a lotação necessária, quando neste momento metemos mil pessoas no CCVC numa só noite e nesse caso teríamos de fazer três noites no teatro.

**RN-O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida académica de um estudante? E de um espectador “comum”?**

NB- As tunas trazem algo mais do que aquilo que é a vivência académica normal, porquê? Porque nos permitem uma forma de expressão muito própria que é a música e nós para tocar e cantar juntos, temos que estar juntos antes, ensaiar, conhecermo-nos, aprender uns com os outros e aí cria-se o tal elo de ligação que nos mantém unidos. Imagina eu desde 97, até 2020, que estamos agora, tenho pessoas que já estavam na Tuna antes de mim e que ainda continuamos amigos, juntamos-mos uma vez no ano, pelo menos, no nosso festival para tocarmos todos juntos e levarmos avante outros projetos. Portanto, á parte da musica e deste espirito de companheirismo e de haver sempre uma família por perto, acrescenta á vida académica, dar-te lugar num palco, dar-te a oportunidade de fazeres parte duma Associação e de compreender e intervir no dia-a-dia dessa Associação e depois a oportunidade de viajar, quando a tuna tem convites e digressões e *tours*, seja na Madeira, Açores , por todo o país ou na Europa. Ao espetador comum, eu acho que oferece sempre cultura, oferece cultura Portuguesa e oferece um bom espetáculo. Eu tenho sempre o cuidado de diferenciar as Tunas Académicas Universitárias, como a Hinoportuna, que tem algum cuidado no naipe de instrumentos que apresenta, que tem cuidado nas apresentações e na seleção do cancionero e depois existem as outras Tunas que são Tunas de “bater o bombo” como se costuma dizer, são projetos que não tem a mesma seriedade que uma Tuna Associativa como a Hinoportuna, que não tem os mesmos propósitos e as pessoas poderão, quando confrontadas com uma situação dessas, perceber que existe um diferença grande entre aquilo que se pode oferecer ao publico estando a ver uma Tuna dessas ou uma Tuna como a Hinoportuna.

**RN-O que é que o Lethes oferece a cidade?**

NB- O Lethes oferece, ponto numero um, dar a conhecer a cidade a centenas de estudantes universitários e pós-universitários, porque como te disse, as Tunas que cá vem são quase todas Associações, constituídas por pessoas que tem formação Superior, que estão a constituir família,

  
18/08/2020

que irão estar certamente em cargos de responsabilidade a nível da sociedade Portuguesa ou no Estrangeiro e que depois quererão um dia regressar a Viana do Castelo, coma as suas famílias, para reviver os momentos que cá passaram enquanto tunos quando vem cá com o Lethes, esse é um dos pontos, que é a vertente social e turística. O outro ponto, é que oferece um espetáculo Cultural diverso e com as mais icónicas Tunas Nacionais e Internacionais, o que permite dar às pessoas, sejam residentes de Viana, outras cidades ou estudantes, assistir a um espetáculo diferente e de elevada qualidade cultural.

**RN-Qual é o tipo de publico?**

NB- O tipo de publico do Lethes são, estudantes, sendo que inicialmente, nas primeiras edições, quase não havia estudantes, o que era curioso, havia estudantes, mas era quase tudo, família, as namoradas dos tunos, os melhores amigos, que enchiam o Sá de Miranda. Hoje em dia, o publico, são as famílias do Tunos da Hinoportuna e das outras Tunas que cá veem, mas também os Estudantes do IPVC e de outras Universidade, que se deslocam Viana para vir apoiar a sua Tuna. Quando falamos em números, falaremos sempre, atualmente, em números a rondar as oitocentas e as mil pessoas por cada festival, a este número, temos de juntar os cerca de 250 bilhetes que são dos tunos participantes.

*Luís Miguel Barbosa*  
18/08/2020

Assinatura do(a) Inquirido(a):



### 8.2.3. Entrevista com João Teixeira – Designer na empresa Cadeinor, Braga

João Carlos Ferreira Pires Teixeira  
22/08/2020

Entrevista com João TEIXEIRA, Designer na empresa Cadeinor, Braga

Entrevista realizada no dia 13 de dezembro de 2019, no *Double Concept Bar*, Viana do Castelo

RN – Rita NOVO

JT – João TEIXEIRA

---

Nome: João Carlos Ferreira Pires Teixeira

Idade: 29 anos

Nacionalidade: Portuguesa

Formação académica: Licenciado em Design do Produto e Mestrado em Design Integrado pelo Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Posto de trabalho atual: Designer na empresa Cadeinor, Braga

**RN- Quando começou o seu interesse pelo associativismo?**

JT- Eu acho que o interesse acaba por ser natural, quando entras para a faculdade e queres fazer algo diferente ou tens já uma mentalidade que te provoca esse interesse em pertences a alguma coisa, ou seja, queres aproveitar ao máximo a faculdade e a minha primeira experiência com a Associação Hinoportuna foi precisamente aí, eu curiosamente tive a sorte e oportunidade de calhar na residência no quarto com um Hinoportuno, o Simão, que era do nosso curso também e foi um bocado até por ele, que me começou a chatear a cabeça para aparecer nas praxes, para ver como era, porque via que eu tinha esse espírito académico, disse-me que eu não precisava de saber cantar ou tocar porque aquilo era mesmo uma experiência. Foi exatamente isso que eu fiz, eu cheguei a ir a uma ou duas semanas de praxe, até ver que não ia ter tempo suficiente para agilizar com tudo e acabei por sair, não por não gostar de estar a viver a experiência, mas se calhar foi precisamente por isso que depois continuei a manter o contacto com eles. No fundo eu não estava na Hinoportuna, mas tentava estar e a Hinoportuna tem pessoas que socializar é quase o nome do meio. O meu interesse começa por aí e depois foi-se alimentando durante os cinco anos que estive por cá.

**RN - Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?**

JT- O tipo de ligação que tenho será a de amizade, basicamente será uma ligação pessoal, com uns mais outros menos. Acabo por ter também uma ligação profissional, no âmbito da criação de conteúdos digitais, em algumas edições, para o festival que é organizado por eles, o Lethes.

**RN- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?**

JT- É assim, acho que qualquer Lethes é marcante, aqueles três dias de festival, principalmente o Domingo. Eu não fui a todos os espetáculos do Lethes, desde que estive cá, mas fazia sempre questão de aparecer, ou no final do espetáculo ou no domingo, que é para mim o dia mais festivo e



João Carlos Ferreira Pires Teixeira  
22/05/2020

até se calhar, o mais efusivo, em que toda a gente já esta a dar as ultimas ,já toda a gente se apresentou, já estão os prémios dados , já está tudo feito , então as pessoas já estão muito mais relaxadas, já se conhecem todos uns aos outros . É difícil escolher uma data em concreto, até porque são festivais e eventos em que a memoria acaba por vacilar, às vezes, mas talvez esses momentos de festival sejam a melhor forma de demonstrar este meu gosto pela Hinoportuna e pelas pessoas que a representam.

**RN-O que acha do “Festival Lethes”? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?**

JT- É assim, pontos fortes é fácil de encontrar, eu acho que o Lethes, não só em termos académicos mas também em termos turísticos, acho que se pode considerar assim, é super importante para a cidade, ou seja, tu tens a Senhora da Agonia, tens depois um ao outro evento, o Viana Bate Forte e eu acho que o Lethes se consegue integrar nessa categoria de eventos, no sentido em que consegues realmente mexer com a cidade. Isto porque trás Tunas de outras cidades do país , provoca um festival que na minha opinião é muito bonito , muito bem organizado ,as Tunas são muito bem seleccionadas e depois isto tudo faz com que os amigos dessas Tunas venham também, os estudantes de cá fiquem durante o fim-de semana e então, isso acaba por dar um pouco mais de vida á cidade e eu acho que nesse sentido só consigo encontrar pontos fortes . Pontos fracos, talvez, podiam ser mais dias de festival.

**RN- Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de carater Nacional ou Internacional? Se sim, qual/is?**

JT- Acho que de modo geral os festivais de tunas não diferem muito uns dos outros. Isto em termos de formato, julgo que uma pequena diferença que poderá existir está entre festivais mais académicos e outros mais musicais, isto claro do pouco conhecimento que tenho. Mas dou te um exemplo, há uns anos fui a Coimbra ver a Hinoportuna no festival da Estudantina, que é uma Tuna de músicos e não-estudantes e achei um festival menos emblemático que o Lethes, não sei se pela localização ou pelas pessoas que conheço que estão lá, mas entre um e outro senti essa diferença. Fora isso julgo que o formato é muito semelhante.

**RN- Os géneros musicais tocados pela Hinoportuna, têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida académica? Se sim, quais?**

JT- É assim, acabas sempre por fazer , acho eu a musica faz parte de todos nós, é das coisas que consegue realmente ligar pessoas, e nesse sentido dizer que , acho eu, que cada tuna tem o seu reportório bastante específico, a Hinoportuna por exemplo, tem um reportório muito focado no Zeca Afonso e na Amália, obviamente que depois, eles têm musicas que fazem parte do trajeto académico deles e do trajeto académico de pessoas que eles acabam por conhecer na vida de



João Carlos Ferreira Pinho Ferreira  
22/02/2020

estudante, mas depois vai um bocado mais além disso. Então se calhar, em algumas musicas, puderas fazer essa retrospectiva, em que tu és estudante e consegues realmente relacionar-te e fazer um acompanhamento cronológico das coisas mas por outro, podes ouvir canções que podem não te remeter para a parte académica, mas provavelmente vão-te remeter para um outro momento histórico de Portugal ou da própria cidade de Viana do Castelo e acho eu é um bocadinho por aí.

**RN-Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?**

JT- Eu acho que não, não há nenhum local em específico. Quando as pessoas param em Viana do Castelo e quando ouvem músicas com essa alusão a Viana do Castelo, esse referencia, provavelmente os monumentos que irão recordar ou associar, são aqueles mais importantes, isto para quem não está cá. Agora, para quem estuda cá, provavelmente, podes ter esse tal sentimento de te lembrar da vida académica e se calhar lembras-te de um lugar específico, que por vezes nem tem nada a ver com a musica ou com o tema da musica, mas isso acontece porque há uma ligação que vai para além disso, ou seja, uma ligação da tua experiência de vida enquanto estudante. Uma das coisa que eu fiz, curiosamente, com o cartaz do XVI Lethes, em que o tema era a mulher de Viana do Castelo, e utilizei obviamente a Amália Rodrigues como plano principal, mas depois se reparares o cartaz está composto por uma serie de elementos da cidade de Viana do Castelo, porque no fundo é essa mística, e a tuna consegue realmente representar a cidade, pode não ser um local específico, mas consegues essa associação a uma cultura muito típica do Minho, mais concretamente de Viana do Castelo e eu penso que o reportório deles tenha sido escolhido nesse sentido.

**RN-Que futuro prevê para o “Festival Lethes”? Como se pode garantir a sua sobrevivência?**

JT- Acho que para já não tem sido dados sinais de alarme, basta ver que, eu quando fiz esse cartaz de que te falei, o Lethes era feito no Teatro Sá de Miranda e obviamente que se me perguntares se eu prefiro o Centro Cultural ou o Teatro, obviamente prefiro o Teatro, pela temática e pelo o espaço em si, muito mais aconchegante e com muito melhores condições acústicas, nesse sentido. Mas eles tinham realmente que mudar, porque a quantidade de pessoas que estavam a começar a frequentar o festival, obrigou a isso e eu acho que isso é um indicativo de que realmente o projeto está a crescer e tu vês que de ano para ano há mais tunas, há necessidade de dividir em mais dias as apresentações, as Tunas são cada vez melhores e reparas que a Hinoportuna, a todos os festivais que vai, fora do Lethes, que são organizados pelas melhores Tunas do país, acaba sempre por ganhar prémios e é um bocadinho essa experiencia que faz com que o Lethes esteja a crescer no sentido certo e por isso te digo que neste momento não vejo sinais de que o Lethes esteja a decrescer em termos de mediatismo ou de objetividade.



João Carlos Ferreira Pires Teixeira  
22/08

**RN-O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida académica de um estudante? E de um espectador “comum”?**

JT- Obviamente que em termos académicos, olhas para a Tuna e foi a forma como eu olhei para ela, já olhas como um percurso ou um meio para atingir um fim musical ou artístico e eu nunca vi a Tuna dessa forma. Vejo a Tuna mais focada na irmandade, ou seja, no relacionamento das pessoas, no á vontade, no respeito e depois claramente na vontade que eles têm de ajudar os outros, porque eles realmente fazem isso, naquilo que oferecem em todos os eventos que participam, na simpatia que tem, na disposição que tem para fazer atividades. No sentido académico, penso que seria essa a oferta e mais do que entrares para a Tuna e teres aí uma oportunidade de carreira ou uma oportunidade de cresceres artisticamente enquanto músico, acho que é isto que te oferecem, relacionamentos, a tal irmandade que existe. Para quem está de fora, podem inspirar outras pessoas que posteriormente poderão vir para faculdade, isto se estivermos a falar de pessoas que estão fora da vida académica, mas que irão estar no futuro e que se poderão sentir inspiradas a fazer parte de um grupo como uma Tuna. Para pessoas de outras faixas etárias, acho que no fundo o que a Tuna consegue dar são momentos de espetáculo, algumas gargalhadas, sempre que eles estão na rua e se lembram de fazer uma pequena representação e tocar para alegrar as pessoas, acabam sempre por despertar muito a curiosidade nas pessoas que param e ficam a ver e riem-se e acho que isso significa que as Tunas, mais do que musica, são relacionamentos, espetáculo e boa-disposição.

**RN-O que é que o Lethes oferece a cidade?**

JT- Acabei por responde um pouco a isso no início, mas acho que turisticamente, tens movimento na cidade, tens um festival que é um evento que provoca isto, provoca a deslocação das pessoas, dos pais, dos avós, dos amigos, o que para a cidade de Viana do Castelo é ótimo. Obviamente, que em termos culturais também, é um festival de musica, é um festival que não é por nada que consegue estar no Centro Cultural e estamos a falar de um espaço que está reservado para os melhores artistas que a cidade consegue trazer cá, e o facto da Hinoportuna ter esse apoio da parte da Câmara Municipal, para poder participar no Centro Cultural e só o facto de ter esses apoios acho eu isso diz muito do que é que o festival e o que consegue aportar para a cidade de Viana do Castelo em todos os sentidos, no sentido social, no sentido económico e no turismo.

**RN-Qual é o tipo de publico?**

JT- Quanto ao público, acredito que não haja um público do Lethes diferente do público noutros festivais de Tunas, ou seja, maioritariamente é um publico jovem e estudante, contudo aparecem sempre pessoas amigas e familiares. Para além disso há uma série de pessoas que estão de visita pela cidade e poderão ser cativadas a participar, até pela posição estratégica em que decorre o festival.

Assinatura do(a) Inquirido(a):

João Carlos Ferreira Pinheiro  
22/08/2020



#### 8.2.4. Entrevista com Paula Chaves– Designer e Gerente da empresa *O Merceneiro*, responsável pelo departamento criativo

Paula C.  
15/08

Entrevista com Paula CHAVES, Designer e Gerente da empresa *O Merceneiro*, Responsável pelo departamento criativo

Entrevista realizada no dia 11 de junho de 2020, via digital, na plataforma ZOOM

RN – Rita NOVO

PC – Paula CHAVES

---

Nome: Paula Chaves

Idade: 39 anos

Nacionalidade: Portuguesa

Formação académica: Licenciada em Design do Produto pelo Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Posto de trabalho atual: Gerente da Empresa *O Merceneiro* / Responsável pelo departamento criativo – Chaves, Braga

**RN- Quando começou o seu interesse pelo associativismo?**

PC- Olha, no fundo sempre estive ligada de alguma forma a associações ou a grupos, eu antes de entrar para a universidade fiz parte de um grupo de teatro aqui em Chaves, um grupo de teatro amador e nunca estive a frente propriamente de nenhuma associação antes de entrar na universidade. Depois, foi aí no Politécnico de Viana, logo no primeiro ano como caloiira, o curso de Design do Produto era um curso que não tinha propriamente ninguém que o “liderasse”, digamos assim, em termos de delegados de curso e eu fui nomeado pelos de terceiro ano, ainda como caloiira, a delegada de curso. Ao assumir esse papel, acabei por, sem pensar muito nisso, implicar-me depois noutras situações. No segundo ano fui convidada para fazer parte da Associação de Estudantes da ESTG, como responsável do departamento social, tenho também aqui uma veia política, digamos assim e então era uma área que gostava muito, a parte social e cultural. Na altura fiquei responsável pela parte social e depois no terceiro ano fiquei como presidente da Associação de Estudantes da ESTG.

**RN - Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?**

PC- A Hinoportuna, estava sempre ligada, mais que não fosse por questões institucionais e de colaboração, tinha também alguns amigos que faziam parte da Hinoportuna, e de maneira que como presidente da Associação de Estudante nos e a Hinoportuna fomos sempre colaborando, nomeadamente na organização do *Lethes*. Eles também estiveram sempre presentes no que era a Semana Cultural que fazíamos, mais ao menos em abril, se não estou em erro, uma festa nas Oficinas de Design, a própria semana académica e a abertura e receção aos caloiros, portanto íamos sempre tendo algumas relações entre a associação e a Hinoportuna. Algumas outras

Paula . C  
15/08

questões, lembro-me até de uma manifestação que fizemos na altura, que tinha a ver com o aumento das propinas, portanto em vários momentos os nossos papeis iam-se sempre cruzando.

**RN- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?**

PC- Penso que foi no meu segundo ano, precisamente, em que a Hinoportuna para a organização do Lethes, pediu voluntários e eu fui uma das voluntárias, para recebermos em Viana, no fundo, fazermos de ciclerones às Tunas convidadas e na altura lembro-me que me calhou uma Tuna de Santiago, de seniores, agora já não te sei precisar o nome, é uma tuna que tinha um pandeireta, um senhor de muita idade e digo-te que em termos académicos e de festivais , tunas e etcetera foi um dos momentos que mais me marcou, foi ser a anfitriã digamos assim, e acompanhar essa gente enquanto pernoveram e estiveram em Viana , porque é de facto qualquer coisa de extraordinário.

**RN-O que acha do “Festival Lethes”? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?**

PC- A última vez que estive presente no Lethes foi na minha altura de estudante, eu entrei em 99 e o festival era ainda no Teatro Municipal Sá de Miranda. O festival, na minha opinião, é uma mais valia para a academia, para o Politécnico de Viana e para a cidade. Acho que Viana tem sempre a ganhar com um festival como o Lethes e tu vê, por exemplo, estou a lembrar-me dos cavaquinhos de Amonde e da Tuna de Veteranos , isto coisas que me recordo da minha altura, e ficam efetivamente raízes e despertam-se depois também, essas sensibilidades musicais no resto da população local e isso certamente que dará frutos e estas coisas são mesmo assim, os públicos formam-se, portanto Viana tem muito potencial nessa área, devido ao Lethes e também entre outras coisas. Pontos fracos, neste momento, é para mim difícil identificá-los, mas na minha altura, era um festival muito de âmbito apenas académico que não envolvia tanto as pessoas da cidade, envolvia-nos mais a nós, estudantes de Viana e de outras cidades, que vinham acompanhar as Tunas. Se mudaram o festival para o CCVC é uma tremenda pena, porque acho que o Sá de Miranda de facto é mítico e atribuía ali uma magia muito especial ao Lethes. Não sei qual é propriamente o formato do festival gora, se faz mais sentido sem no CCVC. Eu já vi alguns espetáculos cá em baixo no centro cultural e acho muito interessante para determinado tipo de concertos e determinado tipo de espetáculos, para o Lethes, se calhar já não é tanto.

**RN- Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de caráter Nacional ou Internacional? Se sim, qual/is?**

PC- Havia uma rapariga na nossa turma , que era a Nélia e ela ainda chegou a fazer parte de uma Tuna feminina do IPVC, não sei se ainda existe, e eu com elas e com a Hinoportuna, fui ao Porto a



Paula. 6/15/08

um festival e cheguei a ir a Espanha também e sem duvida que o Lethes está ao nível daquilo que se faz noutros sítios e está a muito bom nível.

**RN- Os géneros musicais tocados pela Hinoportuna, têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida académica? Se sim, quais?**

PC- Talvez e a nos como designers, não nos é difícil criar aqui algumas metáforas e fazer essas ligações e essas pontes. Se eles o fazem de forma premeditada, não sei até que ponto, á época penso que não havia propriamente esse sentido, não sei atualmente, mas até era um desafio interessante.

**RN-Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?**

PC- Sim. Para nós o *Havemos de ir a Viana*, é sempre um dos temas que mais nos marca e é inevitável, quando oiço essa musica em algum sitio por algum motivo, reporta-me sempre a questão de, como estudante, chegar a Viana e começar a atravessar a ponte e ver o santuário lá em cima, é inevitável. É daquelas coisas que nos marca sempre, que nos deixa sempre aqui uma coisa aberta.

**RN-Que futuro prevê para o “Festival Lethes”? Como se pode garantir a sua sobrevivência?**

PC- O futuro do Lethes, como festival, não há-de ser muito diferente do futuro de outros festivais que se organizam noutros registos musicais e culturais. Depende sempre muito da capacidade de reinvenção dos dirigentes e de quem está a frente, porque os modelos mudam, e de maneira que quem os faz, os públicos neste caso, está sempre a espera de mais e nunca se deve dar um publico como garantido. Falávamos nessa questão, o Lethes no meu tempo era um festival para estudantes, organizado por estudantes, hoje se calhar é organizado por estudantes para não- estudantes. Um publico nunca se deve dar como garantido e tem que haver exatamente esse compromisso e essa capacidade de se reinventarem e de criarem coisas novas, numa tentativa de tentar ganhar mais públicos e esse ganhar mais públicos muita das vezes fazem-se formando-os , não oferecendo-os , como por exemplo, “Olha , temos aqui isto” e tu muitas vezes não te identificas com o projeto e é difícil conseguir atrain-los, ao passo que, se os formares, se fores lá com eles, é mais fácil , porque aí as pessoas já estão implicadas. Na altura os estudantes marcavam presença, porque nós estudantes, estávamos efetivamente implicados.

**RN-O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida académica de um estudante? E de um espectador “comum”?**

PC- Efetivamente, a Tuna para além de espetáculos e a parte cultural e de festa, tem também essa componente e nós enquanto estávamos na Associação de Estudantes, íamo-nos apercebendo muitas das vezes que a Tuna funcionava também como elemento de integração dos alunos. Muitas



das vezes, é a forma que ele tem de receberem alguns miúdos que de outras maneiras estariam mais desligados da academia. Ao espetador comum, acaba por ser também uma mostra de uma tradição académica, claro que muitas das vezes até tem esta capacidade de pegar em temas populares, temas que de outra forma dificilmente chegariam ao público em geral, de os tocarem, transformarem e levá-los para a cena e para cima de um palco. Na música portuguesa, já vemos muitos autores que pegam nesses temas que eram menos conhecidos e a transforma-los e a dar-lhes novas roupagens, mas aqui a uns aos outros não era assim que acontecia e muitas das vezes eram as Tunas que tinham essa missão, de levar até músicas como os cantares, coisas que não eram tão conhecidas e eram as tunas que as levavam ao público. Há um trabalho muito interessante do Tiago Pereira, que é "*A música portuguesa a gostar dela própria*" e o Tiago faz uma pesquisa pelo repertório a nível nacional desse cantares mais antigos e esquecidos que estão na memória das pessoas, e esses temas quer pela Hinoportuna quer por outras Tunas do país, muitas das vezes não forma perdidos nem esquecidos e chegam a esse tal público e a esse cidadão anónimo através delas.

**RN-O que é que o Lethes oferece a cidade?**

PC- É mais uma oferta cultural que a cidade tem que levar a sério. Nós sempre fomos muito acessos e reivindicativos de apoios por parte da Câmara Municipal, às atividades culturais que se iam desenvolvendo na academia, fosse para as semanas académicas, semana cultural, o próprio Lethes e eventos que se iam organizando. A nível cultural a cidade só tem que agradecer pelo Lethes existir.

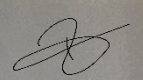
**RN-Qual é o tipo de público?**

PC- Sobre tudo jovem, não sei precisar números, mas enchíamos o Sá de Miranda.

Assinatura do(a) Inquirido(a):

Paula C 15/03/2020

### 8.2.5. Entrevista com Pedro Magalhães– Gestor e Diretor de Operações na empresa Cadeinor, Braga

  
17/08/2020

Entrevista com Pedro MAGALHÃES, Gestor e Diretor de Operações na empresa *Cadeinor*, Braga

Entrevista realizada no dia 05 de junho de 2020, via digital, na plataforma ZOOM

RN – Rita NOVO

PM – Pedro MAGALHÃES

---

Nome: Pedro Magalhães

Idade: 26 anos

Nacionalidade: Portuguesa

Formação académica: Licenciado em Gestão pelo Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Posto de trabalho atual: Diretor de Operações na empresa *Cadeinor*

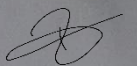
**RN- Quando começou o seu interesse pelo associativismo?**

PM- A minha paixão pelo associativismo vem desde miúdo, eu ainda antes da faculdade, fui presidente da associação de estudante, quer no ensino básico, quer posteriormente também no ensino secundário, por isso sempre tive uma queda , para essa envolvente e isso também aconteceu de certa forma em paralelismo com a minha vida política e vida associativa que sempre andou de certa forma a acompanhar o meu percurso . Em Viana não foi diferente, ou seja, no seguimento de trabalhar com pessoas, trabalhar em equipas e com projetos, surgiu desde logo o interesse, no meu segundo ano de ser candidato a Associação de Estudante da maior escola do Instituto. Se me perguntares se eu no segundo ano, vislumbrava ser presidente da Federação Académica, eventualmente não, mas seria uma coisa que estava nos meus horizontes, acho que sonhar e ter objetivos faz parte, e o mais difícil, foi o facto de ter entrado no meio académico por via da Associação de Estudante da Escola Superior de Tecnologia e Gestão , fiz um ano de mandato e entretanto também acabei por me envolver na Federação Académica e um ano e qualquer coisa depois acabei por cumprir dois mandatos á frente da Federação Académica.

**RN - Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?**

PM- No meu primeiro ano, ainda integrei durante dois ou três meses a Hinoportuna, mas depois cheguei a conclusão que não iria conseguir conciliar aquilo que era a minha vida académica e a vida que eu perspectivava como associativo, não só em Viana, mas também onde residia em Fafe, e por tanto tomei essa opção e deixei grandes amigos na Hinoportuna. Foi uma opção, mas certamente que seria tempo, tão ou mais valido do que aquele que eu acabei por ter na Associação e Federação Académica. A ligação que tive é notória e natural pelo cargo que ocupava. Foi um das primeiras coisas que tentei logo ,aquando a minha intervenção na Federação Académica, achando que não fazia qualquer tipo de sentido, termos um grupo de fados, externo ao IPVC , a fazer as nossas Serenatas, não sei se és desse tempo, mas de facto havia muita coisa que eu não concordava e então logo após a minha entrada nos órgãos de gestão da Federação, achei por bem



  
17/08/2020

que fosse a nossa Tuna a coordenar e orientar as Serenatas. Aqui também tivemos uma intenção de apelo importante, que é dar valor aquilo que são, tal como outras associações, as tunas e os elementos das tunas que são instituições que merecem ser apoiadas e que merecem ser divulgadas. Monetariamente sabíamos que a Federação vinha de uma recuperação financeira de anos anteriores, mas tudo aquilo que pudemos criar, como condições de apoio para ajudar a Hinoportuna, foi desde a primeira hora, porque reconhecemos a importância que tem para a envolvência e para todo o espírito académico do Instituto.

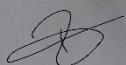
**RN- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?**

PM- Há uma foto, que penso que foi na receção de outubro de 2017, que foi no meu último ano de mandato, na minha última iniciativa, em que eu subi ao palco com eles. Confesso que já não sei dizer quem foi a pessoa que me convidou, mas subir ao palco com eles para cantar o "Havemos de ir a Viana" foi uma sensação inexplicável. Fiz uma publicação com essa foto no meu Instagram, onde escrevi *"Ontem tive o privilégio de subir ao palco com aqueles que me receberam nas primeiras semanas em Viana do Castelo. Alguns anos depois, levo momentos e histórias com estes meninos! Em tantos anos foram já muitos os rostos que entraram e saíram, mas todos eles marcaram pela positiva! Eles bem insistem nos copos, mas não é fácil acompanhá-los, mas vou treinando e um dia desafio-vos a todos. Obrigado por tudo. Para vocês, muito, muito sucesso. Até sempre."* Confesso que para além de ser o meu último evento enquanto organizador e parte integrante da académica, foi também a minha despedida com eles e por isso sim, foi um momento que me marcou. As despedidas custam sempre, e no fundo despedirmo-nos daqueles que foram os primeiros a receber-nos, ainda nos custa mais.

**RN-O que acha do "Festival Lethes"? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?**

PM- Também no Lethes apanhei uma transformação, o Lethes passa de um festival no Sá de Miranda para a maior sala de espetáculos de Viana que é o Centro Cultural e aí existiu de facto um reforço da imagem e da importância, embora ache que a academia não é amiga o suficiente da Hinoportuna, porque tínhamos muita dificuldade, digo isto como aluno e depois como parte integrante dos órgãos académicos que tive uma dificuldade muito grande e sentia que as pessoas até iam a festivais do Minho e de Aveiro e ao nosso festival, as pessoas não iam. Tínhamos muitos familiares e pessoas da cidade a participar, mas não despertava a curiosidade como deveria na comunidade estudantil do Politécnico de Viana e sentia uma falta muito grande de carinho por parte dos alunos em particular. Há um aspeto que me marcou, pela negativa, numa das edições em que participei enquanto espetador, que foi haver pouquíssimos estudantes trajados e em bom rigor, como em qualquer outra festa académica ou festival de tunas, que o exige, lembro-me de ver uma quantidade razoável de alunos com o traço da universidade do Minho, e de Viana muito poucos e



  
17/08/2020

isso vai no sentido daquilo que eu digo, que Viana e os alunos devem valorizar a Hinoportuna. Relativamente aos aspetos positivos e negativos, o modelo é interessante, o cenário e a forma como eles orientam o espetáculo também, tem um palco maior do que qualquer outra sala de festivais de Tunas do país, mas parece-me, negativamente, em relação à duração, que é demasiado extenso. Lembro-me de o espetáculo acabar tardíssimo e para quem quer levar os filhos, os pais, os sogros ou assim, acaba por ser demasiado exaustivo, esse foi o primeiro impacto negativo que tive. Aspetos positivos, como já disse anteriormente, é uma sala que é agradável, uma sala que dá perfeitamente para ter todas as condições de conforto e só acho que deve ser trabalhada esta aproximação deles a academia e da academia a eles e aos estudantes em particular, porque a Hinoportuna não é só de Viana do Castelo, ela é também de Ponte de Lima, de Valença e de Melgaço. Estamos a falar de uma Tuna que carrega ao peito, como eu gosto de dizer, as cores do Instituto e não de Viana do Castelo.

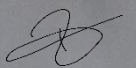
**RN- Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de caráter Nacional ou Internacional? Se sim, qual/ís?**

PM- Confesso que além do Lethes conheço apenas três festivais e quando digo conhecer é na sua forma organizacional, porque como espetador, já participei em cinco ou seis festivais e não me querendo repetir, mas repetindo-me, temos tudo para fazer um excelente festival, temos a qualidade da nossa Tuna, temos uma sala de espetáculos que dispensa apresentações e estamos inseridos numa cidade que também é capital do distrito e tem todas as condições hoteleiras, restauração e restantes condições para acolher não só familiares de estudante daqueles que residem em Viana, mas também todos aqueles que nos queiram visitar, de outros concelhos e de outros distritos vizinhos. Confesso que Viana, não tem uma sala carismática como eventualmente tem o Festival de Tunas do Porto, o FITU, mas sei que nós já o ganhamos em dois anos consecutivos como Hinoportuna e, portanto, acho que Viana tinha todas as condições para estar ao nível. Se me perguntares o que é que pudera ser melhorado ao nível da apresentação e ao nível da comunicação, acho que nada, nós temos tudo, falta só aqui de facto, uma maior vontade das pessoas se envolverem, nomeadamente os estudantes. Não temos nada menos, rigorosamente nada, do que qualquer outro festival do país e portanto, se me perguntares se é o melhor, digo-te que tem todas as condições para ser o ser, por todos estes indicadores que te disse anteriormente.

**RN- Os géneros musicais tocados pela Hinoportuna, têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida académica? Se sim, quais?**

PM- Sim, obviamente que sim, há músicas que nos marcam pela euforia e pela festividade do momento e há outras que nos marcam pela saudade e pelos momentos que elas significaram quando as ouvíamos. Não é qualquer Queima das Fitas, Semana Académica ou Receção, que termina com uma música como nos temos, quase como um Hino e portanto logo daí o “Havemos



  
17/08/2020

*de ir a Viana*" vai marcar sempre o fim e faz parte da nossa história como estudantes do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Há músicas que nos marcam durante o nosso percurso académico, se é um momento mais emotivo ou um momento mais de reflexão e por esse motivo concordo plenamente, independentemente da apreciação musical, entendimento musical ou técnico, sim, há sempre emoções que estão ligadas à música e aos momentos que estamos a passar.

**RN-Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?**

PM- Sim, obviamente que sim, há músicas que até na própria lírica acabam por referenciar esses sítios, tempos a referência a Santa Luzia, ao Rio Lima a paisagem do mar e terra e, portanto, sim, há aqui elementos que são associados a realidade de Viana, algumas mais específicas, outras mais abrangentes e redondantes. A música "Santa Luzia" associa diretamente ao monumento, naturalmente o "*Havemos de ir a Viana*" que associa a Viana, a toda aquela encosta que é banhada pelo Rio Lima, que se vê da Ponte Eiffel, todo aquele recorte da cidade, o monte de Santa Luzia, que consegues ver naquela perspetiva do outro lado da ponte, logo por aí, quando falamos em Viana é a imagem que me fica.

**RN-Que futuro prevê para o "Festival Lethes"? Como se pode garantir a sua sobrevivência?**

PM- Eu vou mais longe que o festival Lethes, porque, infelizmente, esta envolvência no associativismo, e quando falo em associativismo refiro-me também às Tunas e às Associações, há aqui um problema que está intrínseco, que é o facto de em três anos o tempo ser pouco para te cimentares e te conseguires integrar nestes meios, porque o tempo passa muito rápido e depois aquela envolvência que é esperada das pessoas, acaba por não ser o expectável. Não estamos a falar só da realização de um festival, mas também de quem o organiza e isso é um problema que não é de Viana, nem da Hinoportuna, nem do festival, mas sim um problema transversal. Antes tínhamos licenciaturas que eram de cinco anos e isso permitia as pessoas no primeiro ano ambientarem-se, no segundo ano começarem a cruzar-se e aqui já começarem a ganhar alguma ligação mais térrea e consistente. Portanto a questão é esta, e isto também se sente no associativismo, as pessoas muitas das vezes não se envolvem porque vem muito mais focadas só na licenciatura e no curso e sair fora e o mesmo acontece nas Tunas, que é, as pessoas não estarem tempo o suficiente para amadurecer na envolvência e no espírito académico e isso é um problema. Se isto pode pôr em causa o Lethes? Não, mas também não ajuda na corporação e no envolvimento no espírito que te falava no início, que eu acho que falta muito no IPVC em determinadas situações.

**RN-O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida académica de um estudante? E de um espectador "comum"?**



PM- Traz muita coisa. Ao estudante traz o espírito académico, traz o espírito de festividade, o espírito boémio, porque uma cidade, ou um Instituto, seja ele o que for, sem uma Tuna é uma cidade que não tem animo, que academicamente é morta. E não chegam só os eventos e as associações, mas também a música e o que daí advém, as participações nos festivais criam todo um enredo e em alguns casos criam também família. Em Viana temos muitos casos de gente que se conheceu nas Tunas e acabou depois por criar família. É uma realidade, não ter uma Tuna numa instituição é ter uma instituição académica sem alma. Ao espetador em comum a efusividade de ter a oportunidade de ter mais um espetáculo cultural, e de ver também um bocado , na perspetiva de um pai por exemplo, que vai ver a tomada de posse de um filho, ou um avo de um neto e neste caso dá também aqui oportunidade aos pais de que percebam onde é que o filho aprendeu a cantar, ou a tocar um instrumento e portanto também há aqui uma escola, de pessoas que tem mais experiência nas Tunas de passar um bocado do seu conhecimento e serem eles professores paralelos ao sistema, acabando por dar um bocado de si e do seu tempo.

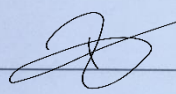
**RN-O que é que o Lethes oferece a cidade?**

PM- O Lethes oferece a cidade, referindo também o que disse anteriormente relativamente ao Município, o Município dá valor ao Lethes porque olha para ele como um evento cultural e bem, além de um evento académico , além de um evento que envolve não só estudantes mas também familiares e o próprio conselho, envolve aqui também uma vertente cultural e é nessa mesma vertente que o Lethes é rico. É feito num local impar, com umas condições que nem qualquer Município e Instituição dispõe a realizar um evento desses e portanto, o Lethes significa nada mais nada menos que, um dos pontos que se torna enriquecedor para Viana.

**RN-Qual é o tipo de publico?**

PM- Como te disse, assisti a esta alteração do Lethes do Teatro Sá de Miranda para o Centro Cultural e isso também acarretou aqui uma dispersão muito maior , ou seja , quando era no Teatro, com algumas centenas de pessoas conseguíamos fazer uma casa giríssima e lotada e quando passamos para um espaço como o Centro Cultural que recebe não só o Lethes , mas artistas e concertos a nível nacional não dá para ter uma noção do público-alvo. Há uma coisa que tenho a certeza, é um pulico- alvo que ainda esta muito por explorar, que é o próprio estudante da academia, como já te disse antes e não só, temos ali muitos familiares e a própria cidade que também se envolve, mas acima de tudo, a lacuna maior está no estudante.

Assinatura do(a) Inquirido(a):

  
17/08/2020

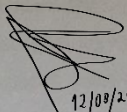
### 8.2.6. Entrevista com Vitor Monteiro– funcionário dos Serviços de Ação Social – SAS IPVC, Responsável pela Produção da Oficina Cultura

Entrevista com Vitor MONTEIRO, funcionário dos Serviços de Ação Social – SAS IPVC, Responsável pela Produção da Oficina Cultura

Entrevista realizada no dia 17 de junho de 2020, via telefónica

RN – Rita NOVO

VM – Vitor MONTEIRO



12/08/2020

---

Nome: Vítor Augusto Duarte Monteiro

Idade: 41 anos

Nacionalidade: Portuguesa

Formação académica: Licenciado em Educação Básica, variante Português-Francês pelo Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Posto de trabalho atual: Serviços de Ação Social – SAS-IPVC, Responsável pela Produção da Oficina Cultura

**RN- Quando começou o seu interesse pelo associativismo?**

VM- O meu interesse pelo associativismo inicia antes de ingressar em Viana, conhecendo através de um familiar a Federação Académica do Porto, e a partir daí criei um bichinho que mais tarde me deu vontade de iniciar. Na minha vida académica, é no meu segundo ano, em que me torno presidente da Associação de Estudantes da Escola Superior de Educação, não havendo na altura Federação Académica, ou seja, nos tínhamos uma Associação Académica que deixou de existir por causa de uns problemas e depois passados dois anos de estar a frente da Associação de Estudantes da ESE em conjunto com a Associação de Estudante da ESTG, principalmente, que eram as duas escolas com mais alunos, entendemos que de facto seria importante haver um representante, digamos assim, de todas as escolas. É aqui que surge a ideia, de certa forma, de criarmos a Federação Académica e nessa federação, íamos ter todas as Associações e representariamos todos os estudantes.

**RN - Que tipo de ligação tem com a Hinoportuna?**

VM- Relativamente a minha ligação com a Hinoportuna, eu não tenho uma ligação direta. Fiz parte da Associação de Estudantes e tive uma ligação não-direta com a Hinoportuna. Tive enquanto Federação, no sentido em que, nós em conjunto com eles organizava-mos a serenata e fomos nós os primeiros enquanto federação académica, e eu fiz parte desse grupo, em que de facto, elementos da Hinoportuna, fizeram parte da mesma. Na altura, através do, acho que era o Filipe Ussene, não me recordo se era presidente ou *magister*, mas penso que seria o presidente da Hinoportuna, ele fez parte, durante o meu mandato como Presidente da FAIPVC, ele era o meu presidente da mesa de Assembleia Geral, ou seja o representante dos alunos, digamos assim. Ele fez parte da Federação Académica e de facto, a minha ligação mais direta, foi nessa altura.



  
12/08/2020

**RN- Identifique os momentos mais marcantes da Hinoportuna na sua vida e explique porquê?**

VM- Por acaso não tive, mas vou ter. Porque é o seguinte, desde o ano passado, isto não foi ainda verificado, mas vai-se verificar, através do nosso novo administrador, o Engenheiro José Ceia e numa conversa um bocadinho informal com ele, ele queria que as Associações, a própria Tuna tivesse uma maior presença. E então tendo em conta que a cede da Hinoportuna é nos Serviços de Ação Social, tivemos uma reunião ou duas e abordou-se uma possibilidade de exporem, ou seja, vai haver uma exposição dos 25 anos da Hinoportuna. A ideia é, com essa exposição de certa forma, fazermos um resumo desses 25 anos, em que teremos testemunhas de pessoas que estiveram lá desde o início, de pessoas que permanecem ainda e estão ainda bastante ativas e os prémios, eu acho que isso é muito gratificante. É uma homenagem que se pode fazer por parte da Oficina Cultural, mas acho que vai ser bastante gratificante. Sobretudo a ideia é permanecer na Oficina Cultural, para quando os novos alunos ingressarem no Politécnico de Viana, tenham a oportunidade, através da Hinoportuna, quer com os ensaios, quer eles próprios também incentivarem as pessoas a visitarem a exposição.

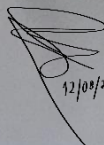
**RN-O que acha do “Festival Lethes”? Quais são, para si, os pontos fortes e os pontos fracos deste Festival?**

VM- A Hinoportuna, estamos a falar de que no ano passado fizeram 25 anos de existência e acho que os 25 anos falam por si, independentemente de todos os prémios, é de um mérito, de certa forma, tendo em conta os tempos hoje me dia. De facto, na Hinoportuna ao longo dos anos, verifica-se, uma qualidade bastante grande. Hoje em dia a Hinoportuna passa a ser uma referência não só para o Instituto, como Tuna Académica, mas também a nível nacional como uma marca. Começo pelos pontos forte, acho que o Lethes hoje em dia não é mais um evento, as pessoas já aguardam e já ficam a espera e isso é bom porque criam expectativas. Mais uma vez, sublinho a questão de serem 25 anos, quando uma tuna chega aos 25 anos é sinal de que tem mais do que competência e ganhou o nome, principalmente, no Alto Minho e não haverá ninguém que consiga de facto apagar isso, e isso para mim é um ponto muito positivo. Um ponto negativo é, na minha opinião, saírem do Teatro Municipal Sá de Miranda e irem para o Centro Cultural, de certa forma, consegues ter mais gente, mas o teatro criava uma coisa que é nítida no nosso Instituto e de certa forma é a nossa diferença relativamente a muitos estabelecimento do ensino superior, que é a proximidade e a familiaridade das coisas e de facto o teatro criava isso e era mais aconchegante.

**RN- Pode-se comparar o “Festival Lethes” a um outro festival de carater Nacional ou Internacional? Se sim, qual/is?**

VM- Para comparar precisava de ter conhecimento de outros festivais do género e não tenho, por isso seria ingrato fazê-lo.



  
12/08/2020

**RN- Os géneros musicais tocados pela Hinoportuna, têm alguma ligação com os diferentes momentos da vida académica? Se sim, quais?**

VM- Eu acho que no início não tem, mas acho que ao longo do tempo tu acabas sempre por adaptar as letras e até as próprias músicas às tuas vivências durante o teu período académico e tudo se reflete mais tarde. No momento não, mas depois consegues enquadrar isso, por exemplo a música "*Havemos de ir a Viana*", automaticamente há-de ficar para sempre para quem estuda, para quem fica, pelo menos para quem passa no Politécnico de Viana.

**RN-Consegue determinar uma ligação entre as músicas e os lugares da cidade?**

VM- É assim, para mim a Hinoportuna sempre que atuou na Sê, teve um grande impacto e nós na Federação, conseguimos que depois a Hinoportuna atua-se, numa Serenata, no adro da igreja da Nossa Senhora da Agonia, e também se criou ali um impacto muito grande. São lugares marcantes.

**RN-Que futuro prevê para o "Festival Lethes"? Como se pode garantir a sua sobrevivência?**

VM- A Hinoportuna não é só um festival, a Hinoportuna é uma Associação. Eles têm um evento responsável, mas durante o ano participam em muitos outros eventos. Através, mais uma vez do novo administrador, Engenheiro José Ceia, sei da criação de um departamento de Associativismo, em que será feito o acompanhamento e ver o que eles precisam e de certa forma ele nomeou-me para poder fazer esse acompanhamento a partir do próximo ano, quer com a Hinoportuna, quer coma própria Tunice, com as outras Tunas que temos e para além disso, coma as Associações de Estudantes. Prevejo que o Lethes, na minha opinião, se pudesse voltar ao teatro, acho eu seria mais familiar e seria melhor. Relativamente a continuidade, acho que quem chegou até aos 25, há-de chegar a muito mais, com certeza.

**RN-O que é que as Tunas trazem, em tom de influência, a vida académica de um estudante? E de um espectador "comum"?**

VM- As tunas trazem uma parte mais lúdica a vida académica. Às vezes os estudantes necessitam de não só pensar nos estudos, a vida académica não são só os estudos. Quando eu entrei, o meu curso era de 4 anos e dificilmente alguém acabava o curso em 4 anos, as pessoas tinham outras atividades para além disso, quer com as Associações de Estudantes, quer com a Federação Académica e até com as próprias Tunas e cada vez mais o mercado de trabalho também dá uma grande importância a isso, ou seja, um aluno que entra no Ensino Superior, se for um aluno com percurso académico e somente académico, com um currículo e consoante a sua nota, se tiver para além disso um percurso associativista, automaticamente a pessoa vai criar também outras rotinas. Quando falamos da Hinoportuna, não estamos só a falar de festivais, é uma série de coisas, desde instrumentos, a própria logística, arranjar verbas, pedir subsídios, há uma série de coisas que e

preciso planear e tudo isso dá trabalho e no futuro, quando a pessoa entrar na vida ativa, ao fazer parte de uma Tuna, de certa forma vai ganhar algo que lhe vai permitir depois abordar o próprio emprego ou outras atividades que possa ter de outra forma completamente diferente. Ao espetador comum, as Tunas trazem saudade. Anteriormente falamos que as músicas transmitem alguma coisa e automaticamente refletem situações e acho que uma delas, principalmente no repertório das Tunas, é a saudade.

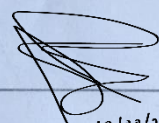
**RN-O que é que o Lethes oferece a cidade?**

VM- O Lethes oferece uma qualidade musical muito diferente da que estamos habituados na nossa cidade, porque acho que está muito ligada ao *rancho* e a música tocada pela tuna, apesar de também tocar música popular portuguesa, é completamente diferente. Sobretudo o Lethes traz uma coisa que é fundamental e acho que a cidade de Viana cada vez mais devia apoiar, que é os estudantes e sobretudo a vida académica. Se olharmos para uma cidade que está ao nosso lado, chamada Braga, vemos que foi uma cidade que cresceu muito por causa dos estudantes e isso é importante referir. O papel de uma Associação como a Hinoportuna é também, de certa forma levar o nome do Instituto mais longe e o apoio da cidade é fundamental.

**RN-Qual é o tipo de publico?**

VM- A última vez que participei num Lethes já vai a algum tempo, foi a mais ao menos em 2015 ou 2016, era ainda no Sá de Miranda. O tipo de publico era muito diversificado, pessoas novas, mais velhas e uma coisa muito boa era que vias ali pessoas que só vês no trabalho e que participavam pelo gosto que tinham a Hinoportuna.

Assinatura do(a) Inquirido(a):

  
12/08/2020



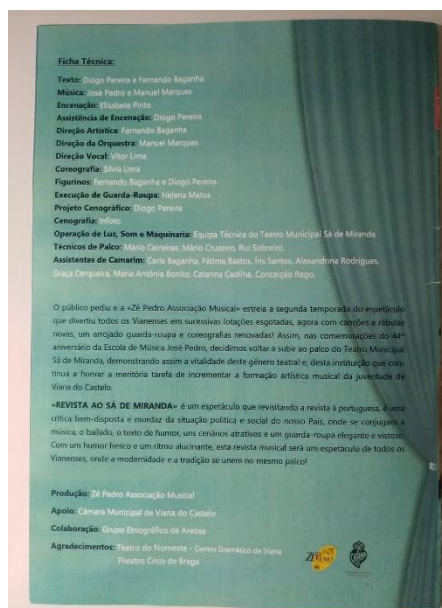
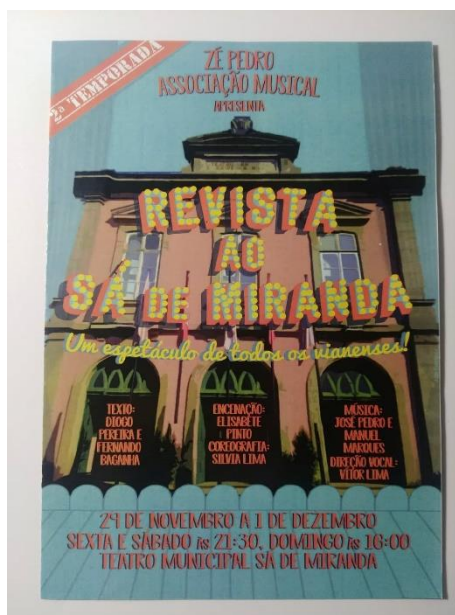
### 8.3. Apêndice 3 - Diário de Bordo <sup>88</sup>

30 de novembro de 2019

- Confirmação positiva por parte do presidente da Hinoportuna sobre o envolvimento da tuna no projeto

01 de dezembro de 2019

Visita ao Teatro – “Revista ao Sá de Miranda”



#### Notas:

- Orquestra em transparência na frente do palco
- Base de improvisação Início da peça em "caixa negra"
- Aparecimento do cenário com uma primeira cena cantada e dançada - "Viana é Bela" - aquarela (figurinos com a cores primárias - "Revista é transmissão de cultura"
- 1º ATO/ SEGUNDA CENA- sobre as pontes - figurinos com a cor das pontes (cenários com painel a projetar fotografias das pontes)
- Cena sobre a Mandona (crítica) - caracterização do povo vianense e da história da cidade (praça da República) / cena termina com música,

<sup>88</sup> As imagens que acompanham o ponto 8.3 - Apêndice 3 – do capítulo 8 deste documento, estão descritas no Índice de Imagens e presentes ao longo do corpo do texto

Figurino da Cantora - representação da Praça da República (música sobre a "Velha Praça")

- Cena crítica sobre o problema de estacionamento em Viana, mendigos, Gil Eanes / História sobre a estátua do Fagundes (cenário mantém-se com painel e projeção de imagens de Viana de acordo com o tema da cena)
- Cena sobre o contra / cena termina com música e dança (sobre a saia rachada da mulher moderna) - cenário no painel com padrão xadrez da saia em movimento (projeção)
- Fecha o cenário (pano preto) para representar mudança de cena
- Cenário sobre as finanças em projeção no painel / figurinos comuns / crítica às reformas e a função pública
- Volta a fechar o pano preto/termina com cenário sobre angola pela introdução da Isabel dos santos- Cenários simples com projeção de imagens e utilização de 4 painéis de luzes na vertical (Hollywood) tipo camarote em representação das revistas portuguesas)
- Utilização de luzes para criação de cenários
- Cena sobre o fantasma da Cultura (cultura está em decadência, atos culturais da cidade são desvalorizados)
- Representação da semana da romaria da Sr. da agonia /introdução de conteúdo histórico sobre a cidade e sobre a fundação maestro José Pedro - toda a cena em representação do cortejo é encenada de forma a que os autores possam falar um pouco de toda a tradição vianesa ( Areosa, Perre, Vila Franca, os ranchos, costumes e tradições) - Cenário contínua simples e investe-se mais nos figurinos em representação dos costumes de cada freguesia em Viana do Castelo - Painel contínua a projetar imagens - "Viana é cor, viana é alegria" - Música sobre Viana com figurinos coloridos.
- 2 º ATO /PRIMEIRA CENA- abertura de uma dança- Tango- cenário com padrão do lenço de viana projetado - Referência a Louça de Viana e representação de danças folclóricas típicas dos ranchos de Viana do Castelo com contraste moderno (jovens)
- Todo o espetáculo tem uma fusão de costumes culturais com referência a música e a todo o tipo de géneros

- Utilização de um banco retangular e luzes focais para dar destaque a cena de duas velhas a conversar
- Cena de Velhos no café representada com uma mesa e 4 cadeiras como cenário físico e projeção de imagens de um café no painel e luz focal nos personagens
- Referência a população velha e ao 24 de abril e a liberdade de expressão como crítica - cenário com cortina preta
- Utilização de elementos simples como bancos e acentos para representar os cenários
- Final da peça protagonizada por uma cena típica de revista a portuguesa com música e dança e figurinos com muito brilho e cor

### 03 de dezembro de 2019

- Reunião com presidente da tuna Ricardo Sá e Pedro Pimentel
- Possíveis Entidades envolvidas: **Academia Sénior IPVC** (elaboração dos prémios), **Blisq** (impressão de layouts), **Viana Festas** (carro alegórico e material para o projeto)

### 13 de dezembro de 2019

- Realização das entrevistas do **Ricardo Sá** e ao **João Teixeira**



### **16 de dezembro de 2019**

- Reunião com a Vereadora e com a direção da Hinoportuna – Ricardo Sá e Pedro Pimentel
- Discussão de datas e limites para o espetáculo - lotação e possibilidades de logística - fácil montagem e desmontagem – limite



### **09 de janeiro de 2020**

- Elaboração das primeiras propostas para os prémios de distinção
- Impressão do primeiro modelo





### 14 de janeiro de 2020

- Reunião de Orientação com a equipa de orientadores
- Discussão sobre alterações no modelo do prémio apresentado
- Primeiras propostas sobre a realização do adereço de cena - Jogo de Sombras- Sombra Chinesa - **La Fura del Baus** (análise de possível caso de estudo)
- Destaque a Santa Luzia e a Pandeireta
- Discussão sobre os limites do local do espetáculo

### 16 de janeiro de 2020

- Encontro com a Professora Rosa Venâncio - Responsável das oficinas de Cerâmica - e a Claire Maca - Aluna da Academia Sénio do IPVC
- Discussão sobre a confeção dos prémios
- Discussão sobre os limites de tempo
- Materiais a serem utilizados - **Proposta:** Pasta de porcelana branca com vidrado transparente - 3º de inclinação possíveis - 15 % a 20 % de retração após cozedura – elaborar um protótipo de teste





### 16 de janeiro de 2020 a 26 de janeiro de 2020

- Acerto das maquetes dos prémios para posterior elaboração dos moldes em gesso – recurso a impressão 3D



### 28 de janeiro de 2020

- Encontro com a Claire Maca - aluna da academia sénior
- Confirmação do modelo 3D para arranque de produção

### 02 de fevereiro de 2020

- Processo de curvamento manual de ferro com recurso a uma calandra na empresa **Ferrolimiana** – Ponte do Lima – para posterior obtenção das peças que constituem o adereço de cena



### 11 de fevereiro de 2020

- Impressão do modelo final - com acertos - em 3D para confecção do molde - *madre* - com recurso as ferramentas de impressão disponíveis no Double Concept Bar – empresa gerida por dois ex-alunos de design do IPVC - Jorge Passos e Débora Silva - em Viana do Castelo

### 11 de fevereiro de 2019

- Encontro com a Professora Rosa Venâncio e com a Claire Maca para entrega do modelo final e alinhamento das peças a serem reproduzidas.
- Entrega de desenhos técnicos.

### 16 de fevereiro de 2020

- Primeiro teste de cozedura – nas oficinas de cerâmica do IPVC - dos prémios.
- Teste de inscrição manual dos prémios de distinção
- Realização de um primeiro protótipo de teste com os recursos disponíveis nas oficinas de cerâmica do IPVC. Resultado: **NEGATIVO** – rutura da peça na fase de cozedura



### 03 de março de 2020

- Segundo teste de cozedura - nas oficinas de cerâmica do IPVC - com base fechada para impedir a rutura durante a cozedura - recorte da base é feito pós cozedura, para fins de retificação das medidas finais, tendo em conta a percentagem de retração
- Resultado: **POSITIVO** – peça aguenta a temperatura da cozedura sem romper



### 04 de março de 2020

- Teste de acabamento nas Oficinas de Cerâmica para retificar o aspeto final das peças. Resultado: **Não corresponde ao pretendido** que seria o acabamento de vidrado em branco





### 06 de março de 2020

- Realização do terceiro e último teste de cozedura – na fábrica de Cerâmica Artística Vale do Neiva – com o modelador **Ricardo Parente**
- Utilização outro tipo de pasta, todo o processo em moldes, enchimento, cozedura e descolagem das peças dos moldes
- Finalização do processo, incluindo o acabamento de vidrado branco e transporte das peças para as Oficinas de Cerâmica do IPVC para posterior recolha





### 06 de março a 05 de junho de 2020

- Interrupção da parte prática do projeto devido a pandemia mundial provocada pelo COVID-19
- Foco assente na parte teórica e continuação do desenvolvimento do documento final

### 05 de junho de 2020

- Entrevista a **Pedro Magalhães**, por via digital na Plataforma Zoom

### 11 de junho de 2020

- Entrevista a **Paula Chaves**, por via digital na Plataforma Zoom

### 12 de junho de 2020

- Entrevista a **Nuno Barbosa**, por via digital na Plataforma Zoom

### 17 de junho de 2020

- Entrevista a **Vitor Monteiro**, por via telefónica

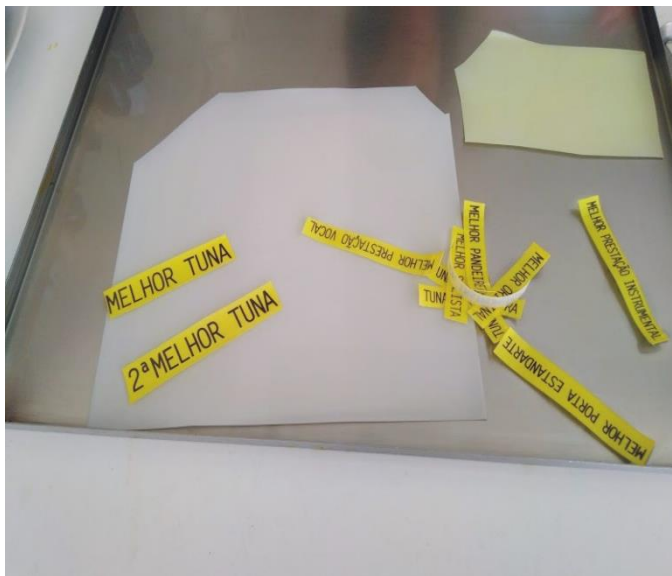
### 17 de junho de 2020

- Deslocação a **Serralharia Miranda** em Deocriste- conselho de Viana do castelo- para soldar os arcos e obter o corpo do adereço de cena
- Transporte do adereço de cena para a **Carpintaria Nova Geração** – Viana do Castelo - para colocação do *platex* nas laterais´



### 21 de julho de 2020

- Recolha das peças – Oficinas de Cerâmica do IPVC – e transporte das mesmas para a **Marcuper, Empresa de Serigrafia Cerâmica**, para proceder a aplicação das inscrições nos prêmios através de uma técnica de Serigrafia, o decalque



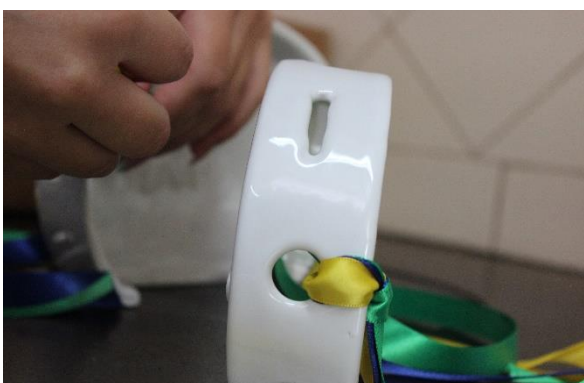
### 13 de agosto de 2020

- Aplicação do platex nas laterais e tela branca na frente do adereço de cena na Carpintaria Nova Geração
- Tela branca de 200x200cm



**17 de agosto de 2020**

- Recolha dos prémios, já finalizados, na Marcuper e aplicação das fitas laterais. Cores da Hinoportuna: **Azul, Verde e Amarelo**



**20 de agosto de 2020**

- Transporte do adereço de cena para casa, para iniciar fase de acabamento (pintar laterias) e fotografar





**27 de agosto de 2020**

- Sessão fotográfica dos prémios finais e adereço de cena com o Hinoportuno, amigo e colega, Ricardo Sá.





#### 8.4. Apêndice 4 - Ficha Técnica do material utilizado na produção dos prémios <sup>89</sup>



## PASTA PGIK-B

Barbotina de grés para enchimento sob pressão  
e enchimento tradicional

### Distribuição Granulométrica (Mastersizer)

D (50)	15,0 µm
--------	---------

Resíduo ao peneiro (63 µm)	1,6 %
Resistência mecânica à flexão (Seco a 110°C)	31 Kg/cm <sup>2</sup>

Propriedades reológicas		Densidade 1725±5 g/l; Viscosidade 240 - 260 °G;   Enchimento sob pressão   Viscosidade 310 - 320 °G   Enchimento tradicional;
Tixotropia (1min.)	45 ° G	
Formação de parede (10 min.)	5,0 mm	
Formação de parede (4,5bar/4min.)	6,0 mm	

Propriedades em cozido		(Temperatura 1180° C) (Anéis PTC)
Contração (Seco-Cozido)	8,5 %	
Absorção de água	< 3,0 %	
Resistência mecânica à flexão (Cozido)	365 Kg/cm <sup>2</sup>	
Cor	73 L   2,5 a   11 b	

O conteúdo deste documento é baseado em valores médios obtidos através dos nossos métodos e ensaios padrão.  
Esta informação técnica indicativa não constitui especificação do produto.  
2020.02

#### MOTA CERAMIC SOLUTIONS®

Zona Industrial de Oitã · Lote 34 · Apartado 90 · 3770-908 Oitã (OBR) · Portugal  
T +351 234729 190 · F +351 234 729 199 · info@mota-sc.com · www.mota-sc.com

<sup>89</sup> Ficha técnica da pasta utilizada na produção dos prémios finais. Fonte: Mota Ceramic SOLUTIONS